

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
LITERATURA BRASILEIRA E TEORIA LITERÁRIA

**HOLDEMAR MENEZES:
MARCAS DE UM TEMPO**

ABELE MARCOS CASAROTTO

Florianópolis, agosto de 1998

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
LITERATURA BRASILEIRA E TEORIA LITERÁRIA

**HOLDEMAR MENEZES:
MARCAS DE UM TEMPO**

Dissertação apresentada por **ABELE
MARCOS CASAROTTO** ao Curso de Pós-
graduação em Letras - Literatura Brasileira e
Teoria Literária - da Universidade Federal de
Santa Catarina, para a obtenção do título de
Mestre em Letras, área de concentração em
Literatura Brasileira.

Florianópolis, agosto de 1998

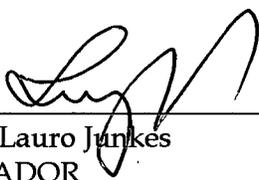
HOLDEMAR MENEZES:
Marcas de um tempo

ABELE MARCOS CASAROTTO

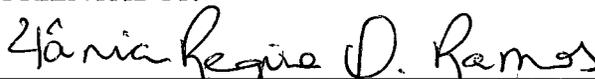
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

MESTRE EM LITERATURA

Área de concentração em Literatura Brasileira, e aprovada na sua forma final
pelo Curso de Pós-Graduação em Literatura da
Universidade Federal de Santa Catarina.

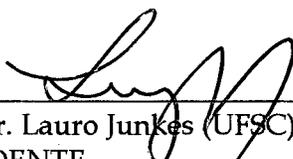


Prof. Dr. Lauro Junkes
ORIENTADOR



Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos
COORDENADORA DO CURSO

BANCA EXAMINADORA:



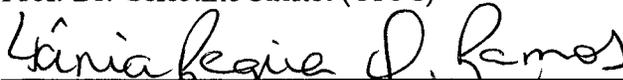
Prof. Dr. Lauro Junkes (UFSC)
PRESIDENTE



Prof. Dr. Donald Schuler (UFRS/RS)



Prof. Dr. Celestino Sachet (UFSC)



Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos (UFSC)
SUPLENTE

**Para João, Graciosa, Adiles, Álvaro, Luíza,
Eneide, Ironides, Cezar, Mery, Lauro,
Tânia, Raul, Maria, Marcelo, Anamaria,
Amanda, Edela, Elba, Iara, Artur, Raquel,
Robson, Roque, Edinei, Sofia e a todos que
devo minha aprendizagem e o que sou.**

**Sinceros agradecimentos ao
Professor Lauro Junkes pela
constante atenção durante a
elaboração desta dissertação.**

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo central as marcas deixadas por Holdemar Menezes nos seus escritos, mais especificamente, no romance **A maçã triangular**.

O estudo apresenta-se dividido em três seqüências: uma escritura da vida do autor segundo as marcas encontradas em seus contos, romances, crônicas e entrevistas; a segunda seqüência os aspectos ideológicos e de estruturação do romance **A maçã triangular**; a última são marcas deixadas por críticos, amigos e jornalistas em relação à obra em pauta.

ABSTRACT

This research has as its main object the study Holdemar Menezes' works, more specifically his novel **A maçã triangular**.

The study is divided in three parts: an scripture of the author's life, according to some hints taken from his short stories, novels, chronicle and interviews; as a second part the study aims at focusing the ideolocal features that structure the novel **A maçã triangular**; the last part focuses on comments by critics, friends and journalists concerning the author's work.

“Sinto-me , agora, guardando a devida distância, como Fernando Pessoa ao publicar seus

poemas:

‘Escrevi-os e devo mostrá-los a todos
Porque não posso fazer o contrário
Como a flor não pode esconder a cor,
Nem o rio esconder que corre,
Nem a árvore esconder que dá fruto.
Quem sabe quem os lerá?
Quem sabe a que mãos irão?’”

(Holdemar Menezes, **Kafka - o outro**, p. 9 e 10)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. HOLDEMAR MENEZES E SUAS MARCAS.....	17
1.1. A vida vivida.....	22
1.2. Belle époque.....	26
1.3. Hoepcke no Cais do Caju.....	29
1.4. O meu destino estava visto.....	32
1.5. Ao final de Kafka.....	39
2. AS MARCAS DO ROMANCE <i>A MAÇÃ TRIANGULAR</i>.....	41
2.1. Apresentação do romance <i>A maçã triangular</i>	42
2.2. A narrativa.....	43
2.2.1. Narrador.....	47
2.2.2. Focalização.....	56

2.2.3. Tempo.....	59
2.3. Personagens.....	64
2.4. Aspectos ideológicos.....	74
2.4.1. Ideologia, um referencial.....	74
2.4.2. Marcas ideológicas.....	79
3. A RECEPÇÃO DO ROMANCE <i>A MAÇÃ TRIANGULAR</i>.....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS E FONTES BIBLIOGRÁFICAS	114
1. De Holdemar Menezes.....	114
1.1. Obras publicadas por ordem cronológica.....	114
1.2. Textos dispersos.....	115
2. Sobre Holdemar Menezes.....	115
3. Apoio técnico.....	118
ANEXOS.....	122

INTRODUÇÃO

A inter-relação existente entre a Literatura, entendida como romance, e a História não é uma das discussões mais recentes, porém, não ultrapassada. Barthes (1987, p.140) apresenta a história e a obra de arte como dois continentes: “de um lado o mundo, sua grande quantidade de fatos políticos, sociais, econômicos, ideológicos; de outro, a obra de aparência solitária, sempre ambígua, uma vez que ela se presta ao mesmo tempo a várias significações”. Esses dois continentes, mesmo separados por uma quantidade de água na sua superfície, por vezes, se encontram na base, principalmente em relação à semelhança e à correspondência mútua entre o grau da narrativa do historiador e do escritor.

Uma das diferenças existentes entre o texto histórico e a obra literária é que a obra não tem o objetivo de representar o universo e não pretende fornecer a confirmação de um saber que pode ser adquirido através de pesquisa histórica, de um estudo sociológico ou da forma científica. A obra literária trabalha com o imaginário e não tem como objetivo primeiro reproduzir o que já está posto. O escritor, quando se apoia nos fatos históricos, procura suscitar as representações existentes anteriormente a sua época; ele irá buscar no passado aquilo que ainda não foi dito, que está reprimido ou latente. A História objetiva relatar o que

aconteceu ou está acontecendo. No entanto, a Literatura não fica presa aos fatos, ela pode narrar o que aconteceu, está acontecendo, poderia ter acontecido ou poderá acontecer.

A literatura é uma produção artística, que utiliza a palavra para a sua manifestação. O valor de uma obra literária não está restrito às mensagens sociais que transmite, mas reside sobretudo no prazeres estético que desperta no leitor.

“Primeiramente, literatura é arte. Portanto, a obra literária é um objeto estético. Uma realização formal que atualiza em discurso as virtualidades dos códigos lingüísticos, retóricos, estilísticos, simbólicos, ideológicos, etc. Linguagem literária não consiste em combinação aleatória de palavras. Se ela é criativa, se busca originalidade expressiva, o fato de escrever errado ou a simples ruptura, por ignorância, da norma não garantem, por si mesmos, criatividade e literariedade. Inova-se uma expressão estética, recria-se a linguagem poética a partir de um trabalho inteligente sobre a língua, dominada na sua manifestação correta. Conclua-se, pois, que poesia e arte literária em geral se fazem com palavras. Mas palavras inteligentemente combinadas. E combinadas criativamente, a partir de um domínio sólido sobre o sistema lingüístico.” (Junkes, 1987, p. 11-12)

A Literatura é uma manifestação autônoma, dotada de características e objetivos próprios, a serem entendidos na sua própria essência. Não depende da história ou da sociologia ou outra área do conhecimento. Mesmo tendo vida própria, a natureza estética da Literatura possibilita o relacionamento com outras áreas do conhecimento e com elas estabelece vínculos estreitos.

Através da literatura é possível vincular ideologias e passar a visão de mundo do autor ou do grupo ao qual pertence ou ainda criticar uma determinada concepção de sociedade. Ao produzir um texto literário vinculado ao social, ao político e filosófico, o escritor não deixa de manifestar os recursos estéticos literários, tais como: sistemas de signos,

estilo, estrutura sintática e narrativa, sistemas de normas, temática, simbologia, mitologia, gênero, entre outros.

“Na verdade, a literatura tem em geral surgido em estreita conexão com dadas instituições sociais; e, na sociedade primitiva, somos até capazes de destrinçar a poesia de entre o ritual, a magia, o trabalho, o folguedo. A literatura, além disso, tem uma função social - ‘utilidade’-, ou que não pode ser puramente individual. Assim, uma grande maioria das questões suscitadas pelo estudo da literatura são, pelo menos em última análise ou implicitamente, questões sociais: relativas à tradição e à convenção, às normas e aos gêneros, a símbolos e a mitos.” (Wellek, 1971, p. 117)

A Crítica Literária tem como uma de suas tarefas o estudo sistemático da manipulação dos recursos estéticos na obra literária. Estabelecer o que se entende por crítica é sempre estabelecer um significado a partir do que está se propondo. Para Wellek (1971, p. 41) “o significado de uma palavra é o que ela assume no contexto ...”. O crítico é um leitor que possui, ou supostamente deveria possuir, instrumentos para estabelecer relações entre os artificios utilizados pelo autor, a sua visão de mundo, época em que foi produzida a obra e a do leitor que recepciona a obra. O crítico, sendo um leitor que tem como objeto de estudo a obra literária, poderá sobre ela estabelecer reflexões em relação ao seu arcabouço teórico, sem, com isso, dissecar todas as facetas que ela esconde.

Uma obra rica e aberta, em relação à estética, poderá sofrer múltiplas leituras e não com isso ser dissecada em toda a sua profundidade.

O romancista, cronista, contista Holdemar Menezes, Cearense por nascimento e Catarinense por opção, autor de vasta obra literária, marcada por profundas relações estéticas e com estreito vínculo ideológico, produz o seu primeiro romance **A maçã triangular** após o

golpe de estado de 1964, que depôs o presidente João Goulart, período este de ausência do controle social sobre o poder político e de substancial autonomia das Forças Armadas no controle do Estado. Em depoimento sobre a seu romance **A maçã triangular**, Holdemar, assim se pronuncia:

“**A maçã triangular**, romance, publicado pela Editora Movimento, Porto Alegre, 1981, foi escrito antes de **A coleira de Peggy** e **A sonda uretral**, livros de contos, para citar apenas os editados. Estava pronto e revisado em 1970. Poderia ter sido publicado logo em seguida, entretanto a publicação foi retardada por 11 (onze) anos. Além de ter havido restrições por parte de três editoras, antes de tudo, por influência de amigos, notadamente, prevaleceu a autocensura ditada pelo medo. O romance foi escrito no período do Governo Costa e Silva, quando, em dado instante, acreditou-se na possibilidade de uma abertura democrática. Após a decretação do Ato Institucional nº 5, seguido que foi pelo Governo de repressão violenta do Presidente Médice, o medo voltou a imperar de forma total, alienante, neurotizante, como fora no Governo Castelo Branco. **A Maçã Triangular**, portanto, é um romance escrito sobre o signo da esperança e do medo...” (Soares, Miguel, 1992, p. 121)

O romance, nesse período de repressão, onde a palavra escrita e falada era policiada, surgia como uma forma de dizer a palavra de forma sutil e comprometida, situando o sujeito historicamente e, via discurso, expressar valores, concepções e condutas.

O Brasil, com a intervenção militar na política durante os anos de 1964 a 1985, passou por um período de ditadura militar. Por ser um tempo de repressão, foi também de encontrar saídas, uma delas a publicação literária. É durante este corte na história e no espaço geográfico de Santa Catarina que se pretende estudar, como objeto de análise, a obra de Holdemar Menezes, mais especificamente o romance **A maçã triangular**, por se tratar de obra que ficcionaliza a problemática sócio-política daquele período.

O estudo apresenta-se dividido em três capítulos: Holdemar Menezes e suas marcas; As marcas do romance **A maçã triangular**; A recepção do romance **A maçã triangular**.

No primeiro capítulo, optou-se por refletir sobre a biografia do autor, para poder delimitar o tema da dissertação; mais especificamente por apresentar uma biografia ou um recorte biográfico deste nome próprio público, cearense/catarinense, Holdemar Menezes (1921-1996), sob a ótica de sua própria obra e de seus rastros em entrevistas concedidas à imprensa, com o objetivo de ficar mais próximo dos fatos ocorridos ou supostamente ocorridos/escolhidos. São os seus rastros, deixando saltar uma visão de quem os deixou.

“A mais óbvia causa determinante de uma obra é o seu criador. O autor; daí que uma explanação da literatura em função da personalidade e da vida do escritor tenha sido um dos mais antigos e mais radicados métodos de estudo literário.” (Wellek, 1971, p. 91)

O relato desta leitura da vida de Holdemar Menezes apresenta-se dividido em cinco seqüências, nem sempre ordenadas cronologicamente. A primeira relaciona os fatos da sua infância e recordações; a segunda, o período em que viveu no Rio de Janeiro, a bela época de estudante; a seguinte apresenta fatos quando da saída do Rio de Janeiro e da chegada em São Francisco do Sul; a quarta seqüência relaciona-se com a produção literária; a última são marcas deixadas pelo autor na obra **Kafka - o outro**.

No segundo capítulo é apresentada uma análise do romance **A maçã triangular**, abordando a estrutura da narrativa, a personagem, bem como os aspectos ideológicos da obra.

Na última seqüência são apresentadas marcas extraídas de cartas recebidas pelo romancista de outros escritores e de alguns textos publicados na imprensa logo após a publicação do romance **A maçã triangular**, os quais se posicionam em relação ao romance.

Os capítulos não são apresentados de acordo com os mesmos padrões. No primeiro segmento, optou-se em apresentá-lo, na sua maior parte, em primeira pessoa e com as notas de citação no final do capítulo; o segundo e o terceiro estão apresentados na forma impessoal e com as citações incorporadas ao texto. A forma de apresentação dos capítulos foi selecionada a partir dos conteúdos que os mesmos apresentam.

O presente estudo é o resultado da leitura de mundo e da palavra de Holdemar Menezes, as quais se entrecruzam para surgir uma outra leitura, sempre aberta.

CAPÍTULO I

HOLDEMAR MENEZES E SUAS MARCAS

Por que me mudaram tanto?
Onde os meus brinquedos de matar ausências,
Meus trens, meus apitos, minha inocência pura?
Em mim ainda dorme o menino
que nunca chegará homem!
(Holdemar Menezes, Balada do menino ausente)

1. HOLDEMAR MENEZES E SUAS MARCAS

É sempre angustiante estabelecer os limites, ao escrever sobre um determinado tema, principalmente em um espaço de tempo estabelecido; ou seria a única forma de escrever? Não sei, só sei que muitos dos meus escritos foram produzidos à base da pressão. Seria esta uma verdade? Holdemar que me ajude (**A vida vivida**, 1983, p. 133):

“O Coronel manda dizer que as minhas palavras doem como chicote, porque eu sou um cara que falo pouco, um cara caladão. Que eu não me meto na vida dos outros, com os problemas dos outros, embora tudo veja, tudo observe, tudo anote. Talvez não seja uma verdade a análise do Coronel.

Entretanto, esse problema de verdade não é muito fácil da gente explicar ou definir. Essa dúvida vem de antes de Pilatos, e ele mesmo não a escondeu. Quando Jesus lhe disse ‘todo aquele que é da verdade ouve a minha voz’, Pilatos lhe indagou: ‘Que é a verdade?’ (Jo 18:37-38).

Jesus, como todo sábio, preferiu se calar. Fugiu da definição, da explicação solicitada por Pilatos. Deixou que o julgador tirasse suas próprias conclusões. Eu teria feito a mesma coisa, e quase sempre o faço. Quando não sei definir uma palavra, mesmo sem o exemplo do mestre, me calo.”

Não sendo possível calar, resolvi não ser convencional ou seguir os princípios que regem as apresentações de trabalhos na academia; escrevo este capítulo em primeira pessoa, assim, talvez, a palavra venha com maior facilidade; porém, será mais comprometedor, estarei mais exposto à crítica ou à censura.

Transcorri longo caminho desde a idéia inicial deste trabalho até a sua conclusão. Utilizo a palavra conclusão no sentido de estar situado num espaço, e não aceito de forma definitiva e fechada. Muitas leituras foram indicadas e muitas outras realizadas. A partir das múltiplas leituras, optei em refletir sobre a biografia e autobiografia, mais especificamente em apresentar uma biografia ou um recorte biográfico de um nome próprio público.

“... na biografia, trata-se, por definição, do nome próprio público, logo um nome que vem junto com a sua tradição: o indivíduo que tem nome é esse aglomerado, aberto, de versões que o pasteurizam, e, paradoxalmente, particularizam, configuram-lhe uma vigência atual. Quanto ao corpo, na biografia, ele é sempre uma imaginação, corpo virtual, pré-fotografado; por isso mesmo, está preso à personagem, ao nome próprio, que lhe garante existência, ainda que instantâneo e variado de coisa imaginada. Contar história de um indivíduo que, no mesmo movimento, não existe como tal. No mesmo movimento que o faz existir individualmente. Ser capaz de construir-se sobre essa indecisa situação é uma prova de fogo da biografia.” (Azevedo, 1994, p.687)

O nome público é o do escritor cearense/catarinense Holdemar de Oliveira Menezes (1921-1996).

Surgiram várias fontes para a coleta do material a ser analisado, como entrevistas com escritores, familiares, companheiros de festas e de profissão, leituras das correspondências emitidas e recebidas, entrevistas concedidas, recortes de jornais, entrevistas com leitores e as suas publicações. Como toda a biografia é trabalho de interpretação dos rastros deixados pelo biografado, lancei-me neles, mesmo que, por vezes, a luneta embaçasse.

Conforme Leite (1979, p. 25):

“Toda biografia é trabalho de interpretação e, portanto, de imaginação criadora. Por isso, nenhuma biografia é definitiva, e sempre será possível refazê-la, a partir de dados basicamente iguais, pois todo biógrafo faz viver o biografado, mais ou menos como o ficcionista faz viver as personagens de sua imaginação.”

Como fonte para a coleta dos dados, escolhi a própria obra literária do escritor e as entrevistas concedidas à imprensa, com o objetivo de ficar mais próximo dos fatos ocorridos ou supostamente ocorridos, considerando que “ninguém diz tudo a respeito de si mesmo, e a verossimilhança e o sentido de uma vida dependem de critérios que são dados, diretamente, pela ação” (Leite, 1979, p. 25).

Lancei-me à (re) leitura dos livros publicados por Holdemar Menezes, - crônicas, contos, romances, ensaio crítico - e publicações a seu respeito. Não satisfeito com o material publicado em livros, recorri a recortes de jornais, correspondências e revistas disponíveis na Academia Catarinense de Letras e Biblioteca Central da UFSC. Com o material reproduzido procurei selecionar o que vinha ao encontro do proposto, relatos que transpareciam ser a sua autobiografia ou que o autor deixava transparecer ser.

Holdemar, em seus escritos, utiliza, por muitas vezes, a primeira pessoa do singular. Nem por isso são relatos de sua vida, porém são leituras do seu mundo e escreve como sendo suas experiências; outras vezes são textos autobiográficos, tornando, assim, difícil identificar a ficção e o real. O texto autobiográfico apresenta grau de dificuldade elevada em relação à sua veracidade, uma vez que o interesse do relator é o de apresentar a sua verdade a respeito dos fatos. Este poder é do autobiógrafo.

São vários os textos autobiográficos de Holdemar Menezes, crônicas e contos publicados na imprensa, que lembram a sua infância e vida em São Francisco do Sul, os quais

são reunidos e publicados em forma de livros. Encontrei, também em seus romances, textos que transparecem a sua autobiografia, ou rastros de autobiografia, como por exemplo:

“...tenho tido dificuldades em escrever o capítulo em que sou, também, personagem, pois ele pretende ser muito revelador, muito pessoal, e não é fácil um escritor abrir todas as suas guardas: deixar transparecer toda sua carga de sofrimento, frustrações, ressentimentos, todo seu ódio e desamor.” (Holdemar, *Os residentes*, p. 100)

Por vezes, a confusão ocorria, mas a biografia é também uma visão de quem escreve.

Segundo Holdemar (*Kafka - o outro*, p. 36), “autor se confunde com seus próprios personagens e se utiliza dos seus próprios sonhos, dos seus desejos irrealizados, para criar espantosas situações”. Ainda citando o autor em *Os residentes* (1982, p. 94):

“Mas, como eu dizia, de uns dias para cá, cheguei a um impasse, que me tem sido duro vencer: falar de mim mesmo, da minha vida, das minhas lutas, das minhas alegrias, tristezas, do meu ódio incontido, da minha carência de amor. E isso porque, na novela, eu também sou personagem. A ficção nasce de um parto difícil, meu jovem, suado, doloroso, sangrento. Os leitores não são capazes de diferenciar o ficcional do verdadeiro. Até mesmo os autores, quase sempre, confundem as duas coisas: se perdem entre a realidade e a ficção, misturam as duas coisas...”

Relato da minha leitura da vida de Holdemar Menezes, apresenta-se dividido em cinco seqüências, nem sempre ordenadas cronologicamente. A primeira relaciona os fatos da sua infância e recordações; a segunda, o período em que viveu no Rio de Janeiro, a bela época de estudante; a seguinte procura apresentar fatos quando da saída do Rio e a chegada em São Francisco do Sul; a quarta está relacionada com a produção literária; a última relacionada a considerações da obra *Kafka - o outro*. O apresentado e (re)grafado é retirado de suas

entrevistas, crônicas, romances e ensaio crítico. Procurei conservar literalmente o seu texto. Por vezes, cometi alguns “sacrilégios”: mudei alguns pronomes, conjunções ou sentenças para que a seqüência fluísse melhor, pois apresentavam-se em locais diferentes. Quero crer ter conservado a essência das suas idéias.

1.1. A vida vivida

Abro a janela e olho para lá do horizonte. Vejo o sol surgindo de dentro das águas. Estou no meio da grande orla côncava. É muito cedo ainda, mas este sol é danado de madrugada. Esta paisagem não me é desconhecida: tive-a menino, em Fortaleza. (1)

Não tenho fixação na infância. Não sofro com saudades dela. A infância é mais um mito do que uma perda irreparável. Mas, fui um menino normal, dentro da classe média ansiosa em galgar postos de mando, de conquistar fama e riqueza. Quando penso na infância, penso em Aracati, a cidade do Ceará onde o Jaguaribe, o maior rio seco do mundo, depois de percorrer 800 quilômetros de inanição, ainda consegue desaguar no oceano. (2) O Jaguaribe nasce lá perto do Piauí e vem entregar-se ao mar...em Aracati, num estuário mais bonito que o estuário do São Francisco. (3)

Ter sido criança, para mim, é ter morado em Aracati. Lá fiz o Curso Primário, tomei banho de chuva, nu, pelas ruas pavimentadas com capim-de-burro. Minha infância é também a fazenda do Major Francisco Joaquim Venâncio, meu avô materno. E todos sabem dos privilégios de uma criança numa fazenda, mesmo que em uma fazenda situada no polígono das secas. (4)

Aracati, mesmo ao tempo da minha longínqua infância, já se destaca das demais cidades do Estado por sua sociedade organizada e bairrista, pelo amor à música, ao teatro, ao jornalismo, ao ensino público e privado, ao folclore. Era importante ter nascido em Aracati, ter morado em Aracati. Era como fazer parte de uma elite. (5)

Quando tomei ciência de meu pai, era ele jornalista, proprietário de jornal, dono de livraria/papelaria, produtor ensaísta de teatro amador, soprador de bombardino na banda municipal, inflamado orador. Minha mãe, uma mulher belíssima, de olhos verdes, vinha do meio rural; filha de fazendeiro do município de União, hoje Jaguaruna. O casal teve dez filhos, dos quais apenas seis se tornaram adultos. (6) Se viva fosse, quantos netos teria para beijar a cabeça branca, quantas lágrimas teria chorado durante a caminhada dos filhos? E o que diria aos netos que lhe deu o filho médico, eles que nunca se aperceberam que, anos atrás, o amor e as flores feneceram numa noite de maio? O que lhes diria ela? E ao próprio médico, impotente diante dos seus sofrimentos e da sua agonia?

Maior passou, mês em que ela morreu. Setembro chegou, mês do seu nascimento. Um ciclo de recordações amargas, entremeadas de outras tantas recordações ternas, que fazem que cada filho, todos os cinco, retornem à infância por imperiosa necessidade de carinho e ternura. (7) Dois de nós moramos na Lagoa da Conceição, o que é um privilégio: eu e o musicólogo Holbein Menezes, que é casado com a artista plástica Jarina. Dos irmãos, apenas um nasceu mulher - mora em Brasília e é enfermeira pela Ana Neri, do Rio. O caçula, Flávio, que é personagem de um conto meu, permaneceu na província para defender a bandeira dos Menezes.

Meu pai era jornalista, dono de três jornais, em épocas diversas. Além disso, ensaísta, teatrólogo, orador primoroso, homem de permanentes leituras, de conhecimentos comprovados da língua. Matriculou-me, já no ginásio, em escola de datilografia, apenas com a finalidade de ter-me como seu datilógrafo particular. Ele escrevia a mão, numa letra ilegível, centenas de laudas. E eu, com preguiça e medo, tinha que passar aquilo tudo para a letra de forma. Depois, tínhamos, os dois, que corrigir o texto: ele lendo os manuscritos e eu conferindo o datilografado. Sobrava para mim, claro, que tinha que passar tudo a limpo, em nova cópia, como exigia o pai e patrão. Só uma peça de teatro, de nome Veneno, me deu mais trabalho do que tudo quanto escrevi até hoje. Havia, na opinião dele, erros imperdoáveis, que só um analfabeto podia cometer... Acredito que era bem possível mesmo.

(8)

A memória é um porão onde se escondem os desejos contidos, as recordações afastadas. É uma caverna atulhada de peças abandonadas, mas que ainda são nossas. (9)

De Aracati, a família foi residir em São Bernardo das Russas, no Baixo Jaguaribe, visto que o velho Ezequiel fora nomeado prefeito daquela florescente cidade, às vésperas da Revolução de 30. Terminada a intervenção, creio que em 1936, fomos morar em Fortaleza, pois não havia ginásios, à época, no interior. Meu pai desejava os filhos estudando, e minha mãe não aceitava separar-se deles. A solução, portanto, seria a mudança para a Capital, o que de fato aconteceu. Daí por que já entrei meio velhinho no ginásio - sou de 1921, estava com 15 anos... (10)

Guardo da remota infância duas emoções marcantes: meu primeiro dia de aula na escola de Dona Francisca Clotilde e o empastelamento de *A Região*, jornal de meu pai.

Ainda sonho com os capangas destruindo as máquinas, virando as caixas de tipo, inutilizando as resmas de papel, numa tentativa de fazer calar a voz do único jornal de oposição do Vale do Jaguaribe. (11) Já disse em outra oportunidade, mas nunca é demais lembrar um fato agradável. Na perda infância, ao ver morto o homem, que tentara fazer meu pai engolir o editorial que denunciava o contrabando do chefe político, ao ver o homem enterrado na lama do rio, com o crânio esfacelado por cabo de remo, fui tomado de um contentamento estranho e altamente gratificante. (12)

Pelos mares de minha infância cruzaram navios de todas as nacionalidades. Apanhava o binóculo do Velho e os inspecionava demoradamente, até se perderem de vista. Foi assim que aprendi a identificar as bandeiras estrangeiras. A mais linda, para mim, era a inglesa, talvez porque achasse muito bonita a filha do Cônsul, curtisse por ela um amor secreto. (13)

O tempo constrói e destrói sua seqüência mecânica, com o passar dos anos, o passado é mais dominador do que o presente (14)

Nos meus tempos, longínquos tempos de fazenda, o luar era uma coisa muito esperada, muito admirada, pois iluminava os pastos, os descampados, as estradas sem luz elétrica ou de querosene. O luar dava uma grandeza muito grande - e muita beleza também - aos domínios da fazenda colonial.

Na cidade, para que luar? Há quantos anos não sei eu o que é um luar? Sei não. Moro numa baixada úmida, espremido entre casas por todos os lados. Sem jardim, sem quintal, sem janelas para o horizonte. Sou um bicho de cidade.

Sou um bicho que vai perdendo a visão para as coisas bonitas... (15) Dizem, e eu não desminto, que eu falo de um tempo que já deveria estar sepultado. (16)

São recordações que esta manhã de sol provoca, que este mar imenso estimula, até porque somos escravos do passado e recordar faz bem, rejuvenesce. (17) Porque no final, é como diz Fernando Pessoa: “Não me arrependo do que fui outrora / Porque ainda sou”. (18)

1.2. Belle époque

Foi no carnaval de 1945. Para a geração moça, há quase um século, portanto. Depois do desfile das Escolas, eu dei a madrugada por encerrada e me encaminhei para a Central do Brasil, a pé, passando pelo Dragão da Rua Largo, pelo Ministério da Guerra, pela passagem subterrânea.

Também confesso - ah, bons tempos - que eu havia bebido muito. (19)

Vivi num Rio que não existe mais, o que não é de todo muito natural. Fui fazer a maioridade civil naquela então encantada cidade. Morei no Rio de 1941 a 1950. O que vale dizer: assisti ao rompimento com o Eixo, à volta da Força Expedicionária, à deposição de Getúlio, à eleição do general Dutra, ao fechamento do Partido Comunista e dos cassinos, à inauguração do Maracanã e ao fracasso da grande seleção de 1950. Na faculdade, entrosei-me com o movimento político estudantil. A meta era o combate à ditadura getuliana, ainda mais que estávamos lutando, nos campos da Europa, contra o nazi-fascismo. Tornei-me, por

conseqüência, freqüentador da UNE, dos seus congressos agitados, dos seus movimentos de subversão ao regime espúrio e decadente.

Como militante da UNE, conheci pessoalmente Adauto Lúcio Cardoso, Hermes Lima, João Mangabeira, Carlos Lacerda, Café Filho, Hamilton Nogueira, Plínio Salgado, Luís Carlos Prestes, Carlos Marighela, Agildo Barata, entre tantos políticos que procuraram liderar os estudantes. Mais gente de esquerda do que de direita, certamente. Como sobrevivente do meu tempo de UNE, só ouço falar, de quando em vez, de Roberto Gusmão e de Severo Gomes. (20)

No meu tempo de estudante, quando a gente apanhava uma gripe que não desaparecia pelos processos normais, isto é, com os medicamentos da moda, o mais indicado mesmo era apelar para o assistente do professor.

E digo para o assistente, porque o propriamente dito era um ser pouco visto, quanto mais de contato assim popular. Professor catedrático, no meu tempo, era gente importante, que aluno só via em três situações: na aula inaugural, como presidente da banca da prova final, e no dia da formatura, caso fosse escolhido paraninfo. (21)

Como tinha um primo clarinetista da Orquestra Fon Fon, tornei-me freqüentador também dos bastidores das rádios Nacional e Tupi, que possuíam os melhores cantores e atores de novelas. Primo Deoclides, muito bom instrumentista, medalha de ouro do Conservatório, possuía um largo conhecimento com o pessoal famoso da época. Assim, relacionei-me com Sílvio Caldas, Carlos Galhardo, Carolina Cardoso de Menezes, as irmãs Batista, Moreira da Silva, Zé Kéti, Cartola, Ataúlfo Alves, Araci de Almeida, chefes de orquestra como Severino Araújo, Napoleão Tavares e Chiquinho, entre tantos outros. (22)

Os jovens são passionais, o que não deixa de ser qualidade produtiva.(23)

Aquele foi o meu período de boêmia, de vadiagem, de estroinice. Eu não tinha dinheiro, mas primo Deoclides financiava tudo.

Aliás, no Rio, tive mais dois primos formidáveis: Barbosa e Santos. Primo Barbosa era da polícia civil, e até carteira de investigador me arranhou. Com ela eu não pagava trem, cinema e futebol. E o primo Santos então! Era gerente de um restaurante português da Rua São José e matou-me a fome, como bom cristão, muitas vezes. (24) Esse assunto já deu samba e desenho animado. Isso, no meu tempo de estudante. (25)

O maestro Chiquinho, da Rádio Clube do Brasil, lançou um concurso que tinha a finalidade de descobrir um cantor revelação. Ele e o primo Deoclides insistiram para que eu me inscrevesse, pois, por influência deles, até poderia ser um dos finalistas... Fugi da arapuca, visto que eu não cantava nem em banheiro. Sabe quem ganhou o concurso? Veja só: Dolores Duran! Deus é justo. Mas, olha, falar das figuras humanas com quem convivi nos meus anos de Rio de Janeiro valeria muito mais que um volume de memórias. Isso deixaria de lado todas as atividades universitárias, que formam um mundo muito estranho. Falar dos colegas, dos professores, de aprendizagem hospitalar, das “enfermeiras”, haja tempo e espaço. (26)

Confesso - ah bons tempos - bebi muito. (27) O melhor será dormir, pois, após o sono, quase sempre ... (28)

1.3. Hoepcke no cais do Caju

É bom mexer com coisas do passado, ainda mais quando este passado está morno ainda, revela impressões de ontem. Impressões apenas adormecidas e nunca apagadas, e nunca defuntas. Aliás, a grande borracha do tempo dificilmente apaga: apenas amortece, hiberna, anestesia. (29)

Quando procuro analisar a minha opção pela Medicina, admito que a minha “vocação” veio do desejo de escapar do brid o paterno e das intolerâncias da Igreja Presbiteriana. (30)

Não havia doutores médicos na família, não havia convivência com serviços médicos que pudesse influenciar na decisão. Creio que foi mesmo o desejo de correr mundo. Na época, em plena Segunda Guerra Mundial, o Brasil entra-não-entra no conflito, não havia faculdade de Medicina no Ceará. Quem pretendia ser médico teria que optar por Belém, Recife ou Salvador. A grande maioria ia para Salvador, pelo prestígio que a Escola desfrutava, uma das melhores do País. Então, creio, inventei em ser médico como uma oportunidade para sair de casa. São houve uma soluço: ir estudar no Rio, pois teria o apoio de uma tia, irmã de meu pai, que morava em Bangu, e que foi uma pessoa muito especial na minha vida. E tal circunstância foi fundamental, pois meu pai, com enormes encargos familiares, não podia manter um candidato a doutor na Capital da República.

Terminado o curso médico, concluída a residência no Hospital da Gamboa, perdida a Copa do Mundo de 50, entendi que já era tempo de levar a vida a sério, como desejava a minha família no Ceará. Andei fu ando embaixadas, várias, no desejo de conseguir

uma bolsa para o estrangeiro. Nada. A coisa não era fácil como hoje. Apareceu-me uma oportunidade na Argélia, que vi logo que não daria certo. Faria um cursinho de seis meses em Paris, de doenças tropicais, e depois seguiria para cumprir um contrato de dois anos na Argélia. Então resolvi sair do Rio para qualquer lugar que surgisse. A primeira oportunidade que me apareceu, eu que já era plantonista do Hospital Gal. Vargas, pertencente ao IAPETEC, foi como cirurgião em São Francisco do Sul. Nem sabia onde ficava a cidade, mas, de pronto, aceitei a oferta e embarquei pelo “Hoepcke”, no Cais do Caju. (31) Vale a pena dizer que quem me conseguiu o emprego foi o Gal. Canrobert Pereira da Costa, Ministro da Guerra, em cartão enviado ao presidente daquele instituto, que era, ao mesmo tempo, presidente do Flamengo. (32)

Foi lá onde comecei minha vida profissional. Explico: foi a primeira cidade onde trabalhei depois de formado em Medicina, no Rio de Janeiro. Somente os motivos que me levaram a São Francisco do Sul dão uma noveleta.

Naquela cidade colonial, da qual não consigo me desligar sequer pela ficção, passei anos inesquecíveis. Anos de trabalho e de lazer, que ainda palpitam dentro de mim.

Em primeiro lugar, porque quando a gente é novo tudo é bom demais. Em segundo, porque foi onde passei meus primeiros anos de casado. Em terceiro lugar, porque foi onde encomendei meus três filhos. (33) Filho é aquele que a gente programa, deseja, quer, busca, combina, sonha, faz a dois. (34) A bem da verdade, por circunstâncias fora do meu desejo, apenas um nasceu lá. O primeiro é carioca e o segundo é dali da rodoviária: Maternidade Carlos Corrêa.

A filha é de São Chiquinho do Sul. (35)

Hoje, quando olho um dos meus filhos, nem posso acreditar que ele já foi tão levado. Representava a figura do mau escoteiro: duas más ações em cada meio hora. Agora, não, é um mocinho, preparando-se para entrar no ginásio. Mesmo assim, de vez em quando, toma umas atitudes esquisitas. Ontem, por exemplo, para ganhar uma aposta, levou um coice do cavalo do padeiro.

Também aquela é uma região em que cavalo nenhum suporta um beliscão.(36)

São Francisco do Sul é um marco na minha existência, tanto afetiva quanto profissional, familiar, política e literária. Foi um período muito bom, muito produtivo, muito divertido e muito feliz. Nem eu nem minha esposa possuíamos parentes na cidade, mas éramos tratados com tanta fraternidade que logo tínhamos legítimos amigos, e passamos a fazer parte da sociedade de forma integral. Lá curtimos inesquecíveis momentos de nossa vida.

São Francisco do Sul continua sendo o cenário de minha literatura. **A coleira de Peggy**, por exemplo, que foi o meu primeiro livro de ficção, trouxe-me na verdade, alguns aborrecimentos. Muitas pessoas se identificaram em personagens meus. Criou-me um ambiente de animosidade contra mim. Houve manifestações hostis no Rotary, no Lions, na Câmara de Vereadores, pois alguns entenderam que eu tivera a intenção de denegrir a cidade, de expor pessoas ao ridículo.

O tempo, que tudo apaga, encarregou-se de atenuar as incompreensões, de frenar as emoções exaltadas. Continuo devendo a São Francisco do Sul um romance de verdade, que lhe faça justiça, que lhe forneça dimensão nacional. (37)

De qualquer forma, gente de São Francisco do Sul, se observarem bem, agora passado tanto tempo, verão que o pior personagem do livro sou eu mesmo. Sou eu o maior bandido, o maior contrabandista, o maior traído, pois o livro foi escrito na primeira pessoa. Será que nem o Celso viu isso? (38)

1.4. O meu destino estava visto

Certa vez falávamos de morte, até porque éramos muito jovens e a morte se nos apresentava como um tema apenas filosófico, e Van Jafa recitou Fernando Pessoa: “E quando se vai morrer/ Lembrar-se de que o dia morre/ E que o poente é belo e é bela a noite que fica/ Assim é e assim seja”.

Oranice, rodando os cubos de gelo com o dedo, retrucou com outros versos de Pessoa: “Quando vier a primavera/ Se eu já estiver morto/ As Flores florirão da mesma maneira/ E as árvores não serão menos verdes que na primavera passada/ A realidade não precisa de mim/ Sinto uma alegria enorme/ Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma”.

Eu não disse nada. Fiquei calado, apesar deles me instarem. Meu destino estava visto, era mesmo ser parteiro. (39)

Nunca me destinei a ser escritor. Nunca isso foi uma ambição minha. No ginásio, em verdade, cometi uns dois artigos e uns poucos contos, que foram publicados em revistas alternativas. Até ganhei um concurso, em 1936, cujo prêmio foi o livro do conhecido biógrafo Vicente Themudo Lessa, **Maurício de Nassau, o brasileiro**. Ofertava o prêmio, que seria,

obrigatoriamente, um livro, o pai do vencedor. Meu pai, então, todo vaidoso, tocou este pomposo autógrafo: “Ao meu filho Holdemar, para que o triunfo dos fortes lhe inspire uma conduta na vida, tornando-se destemeroso sem empáfias, tolerante sem renúncias e humildade sem fraquezas morais. Que faça da Liberdade um dogma, da Justiça um culto, da Honestidade uma lei e da Caridade a sua melhor virtude”. Meu pai, admito que ele teve muita influência em minha formação de escritor, embora ela tenha se manifestado tardiamente. Pratiquei alguns enganos literários na adolescência, no período de ginásio, porém só resolvi escrever muitos anos depois, já formado em Medicina e residindo nesta ilha do Desterro, aos 50 anos de idade, quando a maior parte dos escritores já são falecidos como detentores do Prêmio Nobel... (40)

Não há ninguém infenso a influência. Todos nós recebemos influências. Quem disser o contrário, não está falando a verdade. Cabe aos críticos, entretanto, descobrirem essas influências. (41)

Que eu me lembro, em criança, os livros infantis eram raros. Ler era uma ocupação de adultos. Entretanto, meu pai, como intelectual que era, conseguia, com o livreiro, o que existia na Capital ou sede da República. Tínhamos os contos traduzidos dos irmãos Grimm, os contos do dinamarquês Anderson e, posteriormente, os contos ou livros de Monteiro Lobato e a coleção do **Tesouro da Juventude**. Revista, só me recordo de uma de leitura obrigatória, a **Tico-Tico**. Não havia revistas em quadrinhos, infelizmente. Era a literatura que me chegava às mãos, por orientação do velho Ezequiel Menezes. (42)

Minha avó materna, conhecida como Dona Aninha Parteira, era uma emérita contadora de histórias de troncoso. Após o jantar, se não havia novena, reunidos adultos e

crianças, ela narrava, como uma profissional de teatro, com entonações de gestos, lindas histórias. De amor não correspondido, de cavalaria, de mistério, de assombração, de heróicos cangaceiros e de príncipes encantados. (53) Essas, sim foram “as minhas leituras” preferidas, as que vinham não dos poucos livros permitidos, mas da memória e da oralidade da Aninha Parteira. Isso no tempo em que os bichos falavam. No ginásio, aí sim, tomei conhecimento da literatura nacional e internacional, pois meu pai possuía uma grande biblioteca. A leitura era, na verdade, o único entretenimento disponível. (44)

Creio ter recebido influências de todos os bons escritores que tenho lido. É, a meu ver, um fato natural. Todos nós recebemos influências. Não há ninguém imune a influência. (45)

Quando comecei a ler Kafka, há muitos anos atrás, nunca poderia imaginar que, num dia futuro, fosse capaz de tentar uma interpretação para sua obra e muito menos através dos seus componentes psicossociais. Levaram-me à leitura, que foi demorada, ruminante, repetida, as afirmativas de ser ele um autor difícil, complexo, que só podia ser compreendido por uns poucos iniciados nas sendas do absurdo e das mensagens subjetivas. Eu teria que penetrar no centro de uma grande parábola e de lá sair confuso, desorientado, liquidado. (46)

Foi uma experiência tímida. Necessitava de um livro para candidatar-me à Academia Catarinense de Letras, por influência de Iaponan Soares, de quem era professor na Faculdade de Educação, e que descobrira que eu, apesar de ser médico, sabia ler e escrever... Como na ocasião, eu estava relendo as obras traduzidas de Kafka, achei que poderia preparar um pequeno ensaio sobre os componentes psicosexuais do controvertido autor. Foi o que aconteceu. Nunca valorizei o pequeno livro, como nunca o depreciei. Ele existe, cumpriu a

finalidade. Claro que agora, vinte anos após, eu seria capaz de escrever uma peça de melhor padrão, mais duradoura, capaz de afirmar-se como bibliografia. São os ossos do ofício, do aprendizado, do imediatismo. (47) Depois que ele foi publicado em 70, quem escreveu no país sobre Kafka citou o livro na bibliografia. (48)

O fundamental é a criação, o momento em que o artista se encontra consigo mesmo e constrói a sua ilha submersa. Isso, sim, é o importante. Publicar é secundário. (49)

Há uma preocupação muito grande do escritor nacional com o angustiante problema de como editar seus livros. Sobre isso já falaram jovens e velhos, ficcionistas e poetas. Para muitos a literatura é catarse, é muleta terapêutica, é fator de equilíbrio para sobreviver como ser normal. É atividade compulsiva, através da qual o escritor se mantém entre a realidade e o sonho, a sanidade e a loucura. Como diz Raul: evita que as agressões do dia-a-dia levem o indivíduo a terminar seus dias caçando coleirinha em São José. (50)

O mais difícil para um escritor é encontrar um editor, e isso eu consegui. Numa inversão total, quem me tem pedido o livro para publicar tem sido o editor. Fato raro nos tempos modernos. (51) Meu primeiro livro foi publicado em 1970. (52)

O meu livro **A coleira de Peggy**, felizmente, foi premiado com o Prêmio Jabuti, um prêmio que, sem desmerecer os grandes escritores de Santa Catarina, é único no Estado. E é também um prêmio muito pouco doado aos escritores brasileiros, porque, até hoje, apenas 16 contistas o receberam. Eu poderia ter publicado mais, depois de **A coleira de Peggy** (que é de 1972). No entanto, dada a responsabilidade do prêmio, ao invés de eu me apressar em publicar livros já prontos, essa responsabilidade me fez agir exatamente ao

contrário: me frenaram, limitaram o desejo de aparecer, e me manietaram no sentido de rever tudo aquilo que tinha guardado nas gavetas.

A espera de seis anos não foi prejudicial. Ao contrário, acho que foi muito boa, essa espera. Ainda mais se considerar que já tenho aprovado mais um livro de contos para ser lançado por essa mesma editora, no primeiro semestre do próximo ano, e um romance que será editado até o final do ano que vem. (53)

Quem se destina escrever está sempre escrevendo. Bem ou mal. Já entreguei à Codecri um livro de contos: **Os eleitos para o sacrifício**. Durante a Bienal do Livro, em São Paulo, entreguei também à Codecri, um romance - **A maçã triangular**. Trabalho, no momento, uma novela e tenho apanhado um pouco porque foge à minha temática. Não só na linguagem, como na forma. Mas, literatura é assim mesmo: é preciso garra, força e paciência para vencer estas dificuldades. (54) Eu só consigo escrever com música, especialmente depois que deixei de fumar. (55)

A maçã triangular, romance, publicado pela Editora Movimento, Porto Alegre, 1981, foi escrito antes de **A coleira de Peggy** e **A sonda uretral**, livros de contos, para citar apenas os editados. Estava pronto e revisado em 1970. Poderia ter sido publicado logo em seguida, entretanto a publicação foi retardada por 11 (onze) anos. Além de ter havido restrições por parte de três editoras, antes de tudo, por influência de amigos, notadamente, prevaleceu a autocensura ditada pelo medo.

O romance foi escrito no curto período do Governo Costa e Silva, quando, em dado instante, acreditou-se na possibilidade de uma abertura democrática. Após a decretação do Ato Institucional nº 5, seguido que foi pelo Governo de repressão violenta do Presidente

Médici, o medo voltou a imperar de forma total, alienante, neurotizante, como fora no Governo Castelo Branco. (56)

Classificaria **Sonda uretral** como imperfeito. Se eu tivesse maior garra ele poderia ter sido melhorado. Mas fica para o próximo. Escrever é revelar demônios interiores ou, quem sabe, até acalmá-los. Diz Miller que é destilar o veneno que se acumulou durante anos. (57)

Toda literatura válida precisa ser autobiográfica, mas nem todos os escritores possuem a coragem da revelação. Você já leu Hermilo Borba Filho ou mesmo, mais importante ainda, Henry Miller? Não? Pois é uma pena: você iria gostar muito. Eles souberam fazer literatura de alto valor artístico: Não precível no tempo. E sabe por quê? Porque escreveram sobre eles mesmos. (58)

Quando a gente já escreveu alguma coisa, conto ou crônica, e essa alguma coisa já ultrapassou os limites atrofiantes da província, é um passatempo interessante ler o que os outros pensam da gente, dizem da gente, como interpretam o que a gente escreve.

De qualquer forma, há poucos dias, conhecido professor de letras da UFSC, analisando minhas crônicas, descobre em mim “um homem angustiado pela condição humana principalmente biológica”. (59)

A angústia é, sem dúvida, o meu tema preferido. Sobre ela, talvez, já tenha dito tudo quanto me permitiu a coragem. Uma grande parte, na verdade, sou obrigado a consumir em silêncio, como quem ruma no entardecer da existência, com aquela sensação de ter vindo apenas para receber o desamor. Ou para semear? (60)

O rótulo é um perigo, é marca feita com ferro em brasa, que permanece indelével e comprometedor para sempre. Entretanto, quase sempre - e é o meu caso - o ficcionista está comprometido apenas com a obra de arte, com o ato da criação.

Se o ficcionista desejasse participar do Processo, deixaria de sê-lo para tornar-se político militante, ensaísta, analista, sociólogo oficial, e o que mais tiver conotação. O ficcionista - e é aí que muitos não percebem - não pretende criar um simples retrato da realidade, porém dimensionar uma ilusão de realidade.

Camus, por ocasião do recebimento do Prêmio Nobel, declarou: “Se a Literatura se conformar com tudo aquilo que nossa sociedade exige, ela não passará, em sua grande parte, de um divertimento sem maior alcance. Teríamos uma Literatura de diletantes ou de gramáticos: em ambos os casos uma arte alienada da realidade de todos os dias”. (61)

O que importa, entretanto, é que o processo criativo continua aderente ao homem, e ele vai modelando obras de arte, que são as que lhe dão grandeza, as que perduram através dos tempos. E essa obra de arte é, às vezes, fruto do trabalho e da fé. Em outras, é uma manifestação de ódio, como diz João Antônio: “escrever é ir à forra!” (62)

De qualquer forma, é um grato passatempo a gente ler o que os outros dizem da gente. Sentir como a crítica é falha, superficial, eivada de chavões, sem nenhuma abordagem mais séria sobre o escritor e sua obra.

De resto, vale a pena citar no momento Ney Messias: “Em geral crítica, positiva ou negativa, é improcedente: só a gente sabe mesmo, com absoluta certeza, aquilo que é”.

(63)

1.5. Ao final de Kafka

Chego ao final desta minha peroração com um sentimento de fracasso, por não ter tido engenho e arte para traçar o perfil do ilustre homem. Compensam-me, entretanto, o esforço e a intenção.

Não guardo a sensação de ter descoberto algo importante, de ter contribuído para a elucidação de novos fatos. Até nem mesmo quero admitir este pequeno texto como verdadeiro e original.

Assumo, no momento, apenas a atitude de quem se lança no mundo das contradições e das revelações pessoais, polêmicas, sem pretender gratidão ou louvores. Apenas uma tarefa executada. Nada mais.

Poderia ter lançado mão da análise de outros contos, outras entrevistas, outras crônicas ou mesmo de outro romance para de lá retirar outros elementos de convicção, no sentido de sedimentar a minha. Isso me levaria, contrariando a intenção, ao aumento do presente texto. Poderia anexar outras citações, explorar mais demoradamente correspondências recebidas e emitidas e teria um volume mais completo, mais rico. Consegui, entretanto, fugir dessa tentação, pois a intenção foi de síntese.

Se o esforço, em algum momento, servir de contribuição ao estudo da obra e da vida de Holdemar Menezes, de elemento útil à compreensão de personalidade tão profícua, atingi a meta desejada.(64)

Transcrições e notas

1. **A vida vivida**, Verão, p.33; 2. Salim Miguel, Entrevista Holdemar Menezes; 3. Flávio José Cardoso, p. 4; 4. Salim Miguel, Entrevista Holdemar Menezes 5. Flávio José Cardoso, p. 4; 6. Flávio José Cardoso, p.4-5; 7. **O barco naufragado**, Um século de esperança, p.60; 8. Flávio José Cardoso, p. 4-5; 9. **A coleira de Peggy**, p. 58; 10. Flávio José Cardoso, p. 5; 11. Salim Miguel, Entrevista Holdemar Menezes; 12. **Jornal de Santa Catarina**, Eu: réu confesso, 26 de out. 1980, p.14; 13. **A vida vivida**, Verão, p. 34; 14. **A vida vivida**, Das quase memórias, p.40; 15. **A vida vivida**, Uma lua muito grande, p. 27; 16. **A vida vivida**, O barco e seu porto, p. 51; 17. **A vida vivida**, Verão, p. 33; 18. **A vida vivida**, O barco e seu porto, p. 53. 19. **A vida vivida**, Acabou dando bode, p. 154; 20. Flávio José Cardoso, p. 6; 21. **A vida vivida**, Prudência e caldo de galinha, p. 143; 22. Flávio José Cardoso, p. 6; 23. **Os residentes**, p. 29; 24. Flávio José Cardoso, p. 6; 25. **O barco naufragado**, O boi e o toque do tambor, p. 29; 26. Flávio José Cardoso, p. 6; 27. **A vida vivida**, Acabou dando bode, p. 154; 28. **A maçã triangular**, p. 109. 29. **A vida vivida**, Das quase memórias -1, p. 39; 30. Salim Miguel, Entrevista Holdemar Menezes; 31. Flávio José Cardoso, p. 6-7; 32. Salim Miguel, Entrevista Holdemar Menezes; 33. **A vida vivida**, São Francisco do Sul, p. 46; 34. **Os residentes**, p. 23; 35. **A vida vivida**, São Francisco do Sul, p. 46; 36. **O barco naufragado**, Marginal, p. 44; 37. Flávio José Cardoso, p. 7; 38. **A vida vivida**, São Francisco do Sul, p. 39. **A vida vivida**, Das quase memórias -1, p. 40; 40. Flávio José Cardoso, p. 8 e 5; 41. **A ponte**, novembro de 1979, p. 9; 42. Flávio José Cardoso, p.5; 42. Salim Miguel, Entrevista Holdemar Menezes; 44. Flávio José Cardoso, p. 5; 45. **A ponte**, novembro de 1979, p. 9; 46. **Kafka - o outro**, p. 7; 47. Flávio José Cardoso, p. 6; 48. Mesa redonda do desterro, A, **Desterro**; 49. **O barco naufragado**, Com fama de burro, p. 34; 50. **A vida vivida**, Escrever ou caçar coleirinha, p. 24-25, 51. **A vida vivida**, Sete Salmos por semana, p. 38; 52. **A ponte**, novembro de 1979, p. 9; 53. Silvério, Depoimento, p. 117; 54. Amélia Maria Mello, Holdemar Menezes: Sindicalização virá mesmo contra a nossa preguiça, 55. **Os residentes**, p. 96. 56. Depoimento... In: **Holdemar Menezes: literatura e resistência**; 57. **A ponte**, novembro de 1979, p. 9; 58. **Os residentes**, p. 100; 59. **A vida vivida**, Quem sabe de mim sou eu, p. 31-32; 60. **Barco naufragado**, Barco naufragado, p. 61; 61. **A vida vivida**, Sete Salmos por Semana, p. 38; 62. **A vida vivida**, Escrever ou caçar coleirinha, p. 26; 63. **A vida vivida**, Quem sabe de mim sou eu, p. 32; 64. **Kafka - o outro**.

CAPÍTULO II

AS MARCAS DO ROMANCE *A MAÇÃ TRIANGULAR*

Onde o meu riso, meu franco riso,
Meus anseios perdidos nos sinos da tarde,
Minhas esperanças da adolescência morta,
Que infância era com barba na face?
Por que me mudaram tanto?
(Holdemar Menezes, Balada do menino ausente)

2. AS MARCAS DO ROMANCE *A MAÇÃ TRIANGULAR*

Este capítulo apresentará uma análise do romance *A maçã triangular*, abordando a narrativa, a personagem, bem como os aspectos ideológicos da obra.

2.1. Apresentação do romance *A maçã triangular*

Holdemar Menezes publicou o seu primeiro romance, *A maçã triangular*, pela Editora Movimento, de Porto Alegre, no ano de 1981. Antes havia publicado dois livros de contos: *A coleira de Peggy*, em 1972, pela Movimento de Porto Alegre, livro que lhe concedeu o prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, no ano de 1973, e *A sonda uretral*, editado pela Codecri, do Rio de Janeiro, no ano de 1978.

A construção desse romance é, porém, anterior. Já se encontrava ele escrito e revisado no ano de 1970, não tendo sido publicado logo em seguida, segundo Holdemar Menezes (apud Soares, Miguel 1992, p. 121), “por ter havido restrições por parte de três editoras, antes de tudo, por influência de amigos, notadamente, prevaleceu a autocensura ditada pelo medo” que imperava no seio da sociedade brasileira, no período da ditadura militar de 1964 a 1985.

“Só quem foi inquirido, vigiado, indiciado, perseguido por um movimento revolucionário, como foi o de 1964, pode avaliar o significado do medo, da censura, da autocensura, no processo de criação artística, especialmente da criação literária, que é construída com as palavras, muito mais fácil de serem vigiadas, mesmo por censores incultos.” (Menezes apud Soares, Miguel, 1992, p. 122)

A maçã triangular é uma obra literária que se encontra comprometida com os problemas políticos e sociais do país; é uma obra que oportuniza a reflexão sobre os problemas enfrentados pela população, oriundos da postura autoritária defendida pelos militares. O discurso do romance, que desrespeita a linearidade cronológica, apresenta duas seqüências de acontecimentos, que se alternam: os acontecimentos ocorridos antes do golpe de estado de 31 de março de 1964, enfocando os movimentos estudantis e universitários, as greves, a má qualidade de ensino, o pânico da população em relação aos desdobramentos políticos e sociais, enfim uma fase de agitação; e a segunda seqüência, marcada pela repressão, por arbitrariedades, fase em que a população teme o poder estabelecido, pois muitos militantes políticos sofrem punições, como a tortura, o exílio, o auto-exílio, ou até a morte, e uma parcela de não militantes sofreram punições como forma de servir de exemplo ao restante da sociedade.

2.2. A narrativa

Na prosa de ficção, a “narrativa”, em um sentido amplo, pode ser entendida, segundo D’Onofrio (1983, p. 27), como sendo “todo discurso que nos apresenta uma história imaginária como se fosse real, constituída por uma pluralidade de personagens, cujos episódios de vida se entrelaçam num tempo e num espaço determinado.”

Lefebve (1980. p.170-171) apresenta conceito mais pormenorizado:

“Convenhamos em chamar narrativa a todo o discurso que nos dá a evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado num espaço determinado, num tempo determinado, reflectido a maioria das vezes num espírito determinado que, ao invés da poesia, pode ser o de uma ou de várias personagens tanto quanto o do narrador. O que pensa o Senhor X do universo, ao despertar esta manhã no seu quarto é matéria para narrativa; o que pensa, em geral, do universo o *eu* anónimo do autor é, consoante os casos, matéria para tratado filosófico...”

Das inúmeras conceituações em relação à narração, Junkes (texto avulso) observa:

“... podemos dizer que a narrativa se consolida quando um ato verbal apresenta um conjunto de ações, movimentos ou mudanças nas personagens, o que faz com que, a partir duma situação inicial, se processam várias transformações (fatos, episódios, vivências, estados psicológicos, etc) ...”

Entende-se ser **A maçã triangular** uma narrativa por apresentar algumas características nominadas anteriormente, quais sejam: relato de acontecimentos, que envolvem ação, movimentos, personagens; discurso que apresenta uma história imaginária como se real, impregnado de diálogos e dissertações relacionadas a diversos temas.

Na narrativa podem-se distinguir os aspectos ou níveis: narração e diegese. De acordo com diferentes correntes que estudam a narratologia, tais níveis podem apresentar outra nomenclatura, desde a distinção dos formalistas russos entre fábula e intriga. Todorov (1979) denominou de história e discurso, enquanto Genette (1972) fala em história/diegese e narrativa/discurso. A história ou diegese compreende a sucessão de acontecimentos, as personagens e os espaços da narrativa, enfim, os elementos que constituem o conteúdo da

narrativa, entendendo-se por narrativa um discurso verbal que formaliza um mundo, situado em um tempo e espaço determinados e no qual os fatos são relatados, ou seja, as estruturas lingüísticas apresentam a diegese, a disposição dos fatos no enredo. No romance **A maçã triangular**, é o modo como o narrador, seja Breno ou o narrador heterodiegético sob a focalização de Breno, apresenta a trama ao leitor, para que este entenda o mundo diegético. A diegese é a projeção de um mundo considerado como real.

“Se entendemos por diegese o significado do texto narrativo literário, torna-se óbvio que a diegese de um romance abrange personagens, eventos, objectos, um contexto temporal e um contexto espacial. Por isso mesmo, a história de um romance não é só constituída por uma sucessão de acções, mas também por retratos, por descrições de estados, de objectos, de meios geográficos e sociais, pela construção de uma determinada ‘atmosfera’ etc. É inegável, todavia, que a seqüência de acções, implicando relações estruturais entre as personagens, entre estas e objectos, meios geográficos e sociais, envolvendo factores sociológicos, ideológicos e axiológicos, representa o elemento nuclear da diegese.” (Aguiar e Silva, 1994, p. 719)

A diegese é o referencial da narração que, embora se saiba não ser real, se admite como tal. A diegese constitui o universo espaço-temporal designado pela narração, com projeção imaginária de seres e situações de uma realidade referencial. Entretanto, a diegese está intimamente ligada ao discurso, dois níveis inseparáveis, sobretudo na narrativa de ficção.

“Este mundo suposto real só nos é acessível, evidentemente, pelo discurso. Ao invés do da experiência quotidiana, nunca dele conheceremos senão o que o autor nos quer efectivamente dizer. Há, pois, em simultâneo distinção e ligação estreita entre, de um lado, o discurso verbal que nos instrui sobre esse mundo, a *narração* (também se diz, por vezes, a *enunciação*) e esse próprio mundo: lugares, tempo, personagens, acções, que chamaremos a *narrativa propriamente dita*, ou a *‘ficção’* (segundo Ricardou), ou a *diegese*. Este último termo, que hoje se torna cada vez mais corrente, é tirado, com uma notória

alteração do seu sentido, da distinção feita por Aristóteles entre *mimesis* (imitação directa, como se dá na representação teatral) e *diegesis* (imitação indirecta como se dá precisamente na narrativa). Mais exactamente, a diegese é o conjunto dos significados que são tidos como referentes a coisas existentes.” (Lefebve, 1980, p. 171)

A diegese apresentada no romance *A maçã triangular* tem como protagonista Breno, um professor universitário, que é também o foco através do qual se apresenta a narrativa. É a partir da perspectiva de Breno que os fatos são apresentados. O romance expressa um tempo de incertezas e de medo; é um romance preocupado com a realidade social política e cultural por que passava o Brasil; não é um romance panfletário no sentido de defesa de uma corrente política, mas oportuniza o desvelamento da realidade; é um espaço que possibilita a manifestação de múltiplas tendências ideológicas. O romance inicia com a prisão e condução do protagonista, Breno, de Vacarias à Ilha do Sul, onde fica confinado e em liberdade vigiada. Breno é preso e acusado por subversão à ordem imposta pelo regime militar, crime este que não cometeu; na verdade ele é um “bode expiatório” do regime militar. Breno é uma síntese do povo brasileiro no período da repressão, é um ser angustiado e desiludido em relação aos seus posicionamentos e aqueles impostos pela sociedade autoritária. O romance é relatado em dois tempos absolutamente distintos, os períodos pré e pós-revolução de 1964. Esses dois tempos se interpenetram no discurso, os capítulos são apresentados ora na ilha do sul, ora no espaço ligado à universidade, em sistema de alternância. O tempo, na narração apresentada, não é linear, pelo que só no final do romance se obtém a seqüência completa. O discurso do narrador poderia apresentar primeiramente os fatos ligados aos acontecimentos que antecederam a revolução para em seqüência relatar o confinamento da personagem Breno na Ilha do Sul; seria a forma cronológica, mais fácil de entender a diegese; porém, perderia em criatividade e literariedade; o romance perderia boa

parte do seu caráter instigante, desfaria muito da sua ambigüidade, bem como diminuiria as possibilidades participativas do leitor. O leitor deixaria de ter um romance engajado com os causas sociais, para ter mais um relato de acontecimentos ocorridos no período da repressão no Brasil.

Após demarcar alguns aspectos teóricos em relação à narrativa, os quais estão em sintonia com o romance **A maçã triangular**, serão detalhados aspectos considerados relevantes em relação à constituição da narrativa.

2.2.1. Narrador

Um dos primeiros objetivos, ao estudar uma obra literária, no caso em pauta o romance, é identificar quem narra o texto. O autor não é o narrador. O narrador é uma função inventada pelo autor, é um ser ficcional autônomo, que possui características próprias e não necessariamente são as do autor. As idéias, a visão de mundo do autor não são necessariamente as do narrador. O autor, ao dar vida ao narrador, pode ocultar os seus valores e sua visão de mundo, fazendo com que o narrador se distancie do seu autor. O autor de um romance pertence ao mundo real, histórico e social; o narrador ao mundo ficcional, da imaginação. As experiências e a cultura adquirida ao longo dos anos pelo autor servem de suporte para que o narrador apresente a narração e a diegese. Holdemar é o criador do narrador que, ao ser criado, passa a ter vida própria; o autor é a pessoa que responde pela obra e não pela visão das personagens ou do narrador. O autor é o indivíduo responsável pela criação da narrativa. Trata-se de um ser social, com personalidade própria, inserido em um tempo histórico e num contexto sócio-cultural.

Entre o mundo do autor e o do narrador, ser imaginário, é possível encontrar pontos de identidade, porém não necessariamente.

“...o autor é um ser real e histórico, o criador/produtor último de qualquer obra artístico-literário, não é ele quem fala na narrativa, criando um delegado ou substituto a quem confere a voz elocutiva: o narrador. Esse narrador pode conhecer e apresentar a história a partir do seu próprio ponto de vista ou perspectiva, ou servir-se da visão focalizadora de uma ou de múltiplas personagens, donde resulta a complexa problemática da narração-focalização. “(Junkes, Texto avulso, O narrador e a focalização)

Não é Holdemar Menezes, pessoa física, ser real e histórico que relata os fatos do romance **A maçã triangular**, e sim uma criação artística sua, no caso o narrador autodiegético, Breno, ou o narrador heterodiegético. Distinguem-se, portanto, dois narradores neste romance, já que parte é narrado em primeira pessoa e parte em terceira pessoa.

O mundo real, no qual o autor vive, pode interferir na obra produzida. É de sua imaginação e visão pessoal que irá surgir uma realidade que, embora dotada de estatuto próprio, não será de todo divorciada da realidade que o circunda. Holdemar Menezes, sendo uma pessoa atuante na sociedade, não poderia deixar de apresentar marcas do período de angústia por que passava, não somente ele, mas a maioria da população. O autor, pessoa física, sofreu as conseqüências dos seus atos, ou supostos atos, no período da ditadura; foi inquirido pela Universidade Federal de Santa Catarina como mentor de agitações universitárias e impedido de assumir qualquer cargo de chefia no Instituto Nacional de Previdência Social em que era funcionário, por ser elemento marcado pela ditadura.

No romance tais marcas podem ser observadas em Breno, acusado por um crime que não cometeu. Breno afirma: “Sou um marcado e nunca quis demonstrar o contrário. Na verdade, tudo vai depender do resultado do meu processo” (p. 100-101). Em outras passagens salta, na voz do narrador, o conhecimento do médico Holdemar, mesmo que de forma amena: “doenças pulmonares em crianças e velhos são comuns, com alto índice de mortalidade, apesar dos antibióticos (p. 83), ou faz alusão irônica a termos médicos: “Selma deveria ser vendida no contrabando, em pequenos frascos: ‘tome uma colherinha das de chá de 6/6 horas’” (p. 76). E a “vida vivida” na infância também se faz presente no romance, é o narrador autodiegético Breno narrando: “A noite estava quente e o céu estrelado como o céu do Nordeste”; é o céu da infância com mais estrelas que o dos tristes dias vividos pelo autor no período da repressão. Os fatos narrados em um romance não são, necessariamente, as marcas do autor do texto literário, mas podem ser.

O autor da narrativa pode escolher, dentre as personagens do romance, uma para narrar os fatos ou pode apresentar um narrador que não participa dos fatos narrados, mas irá contar a história e formalizar a sua diegese. O narrador não é uma pessoa física, sua função se restringe à narração, cabendo-lhe dirigir-se a alguém que recebe e compreende o discurso, o narratário. No romance em pauta, o autor escolheu o próprio protagonista para narrar parte dos acontecimentos; é ele que faz com que o narratário tome conhecimento da diegese, narra em primeira pessoa, em certos capítulos. Entretanto, possivelmente para não tornar a narrativa muito subjetiva, o que prejudicaria esse relato de engajamento, o autor faz o narrador-personagem ser substituído por um narrador heterodiegético, mais distanciado, que, no entanto, assume a focalização de Breno.

O autor pode criar um ou mais narradores para o seu texto, os quais desempenham funções diferentes no romance. O romance pode ser narrado por um narrador ausente da história, denominado por Genette como narrador heterodiegético; ou por uma personagem do romance, denominado narrador homodiegético. No segundo caso, se o narrador é também protagonista denomina-se autodiegético. No romance **A maçã triangular**, Holdemar Menezes, utiliza-se do narrador autodiegético, em primeira pessoa, para relatar os fatos dos capítulos: segundo, quarto e décimo quarto. Entende-se que, no capítulo vinte e dois, o narrador é autodiegético, mesmo que se utilize da segunda pessoa. O autor utiliza-se do narrador heterodiegético para apresentar os demais capítulos; neste caso marca o seu discurso com a utilização da terceira pessoa verbal, como se pode observar a seguir:

“Somente **chegam** ao cair da tarde. **Quando atravessam** o aterro para penetrar na ilha, o sol ilumina de vermelho as duas imensas baías. Sinal de mais frio ainda, de geada forte pela madrugada. O jipe pára em frente à Delegacia. **O sargento apresenta-se** com as formalidades de praxe.
 - O preso agora é seu. Me passe o recibo de entrega.
 Certo, Sargento. Leve este merda para o cubículo, diz ao prontidão. O chefe não quer ser molestado. Já teve muitos problemas hoje.” (grifo nosso) (p. 6-7)

No segmento citado, a narração é apresentada em terceira pessoa por um narrador heterodiegético, em focalização externa; o narrador não utiliza nenhum recurso para proceder à análise dos fatos que está narrando. O narrador atém-se em apresentar o fato perceptível pelos sentidos e, na exteriorização dos elementos da diegese, ele, simplesmente, faz com que o leitor conheça os fatos, como visualizando a cena presente.

Embora na mesma seqüência, diferente é o registro que se constata na passagem seguinte:

“Breno sente a boca amarga de tanto fumar, a língua grossa , o estômago nauseado. No quartel, às quatro da manhã, haviam-lhe dado um pedaço de pão e uma caneca de café. Às quinze horas, em Araranguá, permitiram-lhe comer duas bananas e um sanduíche de pão com lingüiça. Mesmo assim, não sente fome. Deseja apenas dormir, relaxar o corpo dolorido. Logo chegam o sono e o sonho.” (negrito nosso) (p. 6-7)

Nesta seqüência, o narrador continua sendo heterodiegético, mas assume a focalização do protagonista Breno, neste caso em focalização interna.

Observando-se as citações acima, pode-se caracterizá-las pela presença de um narrador heterodiegético; é ele que apresenta os fatos de que não participa. Ele narra os fatos e não se confunde com as personagens. O narrador heterodiegético está presente na maioria dos capítulos do romance; para ser mais exato em vinte cinco, num total de vinte e nove. Pelo posicionamento do narrador heterodiegético, apresentado no romance, pode-se considerá-lo como um narrador democrático; nos diálogos e nas discussões entre as personagens, ele se retrai como um simples observador, deixa as personagens falar, não interfere nas suas falas, ele só conduz a narrativa. As personagens apresentam suas opiniões e pontos de vista em relação ao que estava acontecendo no país, permitindo o narrador que elas se pronunciem. No primeiro segmento citado, o narrador possibilita que personagens se manifestem, ele deixa o sargento e o responsável pela delegacia falar. O narrador é um anônimo e exprime-se na terceira pessoa verbal, atendo-se ao simples registro dos fatos ou, mais comumente, assumindo a perspectiva da personagem Breno.

O romance em tela inicia apresentando um narrador heterodiegético, que se alterna por vezes com um narrador autodiegético, em primeira pessoa, fato que ocorre até o quinto capítulo, após o qual predomina o narrador heterodiegético, em terceira pessoa.

“Eu vou sair daqui, Breno.

Olhei-o com surpresa, demoradamente. Tomávamos banho de sol no pátio de treinamento, pois isso também era exigido. Compreendi todas as conseqüências da resolução. Um homem de setenta anos estava impedido de galgar altos muros, burlar a vigilância da guarda, viver escondido dentro do mato. Mas havia serenidade e determinação nos seus olhos doloridos pelo tempo.

- Eu lhe agradeço por tudo quanto você fez ou procurou fazer por mim. Não tenho mais idade para suportar humilhações.

Olhei para os seus cabelos em desalinho, seu sobretudo surrado, a fronte erguida, desafiadora, porém as pernas fracas. Um leão ferido, desdentado, numa jaula de circo suburbano. Falei muitas coisas sem sentido, para preencher o vazio, mas nem sei se ele ouviu.

- Tudo quanto escrevi, falei, debati, não faz mais sentido. Às vezes acredito, chego a pensar que estava totalmente errado. Um passado sem méritos e um futuro sem qualquer perspectiva. É mesmo o fim!

Paramos frente à parte mais baixa do muro, formada por colunas de alvenaria, com traves de madeira em paralelo. Passou um bonde repleto de estudantes. Cantavam, e faziam ritmo com réguas...” (p. 7)

No segmento apresentado o autor escolhe a personagem Breno para narrar os fatos, quando do encontro com seu amigo Alonso na prisão. No caso, o narrador é autodiegético, ele narra as suas próprias experiências como personagem central da história. É a partir de Breno que o leitor percebe os fatos relatados. As demais personagens são vistas através do que vê Breno, através dos seus olhos e dos seus sentimentos.

O narrador autodiegético apresenta-se na narrativa utilizando-se da primeira pessoa em apenas três capítulos, quais sejam: segundo, quarto e décimo quarto. No capítulo de número vinte e dois, a narrativa apresenta-se em segunda pessoa do singular. De acordo com a técnica de narrativa em segunda pessoa, seguindo caminhos abertos por Butor (1957) e outros, pode-se entender tal relato como constituindo um desdobramento em que um “eu”

disfarçado se dirige ao seu segundo “eu”, que de fato figura como “tu”, segunda pessoa, normalmente em tonalidade mais acusatória. Aqui, entende-se de fato como se Breno estivesse conversando consigo próprio. É um desdobramento do protagonista, ele é o narrador dos fatos mas ao mesmo tempo é o narratário. É um relato acusatório que o narrador, no caso Breno, faz a si próprio.

“Guardarás para sempre o teu segredo. Até mesmo por vergonha esconderás o teu casamento, uma vez que a história não te engrandece, pois tu sabes que o povo só ama os heróis de verdade e abomina os que se envolvem com tragédias telenovelescas.

Levarás tua esposa a todos os grandes ginecologistas e eles não encontrarão a cura para sua frigidez. Ela exigirá o orgasmo pleno e tu serás, por motivos desconhecidos dos médicos, incapaz de satisfazê-la. Ela acusará diante dos especialistas, por tua falta de experiência, por tua ejaculação precoce, por teu egoísmo, segundo ela, no gozo individual, pelo teu desamor.”
(p. 89)

Caso raro ocorre neste fragmento de texto, pois o narrador utiliza a segunda pessoa verbal para apresentar os fatos. Não estando especificado quem é o detentor da voz, permite o contexto depreender que o “tu” narratário é Breno, e a voz vem do outro “eu” de Breno. O narrador utiliza-se do futuro do presente do indicativo para marcar o fato. Esta forma de narrar o texto é considerada excepcionalmente rara na literatura. O autor só se utiliza desta forma de narrar os fatos por uma única vez, nessa oportunidade; o narrador não permite que nenhuma personagem se pronuncie, é um desabafo da personagem protagonista Breno que, encarando com lucidez a situação, desmascara a si mesmo.

No início do romance, os narradores hetero e autodiegético se apresentam em capítulos alternados, ora um, ora outro, até o capítulo de número cinco; com o avançar da

narrativa quem assume a condução é o narrador heterodiegético. O procedimento adotado faz com que a narrativa se apresente com maior objetividade; não é mais a personagem individualizada Breno falando do que sente em relação aos fatos narrados, mas sim, o narrador apresentando os fatos a partir da focalização de Breno. Em único capítulo, o de número seis, a presença de um pronome (nosso) indica a presença do narrador autodiegético, mesmo que passageiramente, ao lado do narrador heterodiegético.

Abaixo trecho em que os dois narradores se encontram.

“Recorda-se de Alonso. Foi ele quem o ensinou a examinar uma obra de arte. Aproxima-se para melhor observar a pintura. Uma mulher com um riso de deboche, os olhos desviados para o lado de quem a observa, os cabelos abundantes e desfeitos, o rosto gordo e macilento, as roupas desfeitas, mamas grandes projetadas para cima, mal cabendo dentro do corpete. Sente nas suas costas um oficial do Gottemburgo que lhe fora apresentado alguns instantes atrás.

- Belo quadro, fala Hugo. Também é a única coisa que presta nesta sala.

Herr Fischer, barulhento e alegre, gesticula desordenadamente, **vem ao nosso encontro**, torce o comutador fixo no portal e uma luz amarelada desce sobre o retrato da mulher cínica.

- Gostam? - pergunta Herr Fischer. O pastor também gostava muito...

Breno aproxima-se do quadro, passa os dedos sobre a tela.”
(grifo nosso) (p. 19)

No início desse capítulo, o de número seis, o narrador apresenta-se como heterodiegético, é ele que assume a maior parte da narrativa. Entretanto, em súbita referência, o narrador se torna interno, personagem participante.

O narrador tem como função principal e inalienável narrar os fatos, assim como apresentá-los ao narratário. Se esta é uma das funções do narrador, Holdemar soube bem escolher os narradores. Ao iniciar a leitura do romance em questão, uma das marcas que salta

aos olhos é a verdade apresentada pelo narrador. A verdade, ou a suposta verdade histórica do período de repressão é a mesma verdade ficcional apresentada no romance. Não é o relato de um fato histórico ocorrido, mas sim, a representação de um fato que tem como tecido constitutivo os fatos históricos ocorridos no período da repressão. É o romancista impondo ao texto literário a força geradora da verdade e implantando a literariedade.

O narrador durante a trama consegue, de fato, não de forma explícita, mas de forma implícita, apresentar o momento histórico pelo qual o Brasil passava e, principalmente, apresentar dúvidas em relação ao poder estabelecido e que iria se estabelecer. O narrador proporciona a construção de um romance histórico e engajado com as causas democráticas, mas principalmente comprometido com a liberdade de expressão, tanto das personagens do romance como pelos indivíduos pertencentes à sociedade brasileira da época e à futura.

O narrador autodiegético, no capítulo de número dois, enfatiza os temas intimistas como a tristeza, a desilusão. É o que ocorre na seqüência em que Breno apresenta o seu amigo Alonso, companheiro da universidade e agora da prisão, um intelectual socialista, e enuncia a sua morte no cativoiro:

“Nada aconteceu até a hora do silêncio, que foi anunciado pelo corneteiro. Duas horas depois me chamaram às pressas, nervosamente, com batidas fortes da minha porta. Quando cheguei à cela de Alonso, ninguém havia tocado no seu corpo. Aguardavam a chegada do Serviço Pericial. Um major correu, lívido e apavorado, e vomitou uma massa amarelada por cima da janela. Tirou o lenço e enxugou as grossas bagas de suor da testa bovina. Não desmaiou por honra ao posto, mas sentou-se na cama e baixou a cabeça entre as pernas e ficou a respirar profundamente.” (p. 12)

Os capítulos quatro e catorze também são apresentados em primeira pessoa, nos quais o narrador autodiegético relata os fatos ocorridos. Nessas oportunidades, o narrador utiliza-se da primeira pessoa para relatar fatos pessoais e íntimos da personagem protagonista, como a morte de Alonso, conversas com seus amigos e os fatos relacionados com sua vida íntima:

“Enchi os copos novamente. Meus olhos não se desprendiam das coxas de Giza. Eduardo beijou o focinho da cadelinha. Giza lambeu os lábios com sensualidade, virou os olhos, quando percebeu que eu a observava. Eu ainda era dos poucos que não dormira com ela. Não que não me agradasse, mas porque sua atividade sexual desregrada e pública me desagradava e me esfriava os desejos. Sou do tipo monogâmico...” (p. 52).

São dois narradores com funções específicas, o heterodiegético comprometido em apresentar os grandes temas polêmicos do período da repressão e o autodiegético deixando transbordar os sentimentos da personagem principal. São dois narradores que se complementam.

2.2.2. Focalização

Como são indissociáveis o narrador e a focalização, ou seja, o ato de narrar e o ato de ver, perceber, conhecer a origem dos fatos narrados, é indispensável completar o estudo do narrador com o da focalização.

Entre os elementos estruturadores da diegese, será destacado, neste segmento, o ponto de vista, ou foco narrativo, que pode ainda ser denominado de focalização. Este aspecto é indissociável do narrador. Na análise de uma narrativa, é sempre necessário perceber quem narra, em que posição se coloca o narrador e qual é o seu ponto de vista.

“A focalização compreende as relações que o narrador mantém com o universo diegético e também com o leitor (*implícito*, ideal e empírico), o que equivale a dizer que representa um factor de relevância primordial na construção do texto narrativo.

Como é óbvio, o problema da focalização existe desde que se escrevem narrativas, pois que em qualquer narrativa é essencial a relação entre o narrador, por um lado, e a história, o narratário e o leitor, por outro. O ponto de vista, porém, só desde o final do século passado se transformou num problema sobre o qual reflectiram explicitamente romancistas, críticos e teorizadores da literatura...” (Aguar e Silva, 1994, p. 765)

A focalização caracteriza, na narrativa, pela posição a partir de onde o narrador relata os fatos. Um fato histórico ou ficcional pode apresentar diferentes versões, assim como um indivíduo ou personagem pode ser observado de diferentes ângulos; dependendo da focalização, se terá a possibilidade de reconstruí-la de uma forma ou de outra. Identificar a focalização é de grande importância para a análise de uma narrativa. A compreensão do discurso narrativo implica no conhecimento do ponto de vista do narrador. Em relação à focalização, Genette considera, basicamente, três formas: focalização zero, focalização interna e focalização externa.

Na focalização zero, o narrador sabe tudo a respeito dos acontecimentos e das personagens, conhece desde os pensamentos, as intenções, toda a vida interior, o passado e o futuro. Na focalização externa, as personagens são descritas e representadas pelos aspectos físicos, pelo vestuário, pelos hábitos, gestos, pelo que é perceptível por nossos sentidos, sem considerar o seu interior, pensamentos ou reações íntimas. Na focalização interna, o narrador descreve o que se passa a partir do interior de uma personagem, portanto, podendo conhecer os sentimentos e o íntimo da mesma. A focalização interna também pode ocorrer com o narrador heterodiegético, desde que apresente a perspectiva de uma personagem. É o

que ocorre em grande parte no romance **A maçã triangular**: o narrador heterodiegético utiliza-se da personagem Breno para apresentar os fatos do romance. É a partir da perspectiva ou focalização de Breno que os fatos são apresentados. Em síntese, **A maçã triangular** resulta da visão de Breno, quer seja ele explicitamente o narrador, quer o narrador heterodiegético assuma sua visão dos fatos. Portanto, quer varie a pessoa gramatical da primeira para a terceira, quer seja o narrador autodiegético ou heterodiegético, o ângulo de visão, a perspectiva, a focalização praticamente sempre pertence ao protagonista Breno, com exceção de raros momentos em que a focalização é externa.

O primeiro capítulo do romance em tela é relatado por um narrador heterodiegético, que toma a personagem Breno como foco narrativo.

“Dentro de mais algumas horas o jipe descera a Serra do Mar. Mil e oitocentos metros de curvas em declive. Na saída do quartel, aos primeiros minutos do dia, o chefe falou ao sargento:

- Quando iniciar a descida da serra, algeme o homem. Você responderá por crime se ele fugir. Se tentar, não vacile: cumpra as ordens recebidas!

Acomoda-se ao lado do motorista e sente o olhar do sargento em sua nuca. Uma sensação de agradável liberdade, pois ainda tem as mãos livres e pode fumar à vontade.

.....
A segunda parada foi um pouco antes do início da descida da serra. Breno esvazia a bexiga, contraindo-a espasmodicamente, pois sabe que logo mais terá as mãos algemadas.

.....
No início da descida, o cabo lê o aviso à direita. Então testa os freios...

.....
Breno sente a boca amarga de tanto fumar, a língua grossa, o estômago nauseado. No quartel...” (p. 5-7)

Aqui correm segmentos distintos e narrativos, em que o narrador não é especificado, portanto heterodiegético, narrador em terceira pessoa, porém como se o narrador estivesse ali presente, junto a Breno, acompanhando tudo, o que de fato indica que ele sempre se encontra onde está Breno, para registrar tudo na perspectiva deste. No início do capítulo, o narrador apresenta uma personagem que servirá de foco narrativo. O narrador, no início, não a nomina, ele somente apresenta expressões tais como “algeme o homem”, “você responderá por crime se ele fugir”, só, aproximadamente, na metade do capítulo que o narrador nomina em quem está centralizado seu relato, no caso Breno, quando narra “Breno esvazia a bexiga...” Será Breno o fio condutor dos fatos, será através dele que a narrativa se constrói, seja a personagem Breno quem narre, autodiegeticamente, seja o narrador alguém anônimo, mas que funde sua perspectiva com a de Breno. É claro que tal conclusão não se compõe logo de saída, na primeira leitura. Entretanto, tal hipótese irá sendo sustentada, confirmando-se com o que segue.

2..2.3. Tempo

Outro elemento da estrutura romanesca a ser analisado é o tempo, um componente complexo. Esta questão com múltiplas facetas será limitada, neste estudo, às relações entre o tempo da diegese ou do enunciado e o tempo do discurso narrativo ou da enunciação, seguindo o estudo clássico de Genette.

“Estes dois tempos, o tempo da diegese - ou tempo da história narrada, tempo do significado narrativo, *erzählte Zeit* - e o tempo do discurso narrativo - *Erzählzeit* -, e as suas inter-relações constituem um dos problemas mais importantes do

romance, quer sob o ponto de vista sintático, quer sob o ponto de vista pragmático-semântico.” (Aguilar e Silva, 1994, p. 745)

O tempo da diegese relaciona-se com os acontecimentos, com a história narrada. O tempo normal e natural da realidade é sempre cronológico, ou seja, sempre existe primeiro um antes e só então um depois. O tempo cronológico vincula-se com a sucessão dos dias, estações do ano, períodos de vida das personagens. É um tempo objetivo, medido por períodos regulares, através de convenções consagradas, é um tempo exterior, que comporta a noção de antes, durante e depois; em síntese, é aquele que pode ser marcado pelo calendário ou pelo relógio. “A primeira dimensão temporal a ferir a atenção dum leitor de romance é a história. Em que época se situa a aventura contada?” (Bourneuf, Quellet, 1976, p 171). Retomando a questão, em que época se situam os fatos ocorridos na narrativa **A maçã triangular**, percebe-se que o romance é exposto em dois tempos diegéticos, o pré-revolução e pós-revolução - golpe de estado - de 1964 no Brasil.

A narrativa não é linear, não apresenta os fatos em seqüência. Ao contrário, existe uma alternância entre capítulos relacionados com os fatos anteriores à revolução e outros que se concentram em Breno, após a revolução.

Uma das seqüências narrativas traz acontecimentos que precedem o golpe militar de 1964, no Brasil, tempo de insatisfação e discussões, que se encontra interligado ao espaço da universidade, local de discussões e pontos de vistas diversos, defendidos pelas personagens Alonso, Eduardo, Giza e Celso, com a participação de outras personagens menos significativas para o enredo. O segundo conjunto de fatos se refere ao tempo pós-golpe de estado, tempo de repressão, insegurança e medo, marcado pelo espaço da Ilha do Sul, onde

está confinado o ex-professor universitário Breno. Na Ilha do Sul, através da personagem Breno, é que a trama se desenrola. Tempo e espaço estão intimamente ligados: tempo pré-golpe de estado/local universidade e pós-golpe de estado de 1964/Ilha do Sul.

Esclarecida a época em que se situam os acontecimentos, prossegue a análise em relação à duração e como o discurso registra o tempo.

O tempo absoluto e mensurável, que pode ser quantificado, é o tempo cronológico. O tempo psicológico, ao contrário, é o tempo interior da personagem, o qual se relaciona a ela. É o tempo da percepção da realidade, da duração de um fato ocorrido segundo a sensação psicológica da personagem.

“Esse tempo não respeita a linearidade cronológica, difere do tempo do calendário, é tempo entretido num presente que ora se afunda na memória do passado, ora se projeta no futuro, ora pára e se esvazia. Esse tempo “politemporal” é próprio do romance psicológico moderno, e resulta da criação literária a partir das contribuições científicas modernas: Bergson sobre o fluxo ininterrupto do tempo psicológico; William James sobre a ‘corrente de consciência’, S. Freud e outros sobre o in- e subconsciente.”(Junkes, Texto avulso, O tempo na ficção)

Sendo assim, no romance *A maçã triangular*, a personagem Breno, por vezes, sente o tempo de sua prisão na Ilha do Sul como uma eternidade e o tempo com a prostituta Selma, como apenas breves minutos. O tempo psicológico é subjetivo, pessoal, sem padrões de medida, instituído pela individualidade da personagem, independente das convenções.

O tempo do discurso se refere à narrativa como tal, à maneira como está disposto o enredo, correspondendo ao ato de leitura, à extensão do texto e ao tempo necessário para dele tomar consciência. A relação entre o tempo da diegese e o tempo do discurso,

observando a teorização de Gérard Genette, possibilita vários enfoques, entre eles será destacada a ordem.

Em relação à temporalidade da narrativa, os fatos podem ser apresentados de forma linearmente seqüencial ou não. Se a ordem dos fatos, na realidade concreta, é sempre retilínea, cronológica, seqüencial, no discurso narrativo tal não precisa acontecer e, normalmente, não acontece. A anacronia pode apresentar-se sob a forma de duas variantes: a analepse, caracterizada pelo recuo do tempo narrativo e a prolepse, caracterizada pela antecipação do tempo que ainda está por vir.

A diegese apresentada no romance **A maçã triangular** seria a seguinte: houve um período de turbulência no Brasil, especialmente acontecimentos ligados à universidade, segundo a narrativa. A esse período segue outro, o da revolução, de repressão dos posicionamentos que o poder estabelecido não admitia ou considerava suspeitos. A revolução prolonga-se numa série de conseqüências, como as que acontecem com os professores universitários e Breno. A narrativa, o discurso do romance não segue tal seqüência cronológica. Em princípio, temos duas seqüências na ordem dos fatos, seqüências que se alternam: antes do golpe de estado, na universidade; depois, com Breno, na Ilha do Sul.

O romancista, portanto, faz com que o tempo do discurso distribua a grande seqüencialidade natural dos fatos em duas seqüências que, por sua vez, se desenvolvem em alternância. Além disso, procede a uma inversão, pois a primeira seqüência a que se refere é, de fato, posterior, ou seja, a chegada de Breno à Ilha do Sul e a sua estada nela. A segunda seqüência é constituída pelos antecedentes à prisão de Breno, qual seja, a vida na

universidade e a apresentação do contexto histórico, que antecederam ao golpe de estado. Essa seqüência se encerra com o aniversário do filho de Alonso, que transparece ser a última ceia; é a morte de um período de liberdade de expressão e de esperança de um país novo, comprometido com as causas sociais, com a liberdade. Finalizando a seqüência que narra os fatos ocorridos antes do golpe de estado, Alonso pede a palavra e pronuncia-se:

“- Se for esta nossa última reunião coletiva, nada poderemos fazer para que isso aconteça. Entretanto, dependerá de nós a sua evocação. Os que sobreviverem ao vendaval que se aproxima devem cultivar a memória dos que forem sacrificados. A vida é muito caprichosa nas suas decisões. Como mais velho de todos, sinto, no meu pessimismo, como se essa reunião fosse a última ceia, com uma diferença que entre nós não haverá um delator. À saúde de todos, por todos os bons e maus momentos que passamos juntos!” (p. 111)

O narrador não relata como ocorreu o golpe de Estado e nem como Alonso e Breno foram presos. Essa é uma grande lacuna, como um ponto de interrogação, de advertência, de alerta. Essa sensível elipse, claramente intencional, certamente terá suas razões de ser. Como são opostos os procedimentos de antes e de depois, tal elipse aponta muito bem para a arbitrariedade do golpe. O tempo é apresentado com alguns espaços em branco. Os fatos não são apresentados na sua totalidade, fazendo com que o narratário preencha os espaços em branco. As lacunas constituem um convite ao leitor para participar do romance e da história do Brasil. É o leitor interagindo no texto. As duas seqüências são expostas separadas, mas entrelaçando-se, alternam-se na seqüência dos capítulos, ora seqüência que antecede o golpe, ora seqüência posterior ao golpe. Considerando-se a narrativa como um todo, a ordem dos fatos narrados não é cronológica, mas existe uma cronologia fundamental em cada seqüência,

na qual se encaixam as analepses. Na alternância se evidencia que os fatos ligados à universidade constituem o “antes” e a situação de Breno na Ilha do Sul é o “depois”.

2.3. Personagens

A leitura do romance **A maçã triangular** nos remete a pensar numa série de fatos ocorridos no Brasil, período pré e pós-golpe de estado de 1964, os quais estão organizados em uma seqüência não linear com personagens que vivem através deles. Os fatos ocorridos e as personagens do romance formam uma união indissolúvel. Pensar nos fatos relatados é pensar nas personagens, pensar num é pensar no outro. Pensar na personagem é pensar na sua vida, nos problemas que a fazem participar do enredo, no tempo e espaço que ocupa, nas suas atitudes, no ambiente e em suas características.

As personagens fazem parte do romance, o romance existe através das múltiplas vozes das personagens, que lhes dão vida, seqüência, enredo. O enredo e as personagens manifestam a tendência do romance, os valores e a concepção de mundo que decorre dele.

“A personagem constitui um elemento estrutural indispensável da narrativa romanesca. Sem personagem, ou pelo menos sem agente, como observa Roland Barthes, não existe verdadeiramente narrativa, pois a função e o significado das acções ocorrentes numa sintagmática narrativa dependem primordialmente da atribuição ou da referência dessas acções a uma personagem ou a um agente.” (Aguiar e Silva, 1994, p. 687)

A personagem, no texto literário, é uma criação do autor; é ele que lhe dá vida e a insere em um contexto histórico e social, real ou imaginário; ou a personagem pode ser cópia

de uma pessoa real que, no texto literário, passa a ser um ser ficcional; ou ainda, a personagem pode ser um disfarce do romancista, o autor se projetando na personagem. Independente da fonte em que o autor implícito for “beber” para criar as personagens, há de se considerar a concepção do romance: se histórico, psicológico, realista, surrealista, entre outras. Personagem e pessoa real não podem ser confundidas, ressaltando Junkes (Personagem de ficção, Texto avulso) que:

“A pessoa é um ser real, vivo, de fato existente dentro de determinado contexto histórico-social, um ser totalmente determinado e que se apresenta como uma unidade concreta. Podemos perceber com relativa facilidade a ‘continuidade’ da configuração externa e física da mesma, mas imediatamente constatamos a ‘descontinuidade’ na percepção da sua dimensão interior, do seu variado modo de ser, das suas qualidades, enfim da sua personalidade. (...) A personagem, ao contrário, é ser fictício, convencional, criado e inventado, um ‘ser de papel’ ou um ‘ser de palavra’, uma configuração esquemática, tanto no sentido físico como no psíquico. Ela existe só imaginariamente, através da palavra, mas isso não impede que a personagem criada com verossimilhança proporcione a impressão de uma verdade existencial...”

As personagens do romance **A maçã triangular** são seres de palavras que habitam o mundo ficcional, porém criadas a partir de seres reais, inseridos no contexto social e cultural do Brasil, pré e pós-golpe de estado de 1964; estando presentes no dia-a-dia da sociedade, elas circulam no mundo ficcional e no mundo real com a mesma desenvoltura, são desembaraçadas e embaraçadas; quietas e inquietas; travessas e comportadas; pudicas e impudicas; honestas e desonestas; ativas e passivas; socialistas e comunistas, em suma, são reais e fictícias, são personagens do romance. Quando as personagens de ficção de Holdemar Menezes, observa Junkes (1987, p. 212-213) que:

“Não ignora o autor que a sociedade não é constituída apenas dessa face aparente, depurada, mascaradamente perfeita. Não. Há na sociedade de todos os tempos e lugares a outra face: a marginalizada, a deseducada, a instintiva, aquela que se esconde por detrás da máscara civilizatória. E Holdemar deixa aflorar, sem medo nem camuflagem, essa outra face. Por isso, seu mundo e suas personagens parecem estranhos, quando, na realidade eles existem ao nosso redor, apenas que nós não os queremos ver.”

Não se pretende, neste estudo, polemizar a questão da personagem. Entende-se que as personagens são agentes de ações e veículos de idéias que povoam a narrativa. Na ficção de Holdemar Menezes, as personagens são supostamente fictícias, mas têm tudo a ver com o mundo real. O escritor as transporta para a sua ficção, buscando uma parcela de pessoas que transitam normalmente na sociedade e em grupos marginalizados. Procura desmascarar o mundo da decência e supostamente certinho. São personagens que refletem a sociedade, oriundas de um mundo valorizado por elas e de um mundo que ignora, mostrando o homem nas suas diversas variantes. São personagens que não escondem suas angústias, problemas, desvios de comportamento e que (sobre)vivem com o que sobra da classe dominadora. Essas personagens servem de pano de fundo para os detentores do poder e é nesse cenário que Holdemar resgata esses seres (ir)reais.

Como personagem e enredo formam uma solidariedade, também esses elementos estão solidariamente unidos aos aspectos de tempo e espaço. O romance **A maçã triangular** está centrado em dois tempos/espacos distintos, o período pré e pós-golpe de estado e o espaço da universidade e da Ilha do Sul. Permeando os espacos/tempos, destaca-se uma personagem do romance que serve de linha condutora da narrativa, Breno, personagem que acompanha os dois pólos -tempo/espaco- e serve também de focalização para o narrador.

Breno é o referencial de focalização da narrativa, sobre ele recai a responsabilidade de ser o protagonista da diegese, personagem principal da história, elemento central que conduz os fatos. Breno ocupa o primeiro plano da narrativa, sendo um jovem professor universitário que domina vários idiomas e se apresenta como sujeito culto e introvertido e que sabe controlar as suas emoções. Se Breno é o protagonista, quem seria o antagonista? Qual a personagem ou grupo de personagens que representam o antagonista? Não, não é encontrado um antagonista como força contrária ou de resistência ou um grupo delas. Quem se apresenta como oposição ao projeto de liberdade do protagonista é o sistema político que se instaurou após o golpe. Estas forças que detêm o poder não são apresentadas de forma explícita no romance, elas são ocultas, escondem-se nos aparelhos ideológicos do estado, como na polícia, na igreja, na universidade, nos grupos legalmente estabelecidos e disseminam as suas idéias para as personagens que povoam o romance.

A personagem protagonista do romance não se apresenta igual nos dois segmentos da diegese. No tempo ligado ao período pré-golpe de estado e espaço universitário, a personagem Breno não é um sujeito atuante no meio social em que está inserida; a narrativa conduz a personagem, ela não assume posições em relação aos fatos que estão ocorrendo. É um protagonista apático; mas na trama apresentada, é ele que serve de linha condutora do romance e que possibilita que várias tendências ideológicas se manifestem. A personagem é um elemento desencontrado, não se define em relação à política e nem socialmente. As suas posições são tomadas por influência de outras personagens. Em conversas com o seu amigo Alonso, no período pré-repressão política, Breno é criticado por sua postura de neutralidade perante os fatos. Breno recorda:

“Você é um tímido, Breno, Alonso lhe disse muitas vezes. Falta-lhe a coragem para uma opção, e isso é seu erro essencial. Você nunca é contra nem a favor de coisa alguma. Nunca se sabe o que você pensa das pessoas nem dos acontecimentos do dia-a-dia. Aqui na Universidade todos pensam que você é um medíocre. Você ainda não se encontrou a si próprio. Escreva, Breno, escreva muito, escreva nem que seja para você mesmo. Mate o bicho que está dentro de você, que tem sede de comunicação.” (p. 21)

Na conclusão do capítulo quatorze, que enfoca o espaço universitário, Breno apresenta-se impaciente em relação a uma possível tomada de decisão perante os fatos que estão ocorrendo:

“Minha noite de aniversário não foi das mais alegres, nem das mais descontraídas. Apesar de Alonso ser um obstinado, todos nós percebemos que há uma tempestade a caminho. E essa percepção deixa-nos, a todos nós, nervosos e inseguros, pois nada mais incômodo do que as mudanças ou as tomadas de posição, (p. 54)

Na segunda seqüência espaço/tempo, Breno está confinado na ilha do Sul, após o golpe de estado. Na ilha, considerando-se espaço geográfico isolado das demais partes do mundo, Breno é punido por um ato que não cometeu. É uma vítima do período de repressão política. Ele é tomado como elemento que sofre as conseqüências de um ato de subversão à ordem social imposta pelos regime militar. É um exemplo para que os demais membros da sociedade não subvertam a ordem estabelecida; portanto ele é vítima expiatória e não alguém que paga pelos próprios atos. Isso aponta para uma qualificação dos atos praticados pelas autoridades: a arbitrariedade. Padece não pelo mal feito, mas para constituir uma advertência ao não enfrentamento do poder constituído.

Nessa segunda seqüência espaço/tempo, a personagem principal passa a ter papel de maior importância na trama; ela é a linha condutora, personagem principal, a personagem através de quem a narrativa é enfocada; mas não só isso, ela interage de forma mais contundente com as outras personagens que se encontram na Ilha, ou poderia dizer com as personagens/ilhas que se encontram confinadas de forma voluntária ou involuntária na Ilha do Sul.

Nesse espaço de isolamento, Breno, no capítulo de número dezenove, encaminha-se para a casa de Herr Fischer, e lá, outra ilha, descobre a dor do seu amigo. São duas personagens confinadas, entre outras, na Ilha do Sul, porém com atuação diversa no passado. Herr Fischer desabafa: “Eu nunca tive coragem, Herr Breno, de pagar por minhas posições: isto é, eu nunca tomei posição contrária aos meus interesses particulares”(p. 72). Herr Fischer é uma ilha dentro de si mesmo, tendo como redoma a sua casa, a sua ilha. No final do capítulo, após desabafos e uísques, a embriaguez toma conta de Breno e ele retorna ao Hotel, questionando-se: “E eu, o que sou? Um merda no mundo, um merda com a cara cuspidada e com sono, caindo de sono, sem pernas para chegar ao hotel, sem pernas para ir dormir entre as pernas de Selma” (p. 76).

Breno e Herr Fischer apresentam-se iguais e diferentes, ao mesmo tempo, no romance. Breno é uma personagem tomada como “bode expiatório” do regime militar e não aceita entrar no jogo do poder estabelecido; mantém-se distante, não contribui para a disseminação das idéias enraizadas nos aparelhos ideológicos; ao passo que Herr Fischer, para manter a sua posição, aceita as regras impostas pelo poder que é estabelecido após o golpe de estado. Um vive buscando seus interesses pessoais, enquanto o outro busca melhores condições para a sociedade. Ao mesmo tempo que eles apresentam posturas

diferentes de entender o mundo e de se beneficiar dele ou de contribuir com ele, ambos são iguais em relação às angústias com que convivem. Resumindo, Breno não se conforma com o poder estabelecido; Herr Fischer não concorda, mas faz uso dele para seu benefício próprio.

Breno acorda sempre com mau humor e sofre com suas angústias, dentre elas a de ser acusado por um crime que não cometeu, qual seja, o de subversão à ordem no período pré-golpe militar, bem como o assassinato da sua esposa, fato esse relatado em um único capítulo e não comentado ao longo do romance. O crime não é de conhecimento da sociedade e nem das demais personagens, mas Breno sente-se angustiado pelo ato cometido. Breno é punido pela subversão da ordem social, ato esse não praticado; por outro lado paga por um crime que cometeu, o de ter assassinado a esposa. Esse crime é denunciado exatamente naquele capítulo narrado em segunda pessoa. Para relatar o crime, o narrador utiliza a segunda pessoa. É um relato dirigido a uma pessoa fictícia, que é ele mesmo, é um desdobramento de um outro “eu” de Breno. No caso, o narrador e o narratário são as mesmas personagens, num discurso-desabafo que ninguém pode ouvir. É uma narrativa de Breno para o Breno. Na forma de narrativa acusatória, Breno lembra do fato ocorrido:

“Ficarás meses hospitalizado, não para recompor o fêmur partido, mas para ajustar os nervos abalados. Serás convocado para depor e o inquérito será arquivado na prateleira dos acidentes rotineiros. Começarás uma vida na Universidade. Guardarás o teu segredo para sempre, mas serás prisioneiro dele, e o crime ficará sem punição por muito tempo.” (p. 91)

A fuga é uma permanente em sua vida, fuga do passado, fuga do assassinato, fuga de si mesmo. Ele teme o passado e é inseguro em relação ao futuro. Em conversa com Herr Fischer, Breno comenta:

“- Por sinal, Herr Breno, eu já sei do andamento do seu processo no Ministério. O senhor pretende ir para o Chile. Eu vou sentir a sua falta. Terei muito prazer em lhe aproveitar no Consulado. Mesmo que houvesse resistência, eu sou mestre em contornar situações difíceis, do contrário não seria nomeado Cônsul.

.....
 - Eu preciso ir para o exterior, Herr Fischer. A vida aqui, mesmo terminada a minha pena, não será fácil. Não vou conseguir faculdade para lecionar.” (p. 96)

Quando confinado na Ilha do Sul, Breno apresenta-se constantemente vigiado pelos seus fantasmas e pelas forças ocultas que sustentavam o poder político. É uma ilha cercada de fantasmas por todos os lados.

Holdemar Menezes é um autor que reluta em apresentar as características físicas das personagens. Em entrevista a Salim Miguel (1992, p. 98), referindo-se aos seus romances diz:

“Escolhido o tema, monto um organograma com capítulos, personagens, episódios. Cada personagem recebe um perfil cultural e um perfil psicológico. Sempre ou quase sempre desprezo o perfil físico. Deixo que o leitor imagine como é fisicamente o personagem. Claro que o organograma não é um arcabouço rígido, inflexível. Modificações são introduzidas nele quando acho necessário.

Depois, no final, vem a carpintaria, a montagem, os cortes. A Maçã Triangular não foi um romance fácil de escrever. Deu-me muito trabalho.”

Raramente descreve as personagens, deixando as características a critério da imaginação do leitor. No capítulo dezesseis (p. 61), em um raro momento da narrativa, o autor descreve a personagem Selma, com seios soltos, empinados e firmes, uma oportunidade ímpar em que o narrador apresenta Selma como calmante para as angústias de

Breno, ela é uma forma de fuga da realidade para ele, é uma forma de alienação política com prazer carnal, ela é mais uma ilha na Ilha.

No capítulo vinte e um (p. 84) posiciona-se em relação a Carlos, filho de Alonso:

“Breno sobe as escadas de dois em dois degraus, com o coração batendo forte e rápido. No quarto está um homem de meia idade, de cabelos grisalhos e longas costeletas. Veste uma japona azul, luvas, boné com abas passadas por baixo do queixo, para proteger as orelhas. Levanta-se com agilidade de uma pessoa jovem.”

O narrador, no caso anteriormente citado, utiliza a descrição da personagem Carlos para apresentar a realidade de que Breno está fugindo ou que tem medo de enfrentar; não é mais o prazer carnal e fácil, e sim o prazer que poderia vir via atuação política e de que no momento foge.

Há uma escassez de elementos que caracterizem os traços físicos das personagens no romance. Cor do cabelo, estatura, tipo de pele, olhos, elementos são dispensáveis; o relevante, para o autor, são os fatos ocorridos, a atuação, o processo de criação, o não fechamento da obra. É uma forma de provocar o leitor para participar da trama e na (re)construção do romance.

Outra característica das personagens da narrativa é o permanente conflito interno; não se sentem realizadas, estão sempre à procura de uma nova realidade, caso que aparentemente não se coaduna com a prostituta Selma. Esta, sabendo da sua condição de prostituta, não a esconde; entende que na vida tudo é natural, mas, mesmo assim, ao final da narrativa foge com o aprendiz de toureiro, deixando entender a sua insatisfação de ser apenas amante de

Herr Fischer e válvula de escape para os problemas de Breno. O segmento a seguir contribui para elucidar a afirmativa, qual seja, a ciência dessa personagem sobre sua condição de prostituta.

“- Não fale mal de Herr Fischer, querido! Ele tem sido um pai para mim. Além do mais, ele é seu amigo. O que seria de mim se não fosse Herr Fischer, quando Paquito me abandonou? Me abandonou como uma vagabunda vulgar, sem ter como comer nem onde dormir. Até passei fome, fiquei magra, a pele encerada, com rugas. Tudo o que tenho agora devo a Herr Fischer. Montou casa para mim, me dá mesada fixa, não se importa que eu receba meus amigos nos dias que ele não vem aqui. Onde eu ia encontrar uma situação melhor, me diga?” (p. 60)

Breno, amante de Selma, professor universitário, admirador de obras de arte, poliglota, instruído, é a linha condutora do romance; entre tantas outras personagens, também ele se encontra em permanente conflito. Sujeito tímido e humilde, mas que incute confiança aos que o cercam, de poucas falas, mas quando fala é figura central. O capítulo vinte e oito, esclarece esse traço fundamental da personagem: “Existem alguns aspectos positivos, disse Breno, saindo de sua clássica atitude de não falar, porém apenas ouvir” (p. 109).

As personagens apresentadas no romance **A maçã triangular** formam um grande painel da estrutura social que imperava nos anos que antecederam o golpe militar e os anos seqüentes ao golpe. São personagens que se encontram em dois pólos, direita e esquerda, capitalista e socialista, crentes e não crentes, conservadores e liberais. São personagens que saltam de um período conturbado do Brasil para uma realidade ficcional, porém real.

2.4. Aspectos ideológicos.

Nas seqüências anteriores procurou-se apresentar uma visão da narrativa e da personagem. Nesta seqüência será apresentada uma visão de ideologia, para em seguida, marcar alguns aspectos ideológicos do romance *A maçã triangular*.

2.4.1. Ideologia, um referencial

Ao longo da história, múltiplos conceitos foram apresentados para o termo “ideologia” e ainda hoje são discutidos os já postos e propostos novos.

Heráclito, quinhentos anos antes de Cristo (Morentes, 1980, p. 70-71), em suas discussões, afirmava que, ao examinar verdadeiramente e de forma imparcial as coisas, elas não são nunca, em nenhum momento, aquilo que anteriormente foram, pois elas mudam constantemente; quando se pretende fixar uma coisa e definir a sua consistência, dizer em que consiste, ela já não consiste no que consistia em um momento anterior. Nunca se pode ver duas vezes a mesma coisa, por mais próximos que sejam os momentos; ou, em linguagem metafórica, o homem não pode banhar-se duas vezes na mesma água de um rio. Essas noções trazem no seu bojo as idéias de sucessão de estados, de mudança, de transformação.

Observando-se o exposto, o termo ideologia pode ser analisado, pelo menos, sob a ótica sincrônica, localizado em um tempo histórico e num espaço geográfico, ou pela ótica diacrônica, considerando-se as transformações ocorridas nos múltiplos aspectos sociais. Essas duas maneiras de entender o termo ideologia nos conduzem a pensar que ambas as

posições são justificáveis, em graus desiguais, pois os termos evoluem, e mesmo as mudanças mais rápidas apresentam um certo grau de continuidade; não é tudo que muda, pelo menos aparentemente, e o que muda não se modifica em bloco. O que ocorre é uma superação dialética que se estabelece entre o estático e o dinâmico.

As reflexões apresentadas neste estudo, sobre tema ideologia, não têm a pretensão de esgotar o assunto, e sim fundamentar as proposições para a elaboração das considerações em relação à obra de Holdemar Menezes, **A maçã triangular**.

Segundo Chauí (1981, p. 76) o termo “ideologia” aparece pela primeira vez em 1801, no livro de Destutt de Tracy, **Éléments d'idéologie** (Elementos de ideologia), como sinônimo da atividade científica que procurava entender a faculdade de pensar, tratando as idéias como fenômenos naturais de representação da relação do corpo humano com o meio ambiente. Era uma tentativa de elaborar uma ciência da gênese das idéias.

Na obra **A ideologia alemã**, Marx e Engels (1965, p. 14) identificam a ideologia com a distinção que se estabelece entre a produção das idéias e as condições históricas e sociais em que elas são produzidas.

As ideologias fazem, segundo Marx e Engels, um desvio de percurso; é como colocar os homens e as suas relações de cabeça para baixo em uma câmera obscura, ocorrendo a quebra ou o desvio da direção da imagem. A inversão de imagem faz com que o homem veja as idéias em primeiro plano para, em segundo, ver a realidade. Este desvio de percurso consiste em partir das idéias para se chegar à realidade e não ao contrário, da realidade para as idéias. É uma forma ilusória, abstrata e invertida, onde a realidade representada é considerada como se fosse a realidade social.

A visão ilusória da realidade, como se ela fosse a própria realidade, é estabelecida na consciência do homem. Para Chauí (1981, p. 129):

“...a ideologia é um sistema lógico, sistemático e coerente de representação (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera da produção.”

Entender a ideologia como uma categoria filosófica de ilusão ou como um mascaramento da realidade social, segundo os princípios de Marx e Engels, é provocado pelo fato de aceitar como ponto de partida a crítica ao sistema capitalista e o desmascaramento da ideologia da burguesia. Marx e Engels, em seus escritos, partem do pressuposto da classe dominante para estabelecerem o que entendem por ideologia.

Althusser apresenta suas posições a respeito de ideologia em **Aparelhos ideológicos de Estado** (1985). Para ele, a classe dominante, com o objetivo de manter a hegemonia sobre a classe explorada, cria mecanismos de perpetuação ou de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração das camadas menos esclarecidas ou exploradas. O estado, através dos seus Aparelhos Repressores (ARE), constituídos pelo governo estabelecido, exército, polícia, tribunais, entre outros, e dos Aparelhos Ideológicos (AIE), entendidos como a religião, a escola, a família, a universidade, o política, o sindicato, a

literatura, os críticos literários, entre outros, intervém pela repressão (ARE) ou pela ideologia (AIE) sobre as classes dominadas, submetendo-as às relações e condições de exploradas.

A condição básica da ideologia dominante está, para Althusser, nos Aparelhos Ideológicos, fazendo com que mantenham ou criem as condições necessárias para a reprodução do estabelecido e do já posto. Com isso a classe hegemônica se mantém em sua condição de dominante. Dentre as funções da ideologia, uma consiste em impor ao homem a aceitação de suas condições de existência dentro das condições gerais apresentadas pelos ARE e AIE.

Desvinculando a questão ideológica do ponto de vista dos Aparelhos Ideológicos e da reprodução que gira em torno da ideologia dominante, Althusser aprofunda a questão da ideologia de um modo geral e de forma distinta da exposta até aqui. Para tal intento, formula três hipóteses. Na primeira hipótese “a ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência”; a seguir, “a ideologia tem uma existência porque existe sempre num aparelho, na sua prática ou suas práticas”; finalmente, “a ideologia interpela o indivíduo como sujeito”.

Considerando as três hipóteses de Althusser, a ideologia é entendida como a maneira pela qual os homens vivem as condições reais de existência; o homem cria formas simbólicas da sua relação com a realidade posta e esta relação estabelecida é eminentemente imaginária. A ideologia existe nas relações vividas, envolve a participação do indivíduo em determinada ação no interior dos aparelhos ideológicos. Pode-se dizer que a ideologia se materializa na prática concreta, na ação. Os enunciados de Althusser expõem que a prática só existe numa ideologia e através dela, quando da interpelação dos indivíduos como sujeitos. É através do

mecanismo de interpelação do indivíduo como sujeito que a ideologia atua; é a transformação do indivíduo em sujeito, fazendo com que o sujeito se insira, com as suas ações, nas práticas reguladas e controladas pelos aparelhos ideológicos. Através do sujeito e no sujeito que a existência da ideologia é possível.

No tecido de que é composta a ideologia, encontram-se vários fios de diferentes espessuras, dentre estes múltiplos fios encontram-se os de Eagleton. Em **Ideologia** (1997, p. 38-40), é possível definir ideologia, pelo menos, de seis maneiras diferentes:

“Em primeiro lugar, podemos nos referir a ela como o processo material geral de produção de idéias, crenças e valores na vida social; (...) segundo significado de ideologia, um pouco menos geral, diz respeito a idéias e crenças (verdadeiras ou falsas) que simbolizam as condições e experiências de vida de um grupo ou classe específico, socialmente significativo; (...) uma terceira definição, que trate da promoção e legitimação dos interesses de tais grupos sociais em face de interesses opostos; (...) quarto significado de ideologia conservaria a ênfase na promoção e legitimação de interesses setoriais, restringindo-a, porém, às atividades de um poder social dominante; (...) quinta definição, na qual ideologia significa as idéias e crenças que ajudam a legitimar os interesses de um grupo ou classe dominante, mediante as idéias sobretudo a distorção e a dissimulação; (...) um sexto significado de ideologia, cuja ênfase recai sobre as crenças falsas ou ilusórias, considerando-as porém oriundas não dos interesses de uma classe dominante, mas da estrutura material do conjunto da sociedade como um todo.”

A ideologia é, ao mesmo tempo, uma questão prática e teórica; as explicações, argumentações e definições que são apresentadas ao longo dos anos, desde o início do século passado até os nossos dias, não esgotam o assunto, pois os seus enunciados são alterados com a transformação da sociedade em relação aos múltiplos aspectos - econômicos, históricos, sociológicos..., possibilitando a sucessão de estados a partir das lacunas e silêncios dos conceitos apresentados de ideologia.

Para este estudo será considerado o já exposto em relação ao termo “ideologia”, apontando para a maneira de interpretar o mundo de acordo com os interesses da classe social daquele que o interpreta, conferindo, dessa forma, coesão à classe que a assume, por vezes de forma consciente da realidade ou como forma de deformação desta realidade. É uma força unificadora, legitimadora, universalizante, racionalizante, que orienta a ação da classe que a legitima.

Este estudo teórico, por si só, não faz com que seja um suporte para a análise da obra de Holdemar Menezes, mas aponta elementos ideológicos que possibilitam entender as relações sociais encontradas na narrativa **A maçã triangular**.

2.4.2. Marcas ideológicas

Pretende-se, como linha norteadora deste segmento, realizar uma leitura crítica e reflexiva da obra **A maçã triangular**, do romancista Holdemar Menezes, considerando-se o contexto histórico e ideológico em que o livro se insere e insere os acontecimentos e as personagens da narrativa. Para tal empreendimento, não se entende discurso como um sistema ideologicamente neutro, e sim, como forma de mediação entre o autor e a sua realidade, um local de confrontos e conflitos. Conforme salienta Brandão (1994, p. 12), a linguagem, enquanto discurso, é para o homem “lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudado fora da sociedade uma vez que os processos que constituem são históricos sociais”.

Antônio Cândido, em *Literatura e sociedade*, entende a obra literária como a convergência entre o texto e o contexto (1973, p. 4):

“Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatos externos, quanto o outro, norteadado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno”.

Literatura é arte, é um ato de criação que se utiliza da palavra para criar um universo autônomo, onde as personagens, os fatos, o tempo e o espaço assemelham-se ao mundo real, mas não são o mundo real, e sim, ficcional, não podendo a ficção ser confundida com um relato histórico, mesmo que a literatura e história tenham pontos em comuns. O leitor que comparar um texto histórico com um romance poderá ficar surpreso com as semelhanças existentes entre as duas formas de manifestação da realidade: muitas histórias poderiam passar para o romance, e muitos romances poderiam passar para a história, vistos sob a ótica dos artefatos verbais, pois as formas de estruturação dos discursos são basicamente as mesmas. O que distingue o romance de um texto de história é o tipo de verdade que pretende apresentar.

A intenção do escritor de um romance ou de um historiador é apresentar ao leitor uma imagem verbal da realidade. O romancista pode apresentar sua visão da realidade utilizando-se de formas simbólicas, ao invés de o fazer de forma direta como supostamente os historiadores o fazem. O mundo que é apresentado no romance, de forma simbólica, nasce da experiência que o escritor tem de uma realidade histórica e social. Esse universo, criado pelo

escritor, é um universo que se (re)cria com o narratário. Esta dinâmica de criação e recriação é um procedimento que também ocorre em relação à História, dependendo do nível de linguagem utilizada pelo historiador.

Uma diferença existente entre o texto de história e a obra literária é que esta não tem o objetivo de reproduzir o universo na sua estrita verdade e não pretende fornecer a confirmação de um saber que pode ser adquirido através de pesquisa histórica. A obra literária trabalha com o imaginário e ela não tem como objetivo primeiro reproduzir o que já está posto. O romancista, quando se apoia nos fatos históricos, procura suscitar as representações que existiram anteriormente a sua época; ele irá buscar no passado aquilo que ainda não foi dito, ou que está reprimido ou ainda latente na sociedade. Se a História objetiva relatar o que aconteceu ou está acontecendo, a Literatura não fica presa aos fatos; ela pode narrar o que aconteceu ou nunca aconteceu, está acontecendo ou poderia ter acontecido. A História Factual, enquanto relato dos acontecimentos históricos, não se esgota em si mesma e é desse não esgotamento da História que a Literatura subtrai a cultura, os modos de produção, os costumes, a história dos excluídos e dos detentores do poder. É do não esgotamento da história que Holdemar procura subtrair a cultura, os modos de produção, as discussões em relação ao poder, nas épocas dos períodos pré e pós-golpe de estado no Brasil, apresentando não só a visão dos detentores do poder, mas de uma parcela dos excluídos da história oficial, com isso possibilitando ao narratário/leitor do romance encontrar uma forma de entender o que estava ocorrendo ou ocorreu na época. Dentre os excluídos do poder encontram-se, no romance, Alonso e Breno. Em uma seqüência do romance, eles se pronunciam sobre o controle da natalidade e constata-se que o clima entre os excluídos é de insegurança:

“Acredito na modificação do comportamento do macho. Ele sentirá que está sendo burlado pela fêmea, que o ato sexual transformou-se numa farsa, sob o ponto de vista biológico, entendem?”

- Seu mal, Celso, disse Alonso, é pensar e deduzir em termos de ratos. Mas não é esse aspecto que tem importância: se o macho rejeita ou não a fêmea. O importante e o doloroso é querer-se culpar os miseráveis como responsáveis por sua própria condição de miséria. Isso, sim, é que é importante, pois é um sofisma, uma empulhação. O homem até chamou nossas mulheres de cadelas, e que nossa gente é irresponsável quando brinca com uma energia que é mais perigosa do que a energia nuclear!

- Mas vamos acabar com os debates, gente. Só nos reunimos para discutir, brigar. O que é que está havendo? De uns tempos para cá, nossas reuniões são campos de batalha, e isso é muito grave, entendem? É porque vocês falam muito e não percebem quanto se agriem, disse Breno. Calma, pessoal!” (p. 111)

A literatura, enquanto arte, não tem como objetivo reproduzir a história ou elaborar um tratado sociológico, psicológico ou filosófico. Mesmo assim, ela pode utilizar-se desses tratados ou dos seus enfoques como material para a criação literária. A literatura utiliza-se de todos os recursos para a criação artística, pois esta é produzida em um contexto histórico e geográfico, e o escritor/autor utiliza-se de sua visão de mundo, resultante deste contexto, para a elaboração de sua obra literária.

Dentre os múltiplos aspectos que permeiam a literatura destacar-se-ão os ideológicos. Mas o que é ideologia? Como já foi exposto, na introdução desta seqüência, a ideologia é um conjunto de valores, concepções morais, sociais e metafísicas do homem e do mundo, é um conjunto de idéias e de juízos de valor, implícitos ou explícitos e genericamente organizados, que servem para descrever, explicar, interpretar ou justificar a situação de um grupo social ou de uma coletividade.

Partindo das considerações expostas, Holdemar Menezes, sendo um homem de seu tempo, de seu contexto histórico e social, não poderia deixar de participar dos problemas sociais e ideológicos que permeavam o período pré-golpe de estado e principalmente o período da ditadura, no Brasil. A participação de Holdemar poderia ser de neutralidade ou de colaborador da ordem imposta, ambas posições de legitimação; ou de contestação e indignação diante dos fatos praticados pelo poder estabelecido, pela sociedade burguesa que conduziu os militares ao poder, para, com isso, legitimar suas práticas. Em entrevista a Fleck, Holdemar Menezes apresenta o seu posicionamento em relação ao escritor de sua época:

“A obra se abre também - esclarece o escritor - para narrar os problemas dos pescadores, dos trabalhadores do cais do porto numa pequena cidade, dando voz à gente simples, cujos problemas ganham dimensão social. Consciente de que o escritor de hoje não pode ser nenhum alienado, preocupado em falar de coisas fantásticas, esse colaborador do suplemento antigo ‘Caderno de Sábado’, do Correio do Povo, acredita que é necessário engajar-se. (...) O escritor deve ser engajado no sentido de ser um apóstolo do seu tempo. Sua tarefa não é messiânica, catequística, mas é a de estar atento àquilo que se passa ao seu redor.” (Correio do Povo, 14.11.1981)

O Brasil, no início da década de 60, enfrentava uma crise econômica e política, principalmente em relação ao poder das elites, momento este em que os aparelhos de Estado, segundo Althusser - polícia, igreja, escola, universidade, clubes, associações, sindicatos -, não garantiam a reprodução da dominação política desejada pelos detentores do capital.

O processo de concentração de capital e de internacionalização da economia dava origem à disputa entre os diversos segmentos do capital, com vistas ao papel do estado e do seu favorecimento a um ou outro segmento da economia.

“A forma de domínio autocrática que se iniciou com o movimento militar de 1964 expressava a necessidade de resolver os conflitos políticos crescentes, surgidos com o colapso do bloco de poder então existente, desde o início da década de 1960.

Forças civis e militares passam a defender a necessidade de se pôr fim ao estado de coisas vigentes...” (Rezende, 1996, p. 16)

O regime estabelecido após o golpe de estado de 1964 representou um ato de afirmação do grande capital, tendo como suporte os empresários, tecnocratas e militares. O poder estabelecido centrou-se em bases autoritárias e no poder das multinacionais. O golpe significou a ruptura política com a população e o aprofundamento das tendências econômicas preexistentes e caracterizou-se pela crescente participação do Estado na economia e pela ampliação das atribuições do poder Executivo em detrimento dos demais poderes e canais de representação política.

O golpe de 64 significou, portanto, uma dupla reorganização. De um lado, alijava e reprimia os movimentos populares. De outro, afirmava a hegemonia do capital monopolista sobre os demais segmentos. No excerto a seguir, do romance, observa-se a legitimação do poder pelas autoridades da universidades e pela polícia, Aparelhos Repressores do Estado, em repressão às massas populares que discordavam da condição que se instaurava, fato já iniciado antes do golpe de estado:

“Os tempos se tornaram agitados, quase que exigindo de cada um uma definição. A Universidade recebeu, oficialmente, a visita do Embaixador Americano, que foi recebido no salão nobre, com a presença do corpo docente convidado, isto é, de membros do corpo docente que foram convidados e de autoridades civis e militares. Após as solenidades protocolares, no mesmo local, proferiu uma conferência sob o título: O Estudante e a Democracia. Não houve interrupção, pois só foi

permitida a entrada de universitários reconhecidamente de direita.

Faixas que tinham sido colocadas em pontos estratégicos, protestando, em nome do Diretório Central, contra a presença do Embaixador no Campus, foram retiradas pela polícia com muita antecedência. Algumas manifestações tímidas e desarticuladas foram tentadas, a polícia facilmente abafou, dispersou, não deixou aparecer.” (p. 91)

É nesse contexto histórico brasileiro que se insere a narrativa do romance **A maçã triangular**. A narrativa não conta fatos históricos para ilustrar o que já estava posto na sociedade repressiva da época, não deixa saltar marcas de fatos realistas, fotografias da sociedade e da história; mesmo assim transparece a verossimilhança e, para tal, utiliza-se de marcas temporais e geográficas da Região Sul do Brasil, mais especificamente, o Litoral Norte de Santa Catarina.

“Seu mais constante passatempo é subir ao Morro da Cruz e fotografar os poentes coloridos, aumentando sua coleção de “slides”. A máquina vai registrando momentos de rara beleza: a grande baía, as serras vermelhas que indicam os caminhos de Curitiba, as nuvens que mudam constantemente de forma e de tonalidade.” (p. 10)

Se o que a obra retrata não é a verdade, poderia ser a verdade.

A literatura assumiu, no período da ditadura militar no Brasil, uma atitude política diante da sociedade como um todo, a de ajudar a sociedade a descobrir seus próprios valores, ajudar a população brasileira a descobrir sua originalidade, tomar consciência da realidade, fazer com que a sociedade se erguesse com consciência de brasilidade e liberdade. Essa foi a verdadeira e grande aventura política da ficção, para ajudar o povo brasileiro a viver, principalmente por encontrar-se em um período ditatorial, em que a sociedade estava

dominada por um pensamento de elite, pelas idéias que interessavam à elite, estando os valores populares sufocados. Era hora de posicionar-se. Os escritores tinham esta consciência. Era hora de tudo emergir, vir à tona, ganhar força, para ajudar a sociedade a se libertar das forças opressoras e das elites oligárquicas.

O Brasil, após o golpe de estado de 1964, que depõe o presidente João Goulart, até o ano de 1985, com a chamada Nova República, vive um período de substancial autonomia das Forças Armadas, que exerceram o comando do Estado Brasileiro de forma autocrática. Nesse período de repressão, em que a palavra escrita ou falada era policiada e censurada, o romance aparece como uma forma de dizer a palavra de forma sutil e comprometida, podendo situar o sujeito historicamente e, via discurso alegórico, expressar os seus valores, concepções e conduta. A literatura, no período de repressão, como forma de burlar os censores, ficou centrada no realismo mágico, nas alegorias, nas parábolas e nos desvios estilísticos. Nominamos, a seguir, exemplos significativos destas formas de expressão literária: **Incidente em Antares**, de Érico Veríssimo; **Fazenda modelo**, de Chico Buarque de Holanda; **O que é isso companheiro**, de Fernando Gabeira; **A festa**, de Ivan Ângelo, e dentre eles pode-se incluir o cearense/catarinense Holdemar Menezes com **A maçã triangular**. Para ele, o período pré e pós-golpe de estado encontrava-se marcado por ilhas, a do Sul e a ilha denominada universidade, e esses isolamentos geográficos produzem outras ilhas, que são as personagens, carentes de convívio com outras personagens, mas atemorizadas pelo poder que iria se estabelecer e que de fato se estabelece. No início do romance, o narrador apresenta a personagem Breno como um solitário, preferindo a prisão do que estar confinado na Ilha do Sul.

“No momento de maior depressão, chega a ter saudades do quartel. Lá, pelo menos, cercado por muros, sentia a proximidade da civilização e tinha com quem conversar, discutir, trocar impressões. Era um ser humano. Na ilha, de certa forma, julga-se como um boi solto em um imenso pasto, um boi que se cansará, após algumas caminhadas, de tanto encher os olhos de verde e azul. Um boi que, embora enganosamente em liberdade, se cansará com a repetição da paisagem e, por isso mesmo, permanecerá no mesmo lugar, pois acaba aprendendo que todos os caminhos levam-no a coisa alguma.” (p. 10)

Holdemar Menezes tem consciência do poder de um escritor, sabe ele que o escritor deve ser um artista comprometido com o povo, com a sua época, com a liberdade de expressão da coletividade e do indivíduo. No romance **A maçã triangular**, em um diálogo entre dois professores da universidade, Alonso e Celso, o autor implícito deixa ambos se pronunciarem em relação à consciência do povo:

“- Mas vai haver reação do povo, disse Alonso. O Presidente conta com total apoio dos estudantes e dos operários. As Classes Armadas não permitirão um retrocesso democrático.

-Então você espera mais um pouco, retrucou Celso. Apenas mais um pouco. Não se iluda com a reação de estudantes e operários. Essa gente não tem tradição de luta, como em outros países, inclusive a Argentina. Aqui eles querem apenas baderna: passeata e greve. Na hora de reação, do só-fica-quem-for-de-briga, é que vamos ver quem realmente vai enfrentar tropas de elite...

- Mas o povo não tem outra opção.

- O povo nem sabe o que é opção, meu caro (...) Quem passa fome, quem vive mesmo do trabalho duro e diário, não tem tempo para saber o que é democracia ou totalitarismo. Qualquer coisa serve, desde que o essencial não lhe falte...”(p. 97)

Dentre os elementos constitutivos de um texto, a linguagem possibilita a análise ideológica das personagens e do narrador. A linguagem, entendida não somente como um instrumento de comunicação, de transmissão de informações ou como suporte para a

narrativa, mas como interação entre as personagens, o texto e o narratário. É uma forma de exteriorização das idéias e de atuar na ação social. Pensando sob esta forma, é lugar de conflito, de confrontos ideológicos, que se estabelecem entre as personagens da narrativa e entre o texto e o leitor. A relação estabelecida entre os personagens e a linguagem não pode ser dissociada. As personagens dos mundos narrados são marcadas com uma linguagem própria, como são próprios os locais: Ilha do Sul e o mundo universitário.

“... a linguagem como interação social, em que o Outro desempenha papel fundamental na constituição do significado, integra todo ato de comunicação individual num contexto mais amplo, revelando as relações intrínsecas entre o lingüístico e o social. O percurso que o indivíduo faz da elaboração mental do conteúdo, a ser expresso à objetivação externa - a enunciação - desse conteúdo, é orientada socialmente, buscando adaptar-se ao contexto imediato do ato da fala e, sobretudo, a interlocutores concretos.” (Brandão, 1995, p.10)

A linguagem apresentada por Holdemar Menezes é viva e se desprende das páginas do romance, salta para o ambiente de leitura. É a linguagem da parcela marginalizada, que não tem voz e que a sociedade prefere ignorar. No romance, Breno e Hugo fazem saltar um exemplo da linguagem do povo, carregada de filosofia:

“- Não acredito que o esforço dê bom resultado, Bremer. Daqui desta ilha você não arrancará nada. Esta cidade já morreu. É um grande cemitério. Conheço muitos portos, Bremer. Os mais importantes do mundo. Mas isto aqui é uma merda total!
- A vida vai levando a gente sem a gente querer. Eu nunca imaginei que viesse dar com os costados por aqui, disse Breno.” (p. 20)

Como toda maçã triangular, esta também possui três lados, não com isso entendendo-os do mesmo tamanho e ângulos equivalentes. O romance, no seu

entrelaçamento, aborda três formas de apresentar a linguagem, quais sejam: a do grupo posicionado como conservador, o grupo reformista e o grupo com tendência neutra, mesmo pensando que a neutralidade não exista na linguagem como um sistema ideológico, então poderíamos denominar de supostamente neutra.

A tendência conservadora e opressiva está marcada pela linguagem apresentada pelos Aparelhos Ideológicos do Estado ou daqueles que sustentam o poder, como, por exemplo, os militares em suas conversas “- O preso agora é seu. Me passe o recibo de entrega. - Certo, Sargento. Leve este merda para o cubículo, diz ao prontidão” (p. 6). Ou por parte dos professores e funcionários da universidade. Celso, professor universitário e conservador, na seqüência a seguir, tece considerações após a visita do presidente ao Campus Universitário.

“- Eu não sou partidário do Presidente, Alonso. Sou homem de vãos mais altos, de cultura mais refinada. Não é isso aí que eu desejo. Mesmo assim, faço justiça a esse homem fraco e despreparado para o grande momento histórico: ele tem permitido a livre discussão dos grandes temas nacionais. Ele tem até permitido que as forças contrárias se arregimentem para sua derrubada. Isso é muito importante.” (p. 64)

Pensar em um grupo de contestação é pensar em uma linguagem também reformista. Entre os que não se conformam ou se agoniam pelo que está posto na sociedade está Breno, mesmo que por vezes não se manifeste de forma contundente.

As vezes em que Breno se manifesta, o narrador se surpreende. A seqüência a seguir é um dos casos: “- Existem alguns aspectos positivos, disse Breno, saindo de sua clássica atitude de não falar, porém apenas ouvir.” (p. 109)

O grupo marginalizado, da sociedade posta, não possui o poder de mando, o seu modo de ver e de agir é próprio, oriundo de um mundo caótico, degradado, fazendo, com isso, que a estrutura do texto também se apresente caótica, assim como a linguagem e a vida das personagens. A linguagem vulgar emerge do local em que se encontram as personagens e dos temas que são abordados. A ex-professora universitária Giza é marcada, no texto, pela linguagem irreverente e posturas contestatórias, é uma militante permanente.

“Eu, com muita honra, fui eliminada dos quadros da Universidade, por falta de decoro. Eles, os corruptos, entenderam que uma professora universitária deve ser assexuada, deve usar um cadeado na vulva e entregar-lhes a chave. Mas eu me diverti muito com todos e até comprometi alguns seriamente. Por que é que eles não me indiciaram no Santo Inquérito? Tinham medo de que eu revelasse o nome de todos os meus comparsas sexuais. Ih, ia ser um escândalo!” (p. 32)

A linguagem utilizada por Giza é de baixo calão e se apresenta como válvula de escape, como resultado de uma revolta incontida e de explosão de desejos incontidos. É um objeto de agressão contra a sociedade posta, com as regras da sociedade; é um ato de quebrar estrutura, de chamar atenção para si e para o mundo em si, como forma de desespero ou de anunciar uma sociedade decadente, que não vê os novos valores que estão emergindo ou se transformando.

No capítulo oito, Hugo apresenta-se indignado em relação a Breno por ele não ter contado o seu passado. Hugo encontra-se indignado com Breno e com os funcionários da delegacia. O tom da linguagem é áspero e de contestação.

“- Por que você escondeu de mim? Você me comprometeu. Me levaram ontem à Delegacia. Me tiraram de dentro do navio, quando eu estava de serviço. Vários soldados armados de metralhadora. Quis reagir. Ainda gritei os palavrões que sei dizer em português. Aí um negro enorme abriu-se num sorriso cavalare e encostou o cano da arma na minha barriga.

- Desce logo, gringo filho de uma puta!

- Desci as escadas do navio de cabeça baixa e entrei no jipe com os policiais, como se eu fosse um marginal, um contrabandista de ópio. Na Delegacia, me fizeram sentar num banco por horas seguidas e esperar que o chefe jantasse. Depois, o chefe entrou nervoso, pálido, caminhando com as mãos para trás, talvez se contendo para não me agredir.” (p. 25 e 26)

A linguagem supostamente neutra seria o terceiro lado da maçã, aquele lado da maçã que é composto pelos personagens que só se interessam pelos lucros e o benefício individuais, mas que na verdade estão contribuindo para com o poder estabelecido, pois acabam concordando com o que melhor convier, o já estabelecido, como por exemplo o Seu Nélio, entre outros, quando procura aconselhar Breno em relação ao que vai encontrar na Ilha do Sul.

“Certo, Dr. Breno, mas muito cuidado! O senhor está chegando agora, pode ser obrigado a permanecer aqui por algum tempo, até por anos, por isso mesmo precisa saber sobre qual terreno está pisando. Eu sou berbigão. Nasci, me criei, estou envelhecendo nesta terra e sei de tudo quanto por aqui se passou ou vai se passar.” (p. 14)

Holdemar Menezes, no romance **A maçã triangular**, apresenta uma obra literária datada e marcada por acontecimentos de seu tempo, quais sejam os conflitos presentes nos grupos de legitimação da sociedade posta e os descontentes ou que pensavam em uma nova sociedade. Essa dualidade encontra-se nas posições socialistas e capitalistas; entre os conservadores e transformadores; os sexualmente reprimidos e os liberados; Herr Fischer e Mister Brawm; Ramira e Eduardo; prisão e liberdade; legitimação e contestação, enfim, entre

a tradição e transformação. O romance **A maçã triangular** apresenta-se como um romance ideológico, mas não de cunho panfletário; é um campo de batalha onde as idéias são as armas para a luta ideológica. A obra, no emaranhado de sua estrutura não linear, apresenta-se como um labirinto, onde passado e presente são entrelaçados com uma perspectiva de não futuro; é a negação do futuro em relação ao presente e ao passado. É Breno, personagem norteadora do romance, que se encontra no labirinto, assim como o narrador; ambos estão sem saída; é um labirinto que conduz ao nada. Entretanto, com a colaboração do narratário/leitor, poderá descobrir o caminho para o tudo que é pensar o passado, o futuro e o presente. O romance narra os tempos de terror da ditadura militar e os efeitos da desintegração social dos grupos sociais, a desintegração do homem como ser que atua de forma consciente.

O narratário, no capítulo oito, é convidado a adentrar ao texto e posicionar-se, encontrar a saída do labirinto. O capítulo apresenta um triângulo entre Breno e Hugo, que é comandante no navio Gottemburgo, um estrangeiro na Ilha do Sul, tendo por terceiro lado da triângulo, um chefe da delegacia a que Hugo foi conduzido. Qual deles poderia apresentar a versão verdadeira, ou mais próxima à verdade, para os fatos ocorridos no passado? Qual teria a resposta para a prisão de Breno? Diante das circunstâncias Breno prefere ficar calado.

“Breno permanece calado. Não deseja explicar nenhum fato. É uma história longa, muito difícil de ser entendida por um estrangeiro. Teria que falar sobre muitos fatos, sobre muitas pessoas, de situações que não possuía interesse em recordar naquele instante de tristeza. Teria que falar de amigos que morreram, que se dispersaram, que estão asilados. Precisaria lembrar um capítulo que julga encerrado, do qual participou sem honra e sem glória, talvez mesmo até sem culpa. Teria que liquidificar sua vida, seu passado ainda morno, apanhar os sedimentos. Recompôr toda uma época difícil e transitória.

Voltar ao passado seria profundamente doloroso, por vários motivos. Assim, permanece calado, pois sabe que a maioria dos acontecimentos não podem ser explicados, e até porque silenciar é mais sábio e mais cômodo. Quando, na sua infância, procurou saber a relação entre a maçã e o pecado, buscou uma explicação cansativamente, e por isso sofreu. Por último procurou Padre Miguel, que apenas lhe disse, sem maiores comentários:

- A maçã é simbólica, meu filho. Um dia você saberá que a maçã tem a forma de um triângulo. Ela é misteriosa como um símbolo maçônico....” (p. 27)

A maçã dos fatos ocorridos, nos períodos pré-golpe de estado e da ditadura militar, tem mistérios como a maçã triangular do prazer; procura-se por ela por um longo período; quando encontrada, é desvendada. A nuvem de fumaça que encobre o prazer poderá passar, mas a maçã continuará com os seus mistérios.

CAPÍTULO III

A RECEPÇÃO DO ROMANCE *A MAÇÃ TRIANGULAR*

Minhas calças curtas se alongaram muito,
E o desejo de ser regato, plácido e terno,
Se transformou obrigatoriamente
No vendaval das emoções incontroladas.
É meu desejo não ser mais nada,
Parado no tempo, sem solução,
Sem ser problema de ancião,
Mas simplesmente o menino ausente
Que está presente dentro de mim.
(Holdemar Menezes, Balada do menino ausente)

3. A RECEPÇÃO DO ROMANCE *A MAÇÃ TRIANGULAR*

Em seqüências anteriores apresentou-se Holdemar Menezes, o criador do Romance *A maçã triangular*, sob a ótica do próprio escritor; a seguir analisou-se a narrativa romanesca entregue ao público, nos aspectos estruturais de composição e ideológicos. Neste segmento serão demarcados alguns textos publicados na imprensa, logo após a sua publicação, os quais posicionam-se em relação à obra, assim como cartas que o romancista recebeu de outros escritores. A partir deles serão tecidas considerações em relação ao romance, sem pretender uma análise exaustiva da recepção que mereceu o romancista.

A forma de apropriação do texto literário, por parte do leitor, tem ultimamente despertado um novo impulso na história da literatura. O emissor de um texto, seja ele literário, confessional ou um escrito científico, não escreve no vazio, mas tem em vista um destinatário concreto, mesmo que muito indefinido.

“O emissor/autor de um texto literário, mesmo quando escreve sob o domínio de um impulso confessional, ou movido por um anseio de autocatarse, ou buscando efeitos de autorremuneração psicológica, não ignora que o seu texto, sob pena de se negar como texto literário, tem de entrar num circuito de comunicação em que a derradeira instância é o receptor/leitor. Assim, não é estranhável que este diálogo *in absentia*, em que o receptor tanto pode ser um leitor coevo como um indeterminado leitor do tempo futuro, se manifeste, ou se

dissimule, sob múltiplas marcas textuais, transformando-se muitas vezes num complexo e astucioso jogo de máscaras e espelhos.” (Silva, 1994, p. 300)

A recepção de uma obra literária é uma preocupação constante na elaboração de um texto. Nos últimos anos, tornou-se questão fundamental para a reflexão sobre a literatura. Foi com a aula inaugural na Universidade de Konstanz, em 1967, proferida por Hans Robert Jauss, que a preocupação com esse aspecto se avolumou, motivando o desenvolvimento da Estética da Recepção. O texto inaugural ou manifesto dessa escola crítica foi exatamente o conteúdo da aula inaugural, reescrita no livro **A história literária como desafio à ciência literária**, no qual enfatiza a importância da dimensão histórica na interpretação do fato literário. Na oportunidade, frisava-se a necessidade de priorizar a análise dos aspectos da recepção sobre os da produção e da representação. A Teoria da Recepção passa a ser entendida como pontos de vistas relevantes da recepção ao longo da história. É a justaposição elaborada com o passar dos tempos em relação a uma obra literária que resulta na compreensão da Estética da Recepção.

“A recepção abrange cada uma das atividades que se desencadeia no receptor por meio do texto, desde a simples compreensão até à diversidade das reações por ela provocadas - que incluem tanto o fechamento de um livro, como o ato de decorá-lo, de copiá-lo, de presenteá-lo, de escrever uma crítica ou ainda o de pegar um papelão, transformá-lo em viseira e montar a cavalo... Independente das múltiplas reações possíveis e não teorizáveis, há uma conexão complexa das camadas instauradoras da recepção, que se oferecem para a apreensão teórica.” (Stierle, 1979, p. 135-136)

Não se pretende, nesta seqüência, elaborar uma análise do romance **A maçã triangular** a partir da teorização da Estética da Recepção e sim, apresentar algumas análises

e considerações de críticos que se posicionaram em relação a esse romance, não deixando de ser uma análise sob a ótica da Estética da Recepção. Para tal intento, buscaram-se os seguintes textos: “Escritor deve se engajar porque ele é um apóstolo do seu tempo e realidade” reportagem publicada no jornal **Correio do Povo** (14 de novembro de 1981); “Carta de Marcos Konder Reis” a Holdemar Menezes (9 de dezembro de 1981); “Carta de Hélio Pólvora” para Holdemar Menezes (14 de dezembro de 1981); “**A maçã triangular**” de Donaldo Schüller (1981); “Holdemar Menezes outro livro”, revista ACAMED (1981); “**A maçã triangular: um romance engajado**” de Lauro Junkes (1982); “Ficção urbana de caráter social” de Celestino Sachet (1985); “Holdemar Menezes” de Antonio Hohlfeldt (1985); e “Trajeto da emancipação” de Janete Gaspar Machado (1986).

Os textos selecionados estão inseridos na década de oitenta, sendo que a maioria deles está localizado na primeira metade dela, período imediatamente posterior ao lançamento da obra em pauta. São considerações e análises elaboradas em um período que vislumbrava a abertura política no Brasil. Observa-se que os títulos dos textos, acima citados, remetem a um tempo futuro, de abertura política e de esperança, onde o escritor deveria participar da sociedade para construir um novo tempo. Acreditava-se na possibilidade de um Estado/estado melhor e mais comprometido com as causas sociais e a emancipação da literatura de “cor local”. Olhando com atenção os títulos dos artigos “Escritor deve se engajar porque ele é apóstolo do seu tempo e realidade”; “**A maçã triangular: um romance engajado**”; “Ficção urbana de caráter social”; “Trajeto da emancipação”, transparece que os receptores da obra de Holdemar e emissores de considerações estão em ritmo de espera de um mundo novo, mas não uma espera passiva e sim atuante, de pensar o presente, a realidade social, de forma participante, para, com isso, emancipar e construir um mundo melhor. O crítico/leitor

encontra-se diante de uma primeira possibilidade de balanço da literatura da década da abertura política, e é Holdemar, com a matéria prima, a sua obra, contribuindo para a reflexão da realidade contemporânea.

O texto do jornalista Roberto Antunes Fleck, “Escritor deve se engajar porque ele é um apóstolo do seu tempo e realidade”, publicado no jornal **Correio do Povo**, pouco se posiciona em relação à obra; o jornalista dá voz a Holdemar, é um texto (re)escrito com a palavra do romancista.

“Em Porto Alegre estive esses dias autografando sua última obra - **A maçã triangular** - romance escrito entre 1968 e 1970, protelado pelos editores em função do medo que eles tinham de que a Censura Federal viesse naqueles tempos difíceis, apreender a edição, sem possibilidade de apelação à Justiça.” (Fleck, 1981)

Holdemar tem a possibilidade de expor o que pensa em relação à vida literária e política da época e abre a reportagem pronunciando-se:

“Não é mais possível, hoje, escrever novelinhas de amor, onde a mocinha é salva de um desastre, sendo recuperada por um médico inteligente, casando com o mocinho num cenário de prados verdes e cisnes brancos. O escritor que insiste nesses temas deveria ser processado; porque está cometendo um crime contra a pátria. Nossa realidade é dura e precisa chegar aos livros. Falar do povo não é só falar do operário, mas de todos nós, porque todos somos povo. Cabe ao escritor levantar problemas.”

O texto do jornalista é um acreditar no tempo que há de vir, mas ainda enraizado no medo do passado próximo. O jornalista esconde-se nas palavras do romancista.

“ Consciente de que o escritor de hoje não pode ser nenhum alienado, preocupado em falar de coisas fantásticas, esse colaborador do suplemento antigo, do ‘Caderno de Sábado’, do ‘Correio do Povo’, acredita que é necessário angajar-se: ‘A palavra ‘engajado’ causa urticária em certos setores da repressão, como se estivesse defendendo, com o engajamento, ideologias vistas como atentatórias à moral e à liberdade. O escritor deve ser engajado no sentido de ser um apóstolo do seu tempo. Sua tarefa não é messiânica, catequística, mas é a de estar atento àquilo que se passa ao seu redor.”

Holdemar, como homem das letras, escrevia muito para amigos e jornais, não temia a palavra escrita. Quando da publicação de **A maçã triangular**, enviou para alguns amigos exemplares da obra. Dentre as correspondências enviadas e de que recebeu respostas, resgatam-se duas delas, agora de posse da Academia Catarinense de Letras. Marcos Konder Reis, essencialmente poeta, em sua missiva, agradece a oferta do romance e pronuncia-se sobre a obra:

“Foram, creia, horas de grande prazer, as da leitura de seu romance. Seu livro me surge excelente: bem escrito, honesto, sincero, e capaz de manter vivo o interesse do leitor, da primeira à última página. Você, fique certo, é um romancista de categoria, além do contista dos livros anteriores. Gostei, gostei muito mesmo do seu romance, e fiquei muito contente com ele, pois estou convencido que sua publicação veio enriquecer a literatura de Santa Catarina. Com que acabo de dizer, não lhe quero, nem de longe, tirar a glória de ser Nordeste. Uns, nordestinos, como você, erguem, ao mesmo tempo, para a nossa alegria, as bandeiras do Sul e do Nordeste...”

É uma correspondência rápida, própria do período que antecede as festas natalinas, as considerações à obra do escritor são elogiosas e refere-se a ela como de leitura agradável e fluente. Hélio Pólvora, ficcionista e crítico, é mais incisivo em relação a **A maçã triangular**, faz um apanhado rápido e comprometido com o período político e social, apresenta a obra como transcendente à literatura produzida por alguns ficcionistas da época, que apresentavam

obras neonaturalistas. Hélio é um companheiro que compartilha os mesmos ideais do escritor em pauta.

“Versando tema político - a contestação intelectual pós-64, a crise universitária e o esvaziamento cultural de nossas instituições - você não incorre, porém, no erro de alguns ficcionistas brasileiros recentes, que é o detalhe meramente neonaturalista.

Escritor de recursos, você transcende o factual. As figuras de Breno e Herr Fischer estão bem recortadas. Encontro, enfim, excelente ficcionista de ‘**A Coleira de Peggy**’, com sua exposição objetiva e contundente. E com o seu compromisso de refletir a realidade sem prejuízo artístico.

O professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e crítico literário Donaldo Schüler, companheiro de literatura e de conversas diversas, amigo pessoal de Holdemar Menezes, escreve um artigo, publicado no jornal **O estado** (8.12.81), sobre a obra do colega de empreitadas literárias. Nele adjetiva Holdemar como um catarinense, qual poderia nominar de cearense, catarinense/cearense, conterrâneo, brasileiro. Preferiu chamá-lo de catarinense em consideração a sua também terra natal. O mesmo artigo é também publicado no **Jornal de Santa Catarina** (domingo, segunda-feira, 7 e 8.02.82), serve de base para o texto incluído no livro **Holdemar Menezes: literatura e resistência** (1992). Afirma que o romance **A maçã triangular** “é um livro caótico, e Ilha do Sul, onde se desenrola a ação do romance, oferece cenário ao caos”; apresenta o romance como moderno e atual, representante legítimo dos anos 60 e 70, dentre os que, à maneira de Rubens Fonseca, Ivan Ângelo, Paulo Francis, Renato Pompeu, Antonio Callado, procura interpretar a realidade contemporânea.

“O romance erguer-se sobre dois símbolos, a maçã triangular, fonte sedutora e misteriosa da vida, e os desejos pútridos

acumulados na praia, onde em horas mortas se revolvem os corpos de náufragos da vida. Entre estes dois extremos, a morte e a vida, movimenta-se a ação do romance, com prevalência da morte. O romance é apocalíptico, narra um mundo em extinção. As personagens centrais são todas maduras e velhas, sobreviventes de uma decadência inevitável. Nem os mais esclarecidos estão empenhados em ação criadora. Alonso, o intelectual, professor universitário, suicida-se na prisão; Breno, seu colega mais moço, limita-se a recordar e observar. Convidado a agir, recusa-se. Os demais estão exclusivamente preocupados consigo mesmos e perecem sem perda para coletividade.”

Questiona o analista: **A maçã triangular** é uma visão crítica de Florianópolis?

Acredita-se que não, e sim de São Francisco do Sul, terra em que o autor viveu período de sua vida; ou seria uma fusão das duas ilhas ou uma terceira ilha fictícia? Não importando a comprovação da hipótese, diz Schüller, “o livro se inscreve na tradição da ficção brasileira, voltada desde o princípio para a interpretação física e humana do Brasil, e a capital catarinense encontrou o seu romancista”, acrescentando as palavras do crítico que o Brasil ganha um romancista que interpreta o Brasil, a partir do estado de Santa Catarina.

O crítico Donaldo Schüller, quando da publicação do seu artigo no livro **Holdemar Menezes: literatura e resistência** (1992), retoma alguns aspectos, dentre eles não mais questiona ser o livro uma visão crítica da cidade de Florianópolis, afirma ser a Ilha do Sul, lugar imaginário em que se passa a ação do romance. Outros pontos considerados pelo crítico na reestruturação do artigo: na primeira versão, refere-se à estruturação do romance “Entre estes dois extremos a **morte e a vida** (grifo nosso), movimenta-se a ação do romance, com prevalência da morte”; no livro encontra-se: “Entre esses dois extremos, a **vida e a morte** (grifo nosso) movimentam-se a ação romanesca...”. O crítico, na segunda versão, apresenta a “vida e morte” ao invés de “morte e vida”, como havia apresentado no texto

original; é a representação do ciclo vital do homem enquanto ser biológico; é, também, uma opção pela morte da liberdade, o caos em que as personagens se encontram no final do romance; adaptou também a linguagem acadêmica, preferindo utilizar “a ação romanesca” ao invés de “ação do romance”. Na versão do livro, o autor inclui uma nova introdução ao artigo, para apresentar a idéia de apocalipse em relação ao movimento revolucionário ocorrido.

“O apocalipse acontece como epílogo de expectativas messiânicas ao longo da literatura brasileira. Percebemo-lo em *Os Sertões* de Euclides da Cunha, *Encontro Marcado* de Fernando Sabino, *Pessach* de Carlos Heitor Cony. Holdemar Menezes o localiza no caso do movimento revolucionário instaurado em 1964.”(apud Soares, Miguel, 1992, p. 19)

Além de circular bem no meio literário e jornalístico, Holdemar mantinha bom relacionamento com o meio profissional em que atuava, qual seja, a medicina. A revista *ACAMED*, número 116 de 1981, que reúne textos literários e privilegia a literatura produzida pelos profissionais da área médica, abre espaço para o lançamento do romance *A maçã triangular*. É um texto elogioso à pessoa do romancista, assim como da literatura produzida por ele, afirmando que o romance vem despertando crítica favorável nos maiores centros culturais do país. Apresenta o romance como um retrato da realidade brasileira, comprometido com a atual fase do Brasil. Holdemar, comenta a revista, “aborda problemas fundamentais da condição humana: o medo, a angústia, a desesperança, a política, a delação, as perseguições dos vencedores, a solidão, o amor e o desamor, o sexo e a insatisfação”. Apresenta, ainda, a revista que o romance é um painel bem articulado, onde prevalece a criação literária e a priorização da arte comprometida com o seu tempo e o seu povo. O artigo impresso na revista *ACAMED* é um painel do já publicado nos meios de comunicação

da época; ele resgata o artigo publicado no **Correio do Povo** e o pronunciamento de Iaponan Soares, ao apresentar o livro, o qual afirma “A narrativa flui com desembaraço. O tom é amargo, às vezes sarcástico e até picaresco, mas nunca panfletária”. No texto retirado da contracapa do romance, continua Iaponan: “O compromisso do autor é de natureza existencial, medido o homem como um todo, numa abordagem ágil, incisiva, de quem vivenciou aqueles instantes e, por isso, com independência para oferecer uma visão pessoal dos fatos”. O texto também faz referência ao já comentado artigo de Donald Schüler. Ao final do artigo, afirma que o romance contribuirá de forma palpável para o reconhecimento, lá fora, da literatura catarinense.

As considerações anteriormente pronunciadas partem de cartas e textos curtos publicados em revistas e jornais. O texto “**A maçã triangular: um romance engajado**” publicado no **Jornal de Santa Catarina** (28.02.82), do crítico e professor Lauro Junkes, é mais longo e tece considerações mais contundentes. O crítico nomeia **A maçã triangular** como o livro mais maduro de Holdemar, em relação às narrativas curtas publicadas pelo autor, sob os aspectos humano, social e político. É um romance que assume franca e diretamente a condição de romance ideológico. Apresenta o livro como um espaço de contrastes entre o passado e o presente; a liberdade e o isolamento; a confiança e a desconfiança. O crítico nomeia as personagens com traços caricaturescos, apresenta Giza como uma professora e prostituta; Ramira, pudica e conservadora, de instintos reprimidos; Eduardo, um fresco; Herr Fischer, de caráter aproveitador, alemão superior e arrogante; Mister Brown, inglês rico e velho, com tradicional apego nacionalista; Selma, mulher paixão; Breno encarna dramaticamente o ser aniquilado com personalidade reduzida a vacilações, um ser angustiado e aterrorizado. As personagens encontram-se em um romance que reproduz a

situação pré-golpe de estado e a situação caótica, de incertezas, temor e o pânico do período pós-golpe.

“A própria estrutura narrativa incorpora o caos, no jogo entre presente e passado, no enfoque da aparência e da dissimulação, acompanhando as vacilações, angústias e terrores da personagem central, Breno, fio condutor de todo o relato. (Contribuem ainda a omissão gráfica da referência aos capítulos: 5, que deverá iniciar-se na metade da página 14; cap. 25, no terceiro parágrafo da p. 97 e cap. 26, provavelmente no último parágrafo da p.99).”

O crítico apresenta as personagens como seres isolados que não interagem com as outras personagens, “não há integração entre estas. No seu viver, agir e interesses individuais, cada qual constitui uma ilha, com suas fraquezas, suas depressões, suas frustrações, suas desconfianças e temores”.

Os aspectos mais contundentes apontados pelo crítico Lauro Junkes em relação ao romance são as marcas ideológicas que apresentam.

“E o romance encontra seu lado forte ao posicionar-se lúcida e corajosamente no contexto político-social brasileiro. Aspectos ideológicos múltiplos e questões sociais são debatidas na Universidade: a realidade social do homossexualismo, o controle de natalidade, o papel social da Igreja. Problemas mais candentes são enfocados em tom de denúncia, como: a corrupção e a opressão que geram a decadência, os impasses surgidos com a abertura democrática do presidente; as atitudes do presidente, visto por alguns como “um mistificador” que “brinca” de reformador”; os ideais dos regimes socialistas em confronto com o capitalismo; o nacionalismo e as multinacionais; a direita e a esquerda; os perigos de uma reação revolucionária, representando um retrocesso democrático, uma nova ditadura de direita, a opressão e a falta de liberdade de imprensa...”

O artigo mencionado foi publicado, com o mesmo título e teor, no **Suplemento Literário do Jornal Minas Gerais** (17.09.81) e serve de base para estas considerações. O artigo foi alterado pelo autor ao publicá-lo no livro **Holdemar Menezes: literatura e resistência** (1992), porém, conserva a essência que é a crítica referente aos aspectos ideológicos do romance. O texto reestruturado inicia com a questão ideológica.

“A obra literária pertence à esfera da arte e não pode confundir-se com documento sociológico ou filosófico, não se confunde com a história nem se reduz a uma ideologia. As características da beleza da forma trabalhada, da sensibilidade perceptiva continuam-lhe inerentes. Entretanto, a obra de arte literária não corresponde a puro epifenômeno, a algo que surge como fruto duma misteriosa inspiração e paira como que autonomamente sobre a realidade. É, antes, uma forma de percepção do mundo, revestindo-se da mentalidade social e ideológica duma época. Compreender uma obra de arte não consiste num restrito penetrar de seus símbolos formais, mas em apreender as relações complexas que se estabelecem entre a obra e o mundo ideológico.” (apud Soares, Miguel, 1992, p.25)

Como o texto foi reestruturado para ser publicado em livro, o crítico apresenta uma fundamentação teórica para as suas considerações:

“Holdemar experimentou as vicissitudes específicas do seu tempo, não foi um “criador” genial de universos fantásticos, mas, na linha de Benjamin, foi um “produtor” e, com Macheray, um deformador. (...) Holdemar escreveu como um “trabalhador”, sim, mas não como um “assalariado”, nem perdendo-se na engrenagem “industrial” ou “comercial”, pela situação cultural do novo livro. Se “a arte é uma formação de produção social” (Benjamin), esse aspecto da “prática social” reveste-se de outras implicações.” (apud Soares, Miguel, 1992, p. 26.

Além de acrescentar fundamentação para os aspectos ideológicos, o crítico acrescenta um parágrafo para apresentar a estrutura do romance. É um texto direcionado para os já iniciados na arte denominada “Literatura”.

É incontestável o reconhecimento do autor do romance **A maçã triangular**, entre os críticos; assim como Donaldo Schüler, Lauro Junkes inclui o escritor catarinense entre os grandes nomes da literatura nacional dos anos de repressão, preocupados com o momento sócio-político e repressivo da época, entre eles Rubens Fonseca, Ivan Angelo, Ignácio Loyola Brandão, Márcio de Souza.

No livro **A literatura catarinense**, um dos mais conhecidos no meio escolar no Estado de Santa Catarina e referência para professores do ensino da literatura, o professor e crítico literário Celestino Sachet apresenta Holdemar Menezes como o primeiro na ordem de apresentação para referenciar a ficção urbana de caráter social. É uma seqüência breve em que o crítico faz um apanhado geral da obra de Holdemar Menezes. Referindo-se ao romance **A maçã triangular**, afirma que é uma visão crítica de um porto marítimo em decadência, provavelmente São Francisco do Sul. É um apanhado geral de críticas e posicionamentos, assim como de entrevistas de Holdemar Menezes. É um resumo breve que atende os objetivos do livro, o de apresentar uma síntese do que foi publicado por autores catarinense.

Antonio Hohlfeldt publica, em 1985, um livro denominado **Literatura catarinense em busca da identidade**, e abre a introdução:

“Os últimos anos da década de setenta apresentaram ao Brasil uma literatura catarinense surpreendentemente pujante e dinâmica, fato que, de modo geral, desconhecia-se neste país-continental. Verifica-se, mediante certa observação mais acurada, que a maior parte dos escritores hoje renomados

nacionalmente, neste Estado, nasceram em torno de 1922. Ou seja, suas obras integram-se a geração do chamado Modernismo, se o considerarmos a partir das manifestações ocorridas na capital paulista.” (p. 9)

É uma abertura de introdução interessante, pois menciona que os “escritores renomados nacionalmente, neste Estado, nasceram em torno de 1922”. Holdemar Menezes nasceu em 1921, um ano antes da data apresentada, não em Santa Catarina, e sim, em Aracati, Ceará, mas é deste estado, o de Santa Catarina, e renomado nacionalmente. O crítico, referindo-se ao romance *A maçã triangular*, apresenta-o essencialmente existencialista:

“O texto parece buscar apoio aqui e ali para desenrolar seu drama, como que enxertando passagens para ultrapassar a tonalidade teórica, prosaica, extremamente discursiva que o caracteriza como um todo, levando-o inclusive a certa confusão de enredo, nem sempre fácil de identificar por parte do leitor, graças aos subterfúgios utilizados, numa tentativa de dar dinamicidade artificial ao andamento da narrativa.” (p.120)

Holdemar usa subterfúgios do quadro político e social, segundo o crítico, de uma época determinada, no caso os episódios anteriores ao marco de 1964, não se referindo ao período pós-golpe de estado. Para o crítico a trama concentra-se no triângulo Breno, Herr Fischer e Hugo:

“... o escritor na verdade está interessado pelos dramas mais íntimos de suas personagens, avultando o triângulo formado por Breno, Herr Fischer e Hugo, este último um marinheiro norueguês que volta e meio chega ao perdido porto de Ilha do Sul, vindo estabelecer sólida amizade com Bruno, que também mantém inesperada amizade com Herr Fischer, sobre quem pesam acusações que vão de ex-nazista e integralista a alcagüete e colaboracionista com toda e qualquer autoridade.” (p.121)

Para o crítico, o ponto de vista da primeira pessoa gramatical e terceira pessoa não fica claro:

“Holdemar Menezes parte de uma situação intermediária no tempo, o transporte do prisioneiro Breno para a localidade em que viverá inicialmente entre as grades e depois como em uma espécie de exílio, para saltar de imediato ao suicídio do septuagenário professor Alonso e então, recua no tempo e espaço até o período anterior ao golpe de estado, quando se enfocam discussões entre companheiros professores da universidade...” (p.121)

É um texto preocupado com a coerência entre os acontecimentos relatados na diegese, não chega a dialogar com o romance e com o período em que os fatos históricos estão relacionados, não ocupa os espaços em branco ou lacunares para interagir com o romance, como pode-se observar na citação seguinte:

“... é sobre a figura de três homens, Breno, Herr Fischer e Hugo, que se centraliza o drama, mais esboço do que pintura firme e concreta, não se sentindo coerência maior, por exemplo, na relação de Fischer com Breno, muito menos na revelação que temos sobre seu vício nos tóxicos. De Hugo também não se consegue maior concretude no drama de solidão que o envolve, distante da família, resultando em sua morte em algum porto da África.” (p. 121-122)

Conclui o seu texto com duas questões: “Poderemos, no entanto, considerar os acontecimentos de 1964 como mera crise existencial que se abateu sobre a Nação, ou, como querem os cientistas, deveríamos pensar em algo mais concreto, ligado à economia internacional?” Para concluir o artigo, o crítico, menciona: “Eis uma indagação que **A maçã triangular** parece pretender responder.” As indagações poderiam prosseguir: Seria necessário o romance responder alguma questão?

Janete Gaspar Machado em **A literatura em Santa Catarina**, livro publicado pela Mercado Aberto, em 1986, apresenta um capítulo denominado “Trajetória da Emancipação”, e nele inclui um subtítulo “Sintonia com o país”, para apresentar que a literatura de uma forma gradativa toma consciência de sua importância e comprometimento com as causas sociais e políticas no estado e na nação, e “os escritores catarinenses vão retratando, constatando, questionando e denunciando, enfim, mapeando esses espaços, suas gentes e seus respectivos microssistemas culturais” (p. 79).

Dentre os escritores catarinenses que estão sintonizados com o país, destaca Adolfo Boos Jr., Silveira de Souza, Glauco Rodrigues Corrêa, Emanuel Medeiros Vieira, Deonísio da Silva, Raimundo Caruso, Edla Van Steen, Ricardo Hoffmann e Holdemar Menezes, que, na contemporaneidade, ocupa lugar de destaque a nível nacional. Para a ensaísta literária Janete, os contos e os romances de Holdemar Menezes constroem uma ambientação espacial perfeitamente identificável com a catarinense. Em relação aos romances, o autor retoma alguns elementos estéticos ou temáticos dos contos.

“**A maçã triangular**, é também reaproveitado em contos de **Os eleitos para o sacrifício**. No romance citado, Ilha do Sul é o principal cenário onde se desenvolvem as ações, conservando as características de cidade portuária decadente, já conhecida do público por intermédio de contos que exploram o mesmo espaço. Entretanto, ainda que decadente e submersa num marasmo social e econômico, não é alheia aos problemas de nível político próprio do Brasil pós-64, servindo de exílio a uma personagem marcada pela repressão desencadeada pelo regime instalado na época.” (p 91-92)

A maçã triangular, destaca Janete Gaspar Machado, está intimamente ligado aos grandes temas universais, e conclui o seu texto:

“Face ao texto, título do livro, essencialmente metafórico, torna-se objetivo na medida em que o percurso da personagem surge a confusão de conceitos políticos, morais e existenciais, a impossibilidade de se eleger um valor substancial e permanente que conduza a personagem, a fuga que esta enceta para fora de si mesma e, acima de tudo, a revelação do inconsciente do ser humano comandando todos os atos.

Um clima político ambíguo e repressor, acrescido das contradições pessoais da personagem, bloqueia as saídas e o resultado é Breno, cuja culpa faz com que não distinga seu espaço no mundo. Neste sentido, **A maçã triangular** é um romance contemporâneo na forma e no conteúdo, verdadeiro testemunho de um momento histórico brasileiro.” (p.92 e 93)

Dentre os críticos, amigos, jornalistas que teceram considerações em relação à obra de Holdemar Menezes, mais especificamente o romance **A maçã triangular**, todos apresentam a obra como um retrato vivo do período pré e pós-golpe de estado ocorrido no Brasil, sem com isso, deixa de considerar as questões estéticas da literatura. Apresentam o romance como uma obra que transcende as produzidas na época, comprometida em refletir a realidade brasileira, sem prejuízo artístico; a obra prioriza a produção artística comprometida com o tempo e o povo.

Em síntese, os críticos, amigos e jornalistas consideram **A maçã triangular** uma obra literária que retrata um período perturbado da nossa história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o exposto na introdução, literatura é arte. A literatura é uma produção artística que utiliza a palavra para a sua manifestação e o seu valor não está restrito às mensagens sociais que transmite, residindo sobretudo no prazer estético que desperta no leitor.

A inter-relação entre a Literatura e a História é uma constante, principalmente em períodos de conturbada ordem social. No Brasil, nos períodos pré e pós-golpe de estado de 1964, a literatura assumiu uma atitude política diante da sociedade, a de ajudar a sociedade a descobrir seus próprios valores; a de tomar consciência da realidade em que estava submersa, sem com isso deixar de considerar o valor estético.

Foi com o objetivo de pensar a Literatura, como objeto estético, e a História como um recorte do período de repressão no Brasil, que se buscaram as marcas de Holdemar Menezes na sua produção artística e escritos encontrados sobre ele e sua obra. É considerando o seu contexto histórico e literário que deve ser lida a narrativa **A maçã triangular**, por tratar-se de obra literária que ficcionaliza a problemática sócio-política do período. A narrativa não conta os fatos históricos para ilustrar o que já estava posto na sociedade repressiva da época,

mas apresenta marcas dos acontecimentos de seu tempo, como por exemplo: os conflitos presentes nos grupos de legitimação da sociedade e os descontentes, os que pensavam uma nova ordem social.

O romance **A maçã triangular** constitui um painel do que estava acontecendo no Brasil, é a leitura de um mundo que não pode ser esquecido, pois um mundo histórico e literário salta das páginas do romance. É um romance que não apresenta um fim; ele exige a participação do leitor/narratário para que se estabeleça o seu final. É uma obra em aberto. De cada nova leitura do período da repressão, resultará um novo romance, que salta da leitura da obra literária **A maçã triangular**.

O tema proposto, a estrutura da narrativa, a utilização da linguagem, o convite à participação do leitor no romance, os fatos históricos apresentados no romance **A maçã triangular**, fazem com que este seja considerado um legítimo representante da literatura nacional. Trata-se, pois, de um romance de expressão nacional produzido no estado de Santa Catarina.

Para atingir os objetivos propostos na introdução, dividiu-se esta “maçã” em três capítulos. O primeiro lado da maçã foi denominado de “Holdemar e as suas marcas”; nele buscou-se traçar um retrato sócio-cultural do escritor, a partir das marcas deixadas em suas obras e entrevistas, é uma leitura possível da vida de Holdemar Menezes; o segundo lado da maçã “As marcas do romance **A maçã triangular**” apresentou as marcas da estrutura narrativa, das personagens e as marcas ideológicas encontradas no romance; nesse segmento, entre inúmeros pontos de análise, não foi abordado, de forma explícita o título do romance, por considerar o tema exaurido; no terceiro lado da maçã, “A recepção do romance **A**

maçã triangular”, procuraram-se as marcas do romance em jornais, correspondências e em textos publicados na imprensa, logo após a publicação do romance.

Se para saborear esta “maçã”, encontraram-se três lados, não se exclui que estudiosos mais perspicazes e com maior fundamentação teórica possam encontrar outros lados e outros sabores.

REFERÊNCIAS E FONTES BIBLIOGRÁFICAS

1. De Holdemar Menezes

1.1. Obras publicadas por ordem cronológica

MENEZES, Oliveira de. **Kafka - o outro**. Porto Alegre: Flama, 1970.

---. **O problema psico-social da sexualidade**. Palestra proferida no Congresso Brasileiro de Higiene Mental do Adolescente, Guanabara, 16-21 de abr. 1972. (O texto da palestra encontra-se na Biblioteca Central da UFSC).

MENEZES, Holdemar. **A coleira de Peggy**. Porto Alegre: Movimento, 1972.

---. **O barco naufragado**. Florianópolis: Governo do estado, 1976.

---. **A sonda uretral**. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

MENEZES, Holdemar de Oliveira de, OLIVEIRA, Arthur Pereira e. **Discurso na Academia Catarinense de Letras**. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 1981.

MENEZES, Holdemar. **A maçã triangular**. Porto Alegre: Movimento, 1981.

---. **Os residentes**. Porto Alegre: Movimento, 1982.

---. **A vida vivida**. Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1983.

---. **Os eleitos para o sacrifício**. Porto Alegre: Movimento, 1983.

PEREIRA, Francisco José, MENEZES, Holdemar, SOUZA, Silveira de. **Um ônibus e quatro destinos**. Porto Alegre: Movimento, 1994.

1.2. Textos dispersos

MENEZES, Holdemar. Balada do menino ausente. **Notícias & Letras**, (Recorte de jornal, s/d, s/l).

---. **Kafka - o outro** (recorte de jornal, s/l, s/d).

---. Eu: réu confesso. In: **Jornal de Santa Catarina**, Blumenau, 26 de out. 1980.

DEPOIMENTO, Holdemar Menezes fala do seu romance a **Maçã Triangular**. In: MIGUEL, Salim, SOARES, Iaponan. (Org.) **Holdemar Menezes: literatura e resistência**. Florianópolis: Ed. da UFSC/Lunardelli, 1992.

MESA redonda do Desterro, A. **Desterro**, **Jornal Catarinense de Cultura**, Florianópolis, n. 2, out. 1976.

2. Sobre Holdemar Menezes

ALMEIDA, Márcio. Cirurgia da palavra. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 3 mar. 1979.

---. **Kafka**: labor de angústia, maio 1973 (Recorte de jornal, s/l).

---. **Kafka, o outro** (Recorte de jornal, s/l, s/d).

ALVES, Hamilton. Os últimos dias. **A notícia**, Joinville, 25 agos. 1996.

ATHANÁSIO, Eneas. **O barco naufragado** (Recorte de jornal s/l, s/d).

AUTOR Catarinense, O. **A ponte**, primeira semana de 1979.

CARDOZO, Flávio José (Coor.) **Holdemar Menezes: estudo biográfico**. Florianópolis: FCC, 1993. 24 p.

CARVALHO, José Augusto. **Os residentes** (Recorte de jornal, s/l, 29 jan. 1983).

---. Os eleitos para o sacrifício. **O Estado**, Florianópolis, 17 mar. 1985.

CARVALHO, Ilmar. **Uma vida em desencontros**. **A notícia**, Joinville, 25 agos. 1996.

COLEIRA de Peggy, A. **O momento**, Cachoeira de Itapemirim, 11 jan. 1980.

COLEIRA de Peggy, A. **Diário do Povo**, Campinas, 21 fev. 1980.

COLEIRA de Peggy agora em nova edição pela Ática. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 10 nov. 1979.

CORRÊA, Glauco Rodrigues. A sondagem de Holdemar. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 14 abr. 1979.

---. A sondagem de Holdemar. **Jornal de Santa Catarina**, Blumenau, 8 e 9 out. 1978.

---. O mundo do romance policial. **A Gazeta**, Florianópolis, 9 out. 1980.

DUTRA, Júlio Bosadona. **Holdemar Menezes: personagens e reflexões**. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 1996.

---. A entrevista. **O Estado**, Florianópolis, 16 de jun. 1978.

ESCOSTEGUY, Jorge. **As razões de Peggy na voz de Holdemar** (Recorte de Jornal, s/l, s/d)

FLECK, Roberto Antunes. O escritor deve se engajar porque ele é apóstolo do seu tempo e realidade. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 14 nov. 1981.

HOHLFELDT, Antônio. **A literatura catarinense em busca da identidade**. Brasília: INL, 1985.

---. Modernismo, resistir, eis o desafio. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 14 out. 1972.

HOLDEMAR: a vez da crônica. **A ponte**, abril 1983 (Recorte de jornal, s/ll).

HOLDEMAR Menezes: o guerreiro lírico contra o dragão da escritura. **A Notícia**, Joinville, 25 agos. 1996.

HOLDEMAR Menezes lança outro livro. **REVISTA ACAMED**, n. 116, nov. e dez. de 1981, s/l.

JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. Peggy conquistou o jabuti. **Diários Associados de Santa Catarina**, s/l, s/d.

JOSÉ, Elias. Dois contistas de um mesmo espaço. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 5 abr. 1975.

JUNKES, Lauro. A coleira de Peggy: reedição/releitura. **O Estado**, Florianópolis, 9 dez. 1979.

---. A vida vivida. **O Estado**, Florianópolis, 28 jun. 1983.

- . A palavra, vigorosa arma de Holdemar. **O Estado**, Florianópolis, 16 mar. 1986.
- . Ficção de médicos. **O Estado**, Florianópolis, 23 jan. 1983.
- . Holdemar Menezes: A sonda uretral. **Jornal de Santa Catarina**, Blumenau, 10 e 11. 1978.
- . O conto de Holdemar Menezes. **Jornal de Santa Catarina**, Blumenau, 6 mar. 1977.
- . Um romance engajado. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 885, 17 set. 1983.
- MEIRA, Clóvis. **A pedra verde e a vida vivida** (Recorte de jornal, s/l, s/d).
- MELLO, Maria Amélia. Holdemar Menezes: sindicalização virá mesmo contra a nossa preguiça. **Suplemento da Tribuna**, Rio de Janeiro (Recorte de jornal, s/d).
- MIGUEL, Salim. Entrevista Holdemar Menezes. In: MIGUEL, Salim, SOARES, Iaponan. (Org.) **Holdemar Menezes: literatura e resistência**. Florianópolis: Ed. da UFSC/Lunardelli, 1992.
- MIGUEL, Salim, SOARES, Iaponan. (Org.) **Holdemar Menezes: literatura e resistência**. Florianópolis: Ed. da UFSC/Lunardelli, 1992.
- MIGUEL, Salim. **Os residentes**. 15 mar. 1983 (Recorte de jornal, s/l).
- MOTTA, Pascoal. Um novo livro de HM. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 21 out. 1978.
- MOURA, Francisco Miguel de. Holdemar Menezes escreve o seu tempo. **Diário do Povo**, Teresina, 20 fev. 1997
- PINHEIRO NETO. 3ª edição d'a Coleira de Peggy. **A Gazeta**, Florianópolis, 4 nov. 1979.
- PÍTSICA, Paschoal Apóstolo. O companheiro surpreendente. **A Notícia**, Joinville, 25 agos. 1996.
- POLVORA, Hélio. **Carta**, 14 nov. 1981.
- . Holdemar Menezes: repressão, revolta e engajamento. **A notícia**, Joinville, 6 out. 1986.
- PRADE, Péricles. Componentes psicosexuais em Kafka. **O Estado**, Florianópolis, 7 jul. 1970.
- RAMÍRES, Hugo. O Kafka de Oldemar. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 23 set. 1971.
- REIS, Marcos Konder. **Carta**, 9 dez. 1981.

- SACHET, Celestino. **Um outro Holdemar - e outros** (Recorte de jornal, s/l, s/d).
- SCHÜLER, Donaldo. A maçã triangular. **O Estado**, Florianópolis, 8 dez. 1981.
- . A maçã triangular. **Jornal de Santa Catarina**, Blumenau, 7 e 8 fev. 1982.
- . **A palavra política de Holdemar** (Recorte de jornal, s/l, s/d).
- SEIXAS NETO, A. **Entendendo Kafka** (Recorte de jornal, s/l, s/d).
- SILVEIRA, Roosevelt da. **A coleira de Peggy**. Espírito Santos, 21 out. 1973 (Recorte de jornal, não consta o Periódico)
- SOUZA, Silveira de. Um conto: A sonda uretral. **Jornal de Santa Catarina**, Florianópolis, 14 e 15 jan. 1979.
- VIEIRA, Emanuel Medeiros. A coleira de Peggy. **O estado**, Florianópolis, 4 agos. 1972.

3. Apoio técnico

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do estado: notas sobre os aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- AZEVEDO, Maria Helena. Algumas reflexões sobre a construção biográfica. In: **Literatura e diferença/ IV Congresso ABRALIC (Anais)** São Paulo, 31 de jan. a 3 agos. 1994.
- BARTHES, Roland. **Racine**. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HCITEC, 1986.
- BRANDÃO, Helena H. Naganine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: UNICAMP, 1994.
- BOURNEUF, Roland, OUELLET, Réal. **O universo do romance**. Coimbra: Almedina, 1976.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1973.
- . **Dialética da malandragem**. São Paulo: Jornalivro.
- CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

- COUTINHO, Afrânio. **Da crítica e da nova crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- COUTINHO, Nelson, et al. **Realismo e anti-realismo na Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- D'ONOFRIO, Salvatore. **O texto literário: teoria e aplicação**. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo: UNESP, 1997.
- . **Marxismo e crítica literária**. Porto: Afrontamento, 1978.
- FONSECA, Ênio. A coleira de Peggy. **Diário de Minas**, Belo Horizonte, 5 dez. 1979.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- . **O caminho crítico**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Vega/Universidade, s/d.
- . **Figures III**. Paris: Seuil, 1972. Traduzido como **Discurso da narrativa**. Lisboa: Vega/Universidade. s/d.
- GERMANO, José Williangton. **Estado militar e a educação no Brasil (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 1993.
- GOTLIB, Nádía Battella. **Biografia: história ou ficção?** In: **Literatura e diferença / IV Congresso ABRALIC**. (Anais) São Paulo: ABRALIC, 31 a 3 de agos. 1994.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à Teoria Literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- JUNKES, Lauro. **A literatura de Santa Catarina**. Florianópolis: Autor/UFSC, 1992.
- . **Autoridade e escritura**. Florianópolis:UFSC/ ACL, 1997.
- . **Narrativa de ficção - enredo** (Texto avulso).
- . **O mito e o rito**. Florianópolis: UFSC, 1987.
- . **O narrador** (Texto avulso).
- . **O narrador e a focalização** (Texto avulso).

---. **O tempo na ficção** (Texto avulso).

---. **Personagem de ficção** (Texto avulso).

LEFEBVE, Maurice. **Estrutura do discurso da poesia e da narrativa**. Coimbra: Almedina, 1980.

LEITE, Dante Moreira. **O amor e outros temas**. São Paulo: Nacional/USP, 1979.

LIMA, Luiz Costa. As projeções do ideológico. In: **Cadernos da PUC**, n. 26 Rio de Janeiro, Divisão de Intercâmbio e Edições/PUC, 1975.

LUCAS, Fábio. **O caráter social da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

MACHADO, Janete Gaspar. **A literatura em Santa Catarina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **Ideologia alemã: teses sobre Feuerbach**. São Paulo: Moraes, 1965.

MOISÉS, Massaud. **Guia prático de análise literária**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MORENTES, García Manuel. **Fundamentos de Filosofia**. 8. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1980.

NOVAES, Adauto (Coord.) **Anos 70: literatura**. Rio de Janeiro: Europa, 1979-1980.

PÊCHEX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

REZENDE, Maria José de. **A transição como forma de dominação política: o Brasil na era da abertura 1980-1984**. Londrina: UEL, 1996.

RÚDIO, Fraz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SACHET, Celestino. **A literatura catarinense**. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

SANGUINETTI, Edoardo. **Ideologia e linguagem**. Porto: Portucalense, 1972.

SANTIAGO, Silviano. Repressão e censura no campo da literatura e das artes na década de 70. **Revista Encontro com a Civilização Brasileira**, n. 17. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.

SCHÜLER, Donald. **Teoria do romance**. São Paulo: Ática, 1989.

- STIERLE, Karlheinz. **Que significa a recepção dos textos ficcionais.** In.: LIMA, Luiz Costa. (Coord. e prod.) **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- SÜSSEKIND, Flora. **Literatura e vida literária.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- . **Papeis colados.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993.
- . **Tal Brasil, qual romance?** Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. **Teoria da Literatura.** 8. ed. Coimbra: Almedina, 1994.
- THOMPSON, John. **Ideologia e cultura moderna.** São Paulo: Vozes.
- TODOROV, Tzvetan, DUCROT, Oswald. **Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem.** São Paulo: Perspectiva, 1977.
- TODOROV, Tzvetan. **Poética da prosa.** Lisboa: Edições 70, 1979.
- VEYNE, Paul. **Como se escreve a história.** Brasília: UNB, 1995.
- WELLEK, René, WARREN, Austin. **Teoria da literatura.** 2. ed. Lisboa: Europa-América, 1971.

ANEXOS



Educação & Desenvolvimento

Prof.^a Waldira Rupp

Todo aquêle que busca o desenvolvimento, o crescimento experimenta a grande plidão de sua vulnerabilidade; como a ocorrência lógica, no encadeamento do desenvolvimento eterno da vida, floresce o auxílio que implica na conscientização de direitos e deveres próprios da natureza humana.

Surge incontinenti, o efeito da maturidade sobre a imaturidade e, no mais amplo dos campos; o campo educacional, objetiva-se com clarividência direta a figura do supervisor, que se entrega à missão de mostrar, estimular, orientar e conduzir seu semelhante ao infinito e no infinito limitar aspirações.

Importa que o professor leigo sofra os efeitos da reestruturação, efeitos estes, derivados de suas decisões pessoais, fruto da própria convicção, da própria iniciativa, do próprio senso de responsabilidade, mais que por coação, pressão, qualquer forma de imposição externa.

O supervisor, atendendo às necessidades que com nitidez vislumbra procurará levar o professor leigo a uma remodelação adaptativa, que o torne um líder de real valor no âmbito que o sistema educacional lhe confere.

Aliando paciência à sua boa vontade dentro de algum tempo verá a teoria do possível transformada em divinamente realizável:

Terá aberto vastos campos para uma ação fecunda, respeitando as normas de ética, aplicando-as devidamente nos limites de sua competência.

"A VIDA"

Neôdo Noronha Dias

Amigo, a vida não é nada.
Tudo vale o mundo em que vivemos.
Tudo o mal horrível que sofremos.
Tudo se deixa de alma incerta, abandonada.

Sim amigo, a vida não é nada.
Por isso não importa se pequemos.
Importa apenas, sim o que busquemos
Com a árdua mão encarquilhada.

Para que perseguir um ideal
Tudo chega enfim ao seu final
Um lenço, num sorriso num adeus?

E o homem vê no fim da caminhada,
A sua alma triste, abandonada,
Sem moral, sem lar, sem fé, sem Deus!

BALADA DO MENINO AUSENTE

Holdemar Vieira de Menezes

Por quê me mudaram tanto?
Onde os meus brinquedos de matar ausências,
Meus trens, meus apitos, minha inocência pura?
Em mim ainda dorme o menino
que nunca chegará homem!
Onde o meu riso, meu franco riso,
Meus anseios perdidos nos sinos da tarde,
Minhas esperanças da adolescência morta,
Que infância era com barba na face?
Por quê me mudaram tanto?
Minhas calças curtas se alongaram muito,
E o desejo de ser regato, plácido e terno,
Se transformou obrigatoriamente
No vendaval das emoções incontroladas.
É meu desejo não ser mais nada,
Parado no tempo, sem solução,
Sem ser problema de ancião,
Mas simplesmente o menino ausente
Que está presente dentro de mim.

(Este poema faz parte do livro "CANTO INFECUNDO". Seu autor é o DR. HOLDEMAR OLIVEIRA DE MENEZES, médico-cirurgião, professor de Medicina legal da Faculdade de Florianópolis e deputado estadual. Nascido no Ceará e formado no Rio de Janeiro, veio ainda moço para Sta. Catarina, onde tem exercido vários cargos de relevância profissional e política. Escritor e poeta de alto quilate, teve recentemente um de seus contos classificado entre os dez melhores contos escritos por médicos de todo o Brasil, os quais foram reunidos em livro que foi lançado solenemente no último dia 14, na tradicional livraria S. José, do Rio.

Além destas qualidades, o Dr. Holdemar de Menezes é considerado uma das maiores autoridades de JAZZ! A publicação do poema acima em "NOTÍCIAS & LÊTRAS" é feita por deferência especial de seu autor pela qual apresentamos nossos agradecimentos nesta oportunidade.)

(Continuação de LEMBRANDO & ANOTANDO)

em que o inimigo foi completamente dizimado. Caminhando por entre mortos nas mais horripilantes posturas, chega ao lugar onde está um de seus soldados ainda vivo, com uma baioneta espetada no peito. O capitão acocóra-se ao pé dele e pergunta, apontando para a baioneta: - Está doendo muito? Ao que o soldado responde com voz cava, deitando sangue pela boca: - Não meu capitão. Só quando me rio...

FEIRA DO LIVRO

Escritor deve se engajar porque ele é um apóstolo do seu tempo e realidade

ROBERTO ANTUNES FLECK

Não é mais possível, hoje, escrever novelinhas de amor, onde a mocinha é salva de um desastre, sendo recuperada por um médico inteligente, casando com o mocinho num cenário de prados verdes e cisnes brancos. O escritor que insiste nesses temas deveria ser processado, porque está cometendo um crime contra a sua pátria. Nossa realidade é dura e precisa chegar aos livros. Falar do povo não é só falar de operários, mas de todos nós, porque todos somos povo. Cabe ao escritor levantar problemas. Os problemas são, geralmente, escondidos pelo homem porque o inquietam.

Essa opinião, do escritor catarinense Holdemar Menezes, professor de Medicina Legal da Universidade Federal de Santa Catarina, ginecologista e obstetra, está contida não só nos seus depoimentos pela Imprensa, mas também nos seus livros.

Em Porto Alegre, Holdemar esteve esses dias autografando sua última obra — "A Macã Triangular" — romance escrito entre 1969 e 1970, "proteído pelas editoras em função do medo que elas tinham de que a Censura Federal viesse naquelas tempos difíceis, a impedir a edição, sem possibilidade de apelação à Justiça. Por isso, o livro só sai agora pela editora Movimento, sem perder sua atualidade, traçando um perfil de insatisfação de alunos e professores na universidade, a má qualidade de ensino, a queda de um governo com a consequente agitação social. Sem se referir a nenhuma Revolução específica, Holdemar aborda o período de uma pós-revolução, "onde são feitos as cassações, as perseguições e os confinamentos".

A obra se abre também — esclarece o escritor — para narrar os problemas dos pescadores, dos trabalhadores do calçô de porto numa pequena cidade, dando voz à gente simples, cujos problemas ganham dimensão social. Consciente de que o escritor de hoje não pode ser nenhum alienado, preocupado em falar de coisas fantásticas, esse colaborador do suplemento antigo "Caderno de Sábado" do "Correio do Povo", acredita que é necessário engajar-se. "A palavra engajada" causa ur-

tiária em certos setores da repressão, como se se estivesse defendendo, com o engajamento, ideologias vistas como atentatórias à moral e à liberdade. O escritor deve ser engajado no sentido de ser um apóstolo do seu tempo. Sua tarefa não é messiânica, catequística, mas é a de estar atento àquilo que se passa ao seu redor".

Num País cujo cenário é marcado pelas filas do INAMPS e pela insatisfação geral — acrescenta Holdemar — não é possível se falar em riqueza e felicidade, porque as pessoas precisam ser as mais humanas possíveis. Elas não podem fugir à realidade. O escritor deve dar sua contribuição à solução dos graves problemas que o Brasil enfrenta.

O escritor de Santa Catarina, completando seu raciocínio, atribui o sucesso dos escritores latino-americanos ou hispano-americanos na Europa ao fato dos europeus ficarem estarelhados com os problemas cruciantes que são abordados nos livros, caracterizando inclusive aqui que lá é chamado de realismo mágico. Lá é realismo mágico, mas aqui é realidade. A realidade é que é mágica.

Com base nessa realidade, Holdemar procura retratar em suas obras temas de caráter social como as filas do INAMPS, as vendas de rina, além de vários outros assuntos que fazem parte da vida brasileira.

Como médico — argumenta o escritor — nunca me encantei escrever anotando a Medicina, mostrava os médicos como heróis do bem-comum. Procuro ser mais real. Falo do desamor, da falta de assistência médica na necessidade, da compra de consultas, da corrupção, do superfaturamento na Medicina. Se a realidade mudar,



Holdemar Menezes

poderá vir a ser um escritor ufanista, aplaudindo a nova realidade social.

Holdemar concorda com a opinião de que também cabe aos escritores criar resistência para que a abertura política se consolide definitivamente. "O recente Congresso Nacional dos Escritores, realizado em Florianópolis, defendeu a liberdade de expressão como uma das preocupações mais importantes da classe. E até propôs que se apoiassem aquelas autoridades constituídas que desejam o retorno à Democracia. Aliás, entre elas está o presidente Figueiredo que, em várias oportunidades, disse que deseja fazer deste País uma Democracia".

Menezes vê outro aspecto em relação à situação atual do escritor. Ele perdeu seu falso status de homem de gabinete e hoje vai à procura da Imprensa, bem ao contrário do que acontecia no passado, quando chegava a impor dificuldades ao trabalho dos repórteres.

Hoje — reforça o escritor — o escritor compreende seu papel social, comparecendo à televisão, às universidades e a debates, divulgando seu nome, porque há todo um compromisso com as editoras que investiram nele. Além disso, o livro é hoje visto como um material de consumo que deve chegar ao leitor. Como existem poucas livrarias e escassos leitores, não é possível assumir o papel de alguém enclausurado num castelo. Essa aproximação do escritor com o jornalista, ambos profissionais da palavra, é essencial para que mais pessoas tenham interesse pela Literatura.

Holdemar Menezes já escreveu quatro livros além de "Macã Triangular", agora editado pela Movimento. Em 1970, escreveu um ensaio: "Kafka, O Outro". Em 1972, foi a vez de "A Poetra da Peggy", grã-duquesa com três edições, duas pela Movimento e a terceira pela Alica. Livro ganhador do Prêmio Jabuti. Outro livro de crônicas — "O Barco Naufragado" — editado, em 1974, pelo Conselho de Cultura de Santa Catarina, também abriu espaço para que a Codecel, editora do "Pasquim", se interessasse por "A Sonda Utrai", contos, publicados em 1978. Esse livro obteve o segundo lugar num concurso nacional patrocinado pela Fundação Cultural do Distrito Federal.

Rio, 9 de dezembro de 1931.

Meu caro Holdemar Menezes.

Muito obrigado pela oferta de seu livro "A Massa
Triangular". Foram, creio, horas de grande prazer, a
leitura de seu romance. Seu livro me surge exce-
lente: bem escrito, honesto, sincero, e capaz de manter
vivo o interesse do leitor, da primeira à última pá-
gina. Você, fique certo, é um romancista de categoria,
em do contista dos livros anteriores. gostei, gostei
tanto mesmo do seu romance, e fiquei muito con-
tente com ele, pois estou convencido que sua publi-
cação veio enriquecer a literatura de Santa Catarina.
Um o que acabo de dizer, não lhe quero, nem de hon-
ra, tirar a glória de seu Nordeste. Mas, nordestinos,
e os vós, e quem, ao mesmo tempo, faz nome al-
ém, as bandeiras do Sul e do Nordeste, que no di-
nha da capacidade de colocar, cá e lá, a beleza em
ca. Com meus votos de um bom Natal e um fe-
liz Ano Novo, vale o meu abraço amigo e de ad-
miração sempre.

Seu Karla

Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1981.

Caro Holdemar:

muito obrigado pelo exemplar de "A Maçã Triangular".

Versando tema político - a contestação intelectual pós-64, a crise universitária e o esvaziamento cultural de nossas instituições - você não incorre, porém, no erro de alguns ficcionistas brasileiros recentes, que é o detalhe meramente neonaturalista.

Escritor de recursos, você transcende o factual. As figuras de Breno e Herr Fischer estão bem recortadas. Encontro, enfim, o excelente ficcionista de "A Coleira de Peggy", com sua exposição objetiva e contundente. É com o seu compromisso de refletir a realidade sem prejuízo artístico.

Deixo um abraço e votos de renovadas expectativas, se possível, para 1982.

Seu admirador

Hélio Pólvora

Hélio Pólvora

MEDICINA PELA TV EXECUTIVA

Transmitido pelo Sistema de TV Executiva da TELESC para as cidades de Florianópolis, Blumenau, Joinville, Lages, Criciúma, Chapecó, Rio do Sul, Concordia, Joaçaba, Curitiba e Mafra, o Programa de Educação Médica da ACM está obtendo excelente receptividade junto à categoria, especialmente em razão das facilidades que proporciona para o aprimoramento técnico-científico dos colegas que trabalham nas cidades interligadas ao Sistema.

Dando sequência as atividades desenvolvidas em 1981, os Departamentos Científicos da ACM já estão estudando a progra-

mação prevista para 1982. As datas respectivas, referentes ao primeiro semestre, já estão definidas: 9 de fevereiro, 2 e 23 de março, 13 de abril, 4 e 25 de maio, e 15 de junho.

Conforme se pode observar foi mantido o mesmo dia da semana para transmissão do Programa: terça-feira. Assim também, o horário de início permanece: 20 horas e 15 minutos.

Na reunião de 9 de fevereiro será discutido o tema "Novo Sistema de Contas Hospitalares de Doentes Internados do INAMPS".

HOLDEMAR MENEZES LANÇA OUTRO LIVRO

Nosso colega e companheiro, Holdemar Menezes, no final do ano, lançou seu romance, editado pela Movimento, de Porto Alegre, e distribuído em nosso Estado pela Lunardelli, intitulado "A Maçã Triangular".

Holdemar Menezes dedica-se à literatura há muitos anos. Este é seu quinto livro. O primeiro foi um ensaio sobre os componentes psico-sexuais de Kafka - "Kafka - o Outro", editado pela Flama, de Porto Alegre, em 1970.

O segundo data de 1972. Trata-se de "A Coleira de Peggy", livro de contos, editado pela Movimento, de Porto Alegre, que lhe valeu o prêmio Jabuti de 1973, prêmio nacional da Câmara Brasileira do Livro.

O terceiro também de contos, denominado "A Sonda Uretral", foi editado pela Codecri, do Rio de Janeiro, em 1978.

Além dos livros citados, ele participa, ainda de cinco antologias, a saber: "Contos de Médicos", 1965; "Panorama do Conto Catarinense", 1971; "Círculo 17", 1975; "Assim escrevem os Catarinenses", 1976 e "21 Dedos de Prosa", 1980.

Holdemar Menezes agora reaparece, com um romance que vem despertando crítica favorável nos maiores centros culturais do País.

"A Maçã Triangular", é uma obra que trata da realidade brasileira. É, portanto, um romance contemporâneo, comprometido com a atual fase sócio-política do País. Pode ser dividido em dois planos: o movimento estudantil, especialmente o movimento universitário que antecede abril de 1964, e a fase atribulada que muitos tiveram que enfrentar após a tomada do Poder.

Iaponan Soarea, ao apresentar o livro assim se manifesta: "A narrativa flui com desembaraço. O tom é amargo, às vezes sarcástico e até picaresco, mas nunca panfletário. O compromisso do autor é de natureza existencial, medido o homem como um todo, numa abordagem ágil, incisiva, de quem vivenciou aqueles instantes e, por isso, com independência para oferecer uma visão dos fatos."

Holdemar Menezes, neste seu último livro, aborda problemas fundamentais da condição humana: o medo, a angústia, a desesperança, a política, a delação, as perseguições dos vencedores, a solidão, o amor e o desamor, sexo e insatisfação. Tudo isso formando um painel bem articulado, em que prevalece sempre o criador de arte comprometido com seu tempo e seu povo.

Ele se diz, constantemente, um escritor comprometido com a realidade do seu atribulado tempo. Numa entrevista ao "Correio

do Povo", por ocasião da Feira do Livro, na capital gaúcha quando o romance foi oficialmente lançado, em caráter nacional, declarou: "O escritor deve se engajar, porque ele é um apóstolo da realidade e do seu tempo."

A literatura de Holdemar Menezes é forte, não só através da temática como, essencialmente, pelo uso livre das palavras. Não esconde a realidade, por mais chocante que ela possa aparecer. E desse engajamento, e não o político-partidário, de que nos fala na mencionada entrevista ao jornal gaúcho.

Uma epígrafe citada por ele, de Camus, em "A Coleira de Peggy", retrata seu compromisso com a vida: "O meu acordo com a vida era total, eu aderiu ao que ela era, de alto a baixo, sem nada recusar das suas ironias, da sua grandeza, nem das suas servidões."

Em virtude desse "seu acordo total com a vida", "A Maçã Triangular", escrito entre 1968 e 1970, justamente no período de pretensa abertura acenada pelo Presidente Costa e Silva, teve sua publicação adiada por mais de um decênio. E que, como costuma dizer o autor: "fazendo blague, "o mar não estava pra peixe."

Sobre o livro, escreveu o crítico Donald Schuler: "O romance ergue-se sobre dois símbolos, a maçã triangular, fonte sedutora e misteriosa da vida, e os detritos pútridos acumulados na praia, onde em horas mortas se revolvem os corpos de naufragos da vida."

"Entre estes dois extremos, a morte e a vida, movimenta-se a ação do romance, com prevalência da morte. O romance é apocalíptico, narra o mundo em extinção. As personagens centrais são todas maduras e velhas, sobreviventes de uma decadência inevitável."

"A força maior de Holdemar Menezes está na criação de personagens. Não se percebe nelas reprodução de estereótipos. Destacam-se com marcante individualidade."

"A Maçã Triangular, como os demais livros de Holdemar Menezes, certamente contribuirá de forma palpável para o reconhecimento, lá fora, da literatura de Santa Catarina. O Estado não revelou ainda um grande número de romancistas, muito pelo contrário, como recentemente destacou o crítico e ficcionista Salim Miguel.

É, portanto, com grande alegria que a ACM apresenta o novo livro de Holdemar Menezes, nosso colega, que muito tem procurado fazer pela cultura estadual, de forma continuada, humilde, disciplinada e vigorosa.

A Maça Triangular

Donaldo Schüller

A maça triangular do catariense Holdemar Menezes é um livro caótico, e Ilha do Sul, onde se desenrola a ação do romance, oferece cenário ao caos.

Porto marítimo em decadência, Ilha do Sul mostra-se como um armazém em que se encontra de tudo. Entre as personagens principais, figuram um teuto-brasileiro, Herr Fischer, sucessivamente nazista, getulista e revolucionário antigetulista; Hugo, um marinheiro sueco indeciso entre o lar e o navio; Mister Brown, cônsul inglês, há 35 anos radicado no Brasil e casado com teutobrasileira, apesar de seu intransigente apego aos hábitos ingleses; o Pastor Hans Fischer, decadente e ébrio; Breno, professor universitário, confinado na ilha por motivos políticos.

Por cima deste mostruário de homens aproximados pelas contingências e que não se unem para construir uma nova civilização, paira o olhar neutro e observador de Breno. Os esforços deste para fugir do isolamento que prende todos em si mesmos, fracassam. Hugo, a quem se afeiçoara como irmão, morre assassinado numa terra distante; Selma, em quem derramava suas angústias, desaparece.

Ninguém tem raízes na ilha. As personagens não se afeiçoam à terra, não pensam em desenvolvê-la, não se organizam numa sociedade para um projeto comum.

As idéias participam do mesmo destino das personagens. Elas entram na ilha com as recordações de Breno. Não são provocadas por necessidades locais. Como as personagens, as idéias, que cobrem muitas páginas em discussões, soam à maneira de estilhaços de sistemas significativos em outras circunstâncias. As idéias estão a tal ponto desarraiçadas, que comparecem no último capítulo desprendidas até das personagens. Aparecem como segmentos autônomos, não proferidas por ninguém e não dirigidas a ninguém.

Teremos em A maça triangular uma visão crítica da cidade de Florianópolis? Confirmada a hipótese, o livro se inscreve na tradição da ficção brasileira, voltada

desde o princípio para a interpretação física e humana do Brasil, e a capital catariense encontrou o seu romancista. Observador arguto, o romancista não se deixa seduzir pela paisagem fascinante, não lança sobre a cidade olhos de turista, nem se preocupa em alimentar sonhos turísticos. Empenha-se, ao contrário, em destruir ilusões para revolver mundos que não desfilam na rua em tardes batidas de sol.

A formação na criação artística autêntica não se acrescenta de fora, nasce do confronto dialético com a realidade e neste confronto sustenta-se o mundo inventado em autonomia e poder de denúncia.

O romance ergue-se sobre dois símbolos, a maça triangular, fonte sedutora e misteriosa da vida, e os dejetos pútridos acumulados na praia, onde em horas mortas se revolvem os corpos de naufragos da vida. Entre estes dois extremos, a morte e a vida, movimentam-se a ação do romance, com prevalência da morte. O romance é apocalíptico, narra um mundo em extinção. As personagens centrais são todas maduras e velhas, sobreviventes de uma decadência inevitável. Nem os mais esclarecidos estão empenhados em ação criadora. Alonso, o intelectual, o professor universitário, suicida-se na prisão; Breno, seu colega mais moço, limita-se a recordar e observar. Convidado a agir, recusa-se. Os demais estão exclusivamente preocupados consigo mesmos e perecem sem perda para a coletividade.

A força maior de Holdemar Menezes está na criação de personagens. Não se percebe nelas reprodução de estereótipos. Destacam-se com marcante individualidade.

A maça triangular coloca-se expressivamente entre aqueles que à maneira de Ivar Angelo, Ruben Fonseca, Paulo Francis, Renato Pompeu, Antônio Callado procuram interpretar os conturbados anos de 60 e 70.

TOBAGO

1

Lauro Junkes

UM ROMANCE ENGAJADO

Após longa espera e muita luta, Holdemar Menezes publicou seu romance *A Maça Triangular* (P. Alegre, Ed. Movimento, 1981). Escrito antes dos volumes de contos publicados — *A Coleira de Peggy* e *A Sonda Uretral* — o romance enfrentou uma série de obstáculos ante a esfinge da censura e só nesse vislumbre de abertura foi aceito por editora.

Bastante diverso dos seus contos, embora a marca indelével do autor esteja em todas as narrativas, curtas e longas, este romance parece-me seu livro mais maduro, sob os aspectos humano, social e político. Nas narrativas curtas, impôs-se a recorrência a um subterfúgio que de certo modo desorientasse o leitor da problemática sócio-política: o elemento erótico, embora o enfoque da marginalidade social, da decadência e corrupção fosse perseguido. *A Maça Triangular*, ao contrário, assume franca e diretamente a condição de romance ideológico. Há pouco foi publicado pela editora da UFSC um ensaio sobre *Os Romances Brasileiros nos anos 70*, que enfoca exatamente alguns romancistas atuais, preocupados com o momento sócio-político, com a reflexão sobre a realidade dramática de contradições, opressões e reivindicações que vive a atual sociedade brasileira. Entre tais romancistas, como Rubem Fonseca, Ivan Angelo, Ignácio Loyola Brandão, Márcio Souza e outros, deveria figurar, agora sem dúvida, Holdemar Menezes com *A Maça Triangular*, devido ao corajoso enfoque político impresso ao romance e sem perder em nível literário para os anteriores.

Escrito no calor da hora, logo após a Revolução de 64, e com vivência dos fatos, o romance reproduz a situação caótica, as incertezas, o temor e o pânico dos momentos imediatamente anterior e posterior ao evento, nos seus reflexos sobre a sociedade brasileira. A própria estrutura narrativa incorpora o caos, no jogo entre presente e passado, no enfoque da aparência e da dissimulação, acompanhando as vacilações, angústias e terrores da personagem central, Breno, fio condutor de todo o relato.

A ação principal situa-se em Ilha do Sul, onde Breno se encontra em liberdade vigiada, como confinado político; mas contrapõe constantemente com lances do passado, quando Breno era professor na Universidade. Esse espaço exerce função decisiva. Primeiramente, trata-se de uma ilha, símbolo eloqüente de todas as personagens. Não há integração entre estas. No seu viver, agir e interesses individuais, cada qual constitui uma ilha, com suas fraquezas, suas depressões, suas frustrações, suas desconfianças e temores. Além disso, a decadência é geral: Trata-se de "velha cidade portuária", com aspecto de "cidade em ruínas", conservando "sequelas de um passado faustoso". Mais adiante, levanta-se a lenda de que essa terrinha infeliz estaria sob a "maldição do padre". Se o espaço é a extensão da personagem, este romance soube adequar perfeitamente um ao outro. Importante notar também o contraste entre o passado e o presente: a liberdade, os debates, a confiança mútua na Universidade — e o isolamento, o individualismo, o temor e a desconfiança reinantes no confinamento na ilha. Aliás, esse espaço — a cidade portuária com seu mundo de marginalidade — assemelha-se muito ao dos contos de *A Coleira de Peggy*. Não só locais, com o Bar do Marinheiro ou a casa de mulheres Ninho das Garças, mas personagens como a prostituta Bunda Rica e o comerciante de exportação, Herr Fischer, são comuns aos dois livros. Entretanto, parece-nos que a ilha, paisagem dos contos, se coaduna mais com São Francisco do Sul, enquanto esta "ilha do Sul", assemelha-se mais a Florianópolis,

embora haja referência às "serras de Curitiba", p. 116.

Muitas personagens trazem fortes traços caricaturescos — como a professora, prostituta assumida, Giza, que na França descobre o verdadeiro amante de tradição milenar; Ramira, a pudica, conservadora, de instintos reprimidos; Eduardo, o fresco, com sua cadelinha; Herr Fischer, figura que se avoluma no livro, através do seu caráter essencialmente aproveitador, alemão superior que foi humilhado, abjurou a Hitler e queimou a bandeira alemã para tornar-se getulista, depois fez sua superioridade e arrogância, enquadrando-se em todos os esquemas que lhe poderiam ser proveitosos; Mister Brown, inglês rico e velho, com seus tradicionalismos e apegos nacionalistas; Selma, a Mulher-paixão, sedativa nas depressões de Breno, que se sujeita a todas as variações na sua concepção de fidelidade. E Breno encarna dramaticamente o ser aniquilado, a personalidade reduzida a vacilações, à angústia, ao terror constante, num universo vazio de sentido, individualista nos interesses, condenado à decadência inevitável. Altamente significativo é, nesse sentido, o capítulo final, como que um angustiante pesadelo, em que a solidão e o terror lhe impõem a sensação total de derrota e decadência, num verdadeiro painel polifônico, entrecortado pelo grilante simbolismo da cerca de arame farpado.

As personagens, no retrato cru que o autor delas traça, aproximam-se da concepção naturalista, frequentemente captadas no seu viver instintivo, na sua condição degradada, razão das imagens zoomorfitantes a elas aplicadas. Logo no início, o maior apresenta "testa bovina" (p.8); Breno, salvo, da prisão para o confinamento na ilha, "Julga-se como um boi solto em imenso prado, um boi que se cansará..." (p.1); na grotesca cena em que Hugo possui a prostituta inenstruada, Bunda Rica, ele é visualizado "todo abalado como se fosse um bode sentado sobre as patas traseiras" (p.29); Pastor Fischer, após desencaminhar-se, "perseguiu as mulheres casadas como as solteiras, virou um garanhão, por arte do Demônio" (p.40); Giza, a prostituta eliminada da Universidade, é vista como "uma égua árabe" (p.52); o reitor da Universidade, devido à corrupção e trapaças, é tratado como "o velho rato". O ser humano apresenta-se, pois, "degradado", "arrastado" pelas circunstâncias, aviltado na sua verdadeira concepção, o que se coaduna perfeitamente com a cosmovisão denunciada. Entretanto, há personagens em que sentimos vibrar intenso o sentimento humano — a solidariedade, o carinho, a necessidade de compreensão — como a marcante amizade entre Breno e Hugo; a ternura ingênua de Selma, tão simples e pura, "tão primitiva é humana", como Breno a sente quando a procura como sedativo para seu tédio (cap. 16); a angústia existencial do diabólico Herr Fischer, revelando suas carências humanas a Breno, em busca de alívio e compreensão (cap. 19).

E o romance encontra seu lado forte ao posicionar-se lúcida e corajosamente no contexto político-social brasileiro. Aspectos ideológicos múltiplos a questões sociais são debatidos na Universidade: a realidade social do homossexualismo, o controle da natalidade, o papel social da Igreja. Problemas mais candentes são enfocados em tom de denúncia, como: a corrupção e a opressão que geram a decadência, os impasses surgidos com a abertura democrática do presidente; as atitudes do presidente, visto por alguns como "um mistificador" que "brinca de reformador"; os ideais dos regimes socialistas em confronto com o capitalismo;

o nacionalismo e as multinacionais; a direita e a esquerda; os perigos de uma reação revolucionária, representando um retrocesso democrático; uma nova ditadura de direita, a opressão e a falta de liberdade de imprensa; e sobretudo a profunda ironia da "nova ordem", gritante no vigor da denúncia: "Quando os grandes interesses internacionais são ameaçados pelos institutos democráticos e se estabelece, como você diz, uma Nova Ordem" (p.66). Mas, por detrás dessas questões postas em debate, aflora a denúncia a muitos outros aspectos vivenciados: o contrabando no porto marítimo o recurso aos lóxicos, a profunda depressão sócio-político-cultural, após o sugerido movimento revolucionário, o desrespeito à vida, à liberdade, ao ser e aos direitos humanos.

Entretanto, nunca o autor se exacerba, nunca assume atitudes parietárias, denunciando, sim, em tom desiludido e amargo — coerente com as atitudes da personagem condutora do relato, Breno, um homem desiludido e destruído, "gato escaldado", que se move com angústia e mesmo com terror em meio a um ambiente de imprevisíveis reações e atitudes — mas permitindo sempre o debate, a acusação e a defesa, a exposição dos prós e dos contras, para que o leitor possa assumir sua própria conclusão. A ilha decadente, a visão individualista de seus principais líderes, o vazio e a angústia gerais que se avolumam na consciência de Breno constituem símbolos altamente expressivos e extensivos a um contexto sócio-político bem mais amplo. E o leitor não poderá desconhecê-lo.

Quanto ao título — *A Maça Triangular* — parece-me carregar-se de profundo simbolismo ideológico. A justificativa estaria em lembranças da infância de Breno — a advertência do Padre Miguel ao menino: "a maçã tem a forma de triângulo", ela é "a representação do pecado", "a maçã do pecado é triangular". "A maçã triangular era fonte da vida e de todos os prazeres" (p.27) — e o próprio Padre fugiu com a maçã triangular de Dona Noca. Essa referência sexual-erótica não representa novidade na obra de Holdemar. Entretanto, no romance, parece-me que a significação do erotismo vai bem mais longe do que a busca do prazer. Breno, enquanto livre e professor consciente, teve vida sexual muito moderada, mesmo provocado por Giza. A sua angústia e tédio, no confinamento, é que o levaram a encarar o sexo como uma compensação e fuga, principalmente em Selma e sua "maça amorosa". Ela "tem diazepam entre as pernas" e tranquiliza. Por que então tomar a metralhadora do marinheiro, tomar a cidade, acordar a ilha do Sul, se é melhor "dormir entre as coxas de Selma"? "O problema é manter o povo tranquilizado" — e nada melhor do que os "pêlos sedosos e perfumados de sua maçã amorosa" (cap. 19). A maçã triangular representa, pois, a compensação, a fuga, a alienação, o alívio, a terapia para a angústia existencial, para acalmar e desviar a consciência política. E a liberalidade da censura, acarretando a invasão da pornochanchada no cinema, no teatro, e a proliferação de revistas eróticas, ali está.

Holdemar Menezes revelou lúcida consciência do momento político-social brasileiro e grande maturidade literária neste *A Maça Triangular*, um romance comprometido com a vida, com o homem, com a realidade em que vivamos. Não é romance de puro entretenimento. É leitura para quem não tem medo de assumir sua posição no contexto político-social que nos cerca. É um romance de compromisso, que vem enriquecer a consciência da intelectualidade brasileira.



A maçã triangular

Donald Schuler

A maçã triangular do catarinense Holdemar Menezes é um livro caótico, a Ilha do Sul, onde se desenrola a ação do romance, oferece cenário ao caos.

Porto marítimo em decadência, Ilha do Sul mostra-se como um armazém em que se encontra de tudo. Entre as personagens principais, figuram um teuto-brasileiro, Herr Fischer, sucessivamente nazista, getulista e revolucionário anti getulista; Hugo, um marinheiro sueco indeciso entre o lar e o navio; Mister Brown, cônsul inglês, há 35 anos radicado no Brasil e casado com teuto-brasileira, apesar de seu intransigente apego aos hábitos ingleses; o Pastor Hans Fischer, decadente e ébrio; Breno professor universitário, confinado na ilha por motivos políticos.

Por cima deste mostruário de homens aproximados pelas contingências e que não se unem para construir uma nova civilização, paira o olhar neutro e observador de Breno. Os esforços deste para fugir do isolamento que prende, todos em si mesmos, fracassam. Hugo, a quem

se afeiçoara como irmão, morre assassinado numa terra distante; Selman em quem derramava suas angustias, desaparece.

Ninguém tem raízes na ilha. As personagens não se afeiçoam a terra, não pensam em desenvolvê-la, não se organizam numa sociedade para um projeto comum.

As idéias participam do mesmo destino das personagens. Elas entram na ilha com as recordações de Breno. Não são provocadas por necessidades locais. Como as personagens, as idéias, que cobram muitas páginas em discussões, soam à maneira de estilhaços de sistemas significativos em outras circunstâncias. As idéias estão a tal ponto desarraigadas que parecem no se último capetulo desprendidas até das personagens. Aparecem como segmentos autônomos, não proferidas por ninguém e não dirigidas a ninguém.

Teremos em A maçã triangular uma visão crítica da cidade de Florianópolis? Confirmada a hipótese, o livro inscreve na tradição da ficção

brasileira, voltada desde o princípio para a interpretação física e humana do Brasil, e a capital catarinense encontrou o seu romancista. Observador, arguto, o romancista não se deixa seduzir pela paisagem fascinante, não lança sobre a cidade olhos de turista, nem se preocupa em alimentar sonhos turísticos. Empenha-se, ao contrário, em destruir ilusões para resolver mundos que não desfilam na rua em tarde batidas de sol.

A forma na criação artística autêntica não se acrescenta de fora, nasce do confronto dialético com a realidade, e neste confronto sustenta-se o mundo inventado em autonomia e poder de denúncia.

O romance ergue-se sobre dois sim-bolos, a maçã triangular, fonte sedutora e misteriosa da vida, e os detritos pútridos acumulados na praia, onde em horas mortas se revolvem os corpos de naufragos da vida. Entre estes dois extremos a morte é a vida, movimenta-se a ação do romance, com prevalência da morte. O

mundo em extinção. As personagens centrais são todas maduras e velhas, sobreviventes de uma decadência inevitável. Nem os mais esclarecidos estão empenhados em ação criadora. Alonso, o intelectual, o professor universitário, suicida-se na prisão; Breno, seu colega mais moço, limita-se a recordar e observar. Convidado a agir, recusa-se. Os demais estão exclusivamente preocupados consigo mesmos e perecem sem perda para a coletividade.

A força maior de Holdemar Menezes está na criação de personagens. Não se percebe nelas reprodução de estereótipos. Destacam-se com marcante individualidade.

A maçã triangular coloca-se expressivamente entre aqueles que à maneira de Ivan Angelo, Ruben Fonseca, Paulo Francis, Renato Pompeu, Antonio Callado procuram interpretar os conturbados anos de 60 e 70.

MENEZES Holdemar. A maçã triangular Porto Alegre, Movimento 1981.

Donald Schuler.